



ARMY UNIVERSITY
PRESS

Military Review

REVISTA PROFISSIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA

SEGUNDO TRIMESTRE 2019

EDIÇÃO BRASILEIRA

Military Review

SEGUNDO TRIMESTRE 2019

O Parceiro Preferido p3

Laurie W. Rush
Amanda Hemmingsen

A Cooperação Técnico-Militar entre Brasil e Rússia p46

Imanuela Ionescu

○ Emprego das Forças Armadas Mexicanas no Combate ao Crime Organizado p70

Ten Cel Marcelo Neival Hillesheim de Assumpção, Exército Brasileiro

CENTRO DE ARMAS COMBINADAS, FORTE LEAVENWORTH, KANSAS

<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/Edicao-Brasileira/>

<https://www.facebook.com/MilitaryReviewLATAM>

https://twitter.com/MilReview_LATAM

PB -100 -19 - 4 / 5 / 6

Headquarters, Department of the Army

PIN: 204566-000

Approved for public release; distribution is unlimited

3 O Parceiro Preferido

A Proteção do Patrimônio Cultural Durante as Operações Militares

Laurie W. Rush
Amanda Hemmingsen

Os recentes esforços para a proteção do patrimônio cultural sugerem um início promissor para que o Exército dos EUA amplie sua capacidade de construir parcerias por todo o mundo. Uma arqueóloga militar argumenta que a proteção das heranças culturais tornou-se um componente essencial para ajudar a promover a coesão de uma coalizão de países.

22 Os Russos da América Latina

Moscou em Busca de Influência sobre as Comunidades de Língua Russa na Região

Brian Fonseca
Vladimir Rouvinski

Os autores analisam a evolução da mobilização da diáspora russa na América Latina e Caribe, avaliando seu potencial para apoiar os objetivos da política interna e externa da Rússia.



Foto da Capa:

O primeiro astronauta brasileiro, Marcos Pontes, participa de treinamento de gravidade zero em 13 Fev 06 a bordo de um avião perto de Moscou. Pontes decolou do Cosmódromo de Baikonur no Cazaquistão em 30 Mar 06 com o cosmonauta russo Pavel Vinogradov e o astronauta norte-americano Jeffrey Williams. Passou oito dias na Estação Espacial Internacional antes de retornar à Terra com a equipe sendo substituída. (Foto da Associated Press)

31 Uma Perspectiva Proveniente da Ásia Central sobre o *Soft Power* Russo

A Visão de Tashkent, Capital do Uzbequistão

Robert F. Baumann

Um professor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, especializado na Rússia, Leste Europeu e Ásia Central analisa o emprego do soft power russo, em particular, sobre o Uzbequistão.

59 Desvendando Padrões de Pensamento Ocultos na Guerra

O Jogo de Go comparado ao Xadrez

Maj Jamie Richard Schwandt, Exército dos EUA

O vencedor do Concurso de Escritores MacArthur compara dois jogos clássicos, o xadrez e o Go, para descrever a diferença entre os modelos estratégicos do Ocidente e do Oriente.

46 A Cooperação Técnico-Militar entre Brasil e Rússia

Fruto da Ordem Mundial Pós-Guerra Fria

Imanuela Ionescu

A autora analisa o surgimento gradativo da efetiva aliança estratégica e tecnológica que hoje existe entre a Rússia e o Brasil e a razão por trás desse surgimento.

70 O Emprego das Forças Armadas Mexicanas no Combate ao Crime Organizado

Ten Cel Marcelo Neival Hillesheim de Assumpção, Exército Brasileiro

Este artigo analisa o emprego das Forças Armadas Mexicanas no combate ao crime organizado, identificando lições para outros países, tendo em vista o papel das forças armadas na área de segurança pública na maioria das nações latino-americanas.

Military Review

THE PROFESSIONAL JOURNAL OF THE U.S. ARMY

Segundo Trimestre 2019 Tomo 74 Número 2
Professional Bulletin 100-19-4/5/6
Authentication no. 1904407

Comandante, Centro de Armas Combinadas:
General de Divisão Michael D. Lundy

Diretora e Editora-Chefe da Military Review: Coronel Katherine Guttormsen
Editor-Chefe das Edições em Inglês: William M. Darley
Editor-Chefe, Edições em Línguas Estrangeiras: Miguel Severo
Gerente de Produção: Tenente-Coronel Andrew White
Assistente Editorial: Linda Darnell

Edições Ibero-Americanas

Diagramador/Webmaster: Michael Serravo
Assistente Editorial: Danielle Powell

Edição Hispano-Americana

Tradutor/Editor: Emilio Meneses
Tradutor/Editor: Ronald Williford

Edição Brasileira

Tradutor/Editor: Shawn A. Spencer
Tradutora/Editora: Flávia da Rocha Spiegel Linck

Assessores das Edições Ibero-americanas

Oficial de Ligação do Exército Brasileiro junto ao CAC/EUA e Assessor da Edição Brasileira: Cel Alessandro Visacro

Military Review – Publicada pelo CAC/EUA, Forte Leavenworth, Kansas, trimestralmente em português e espanhol e bimestralmente em inglês. Porte pago em Leavenworth Kansas, 66048-9998, e em outras agências do correio.

A correspondência deverá ser endereçada à Military Review, CAC, Forte Leavenworth, Kansas, 66027-1293, EUA. Telefone (913) 684-9338, ou FAX (913) 684-9328; Correio Eletrônico (E-Mail) usarmyleavenworth.tradoc.mbx.military-review-public-em@mail.mil.

A Military Review pode também ser lida através da internet no Website: <http://www.militaryreview.army.mil/>. Todos os artigos desta revista constam do índice do Public Affairs Information Service Inc., 11 West 40th Street, New York, NY, 10018-2693.

As opiniões aqui expressas pertencem a seus respectivos autores e não ao Departamento de Defesa dos EUA ou seus elementos constituintes, a não ser que a observação específica defina a autoria da opinião. A Military Review se reserva o direito de editar todo e qualquer material devido às limitações de seu espaço.

Military Review Edição Brasileira (US ISSN 1067-0653) (UPS 009-356) is published quarterly by the U.S. Army, Combined Arms Center (CAC), Ft. Leavenworth, KS 66027-1293.

Periodical paid at Leavenworth, KS 66048, and additional mailing offices. Postmaster send corrections to Military Review, CAC, Truesdell Hall, 290 Stimson Ave., Ft. Leavenworth, KS 66027-1293.

Mark A. Milley—General, United States Army Chief of Staff

Official: 

Gerald B. O'Keefe—Administrative Assistant to the Secretary of the Army

81 A Promoção da Resiliência em Militares Envolvidos em Missões de Paz

Cap Léo Peracche de Oliveira Junior, Exército Brasileiro
Angela Nogueira Neves, Escola de Educação Física do Exército

Considerando o envolvimento cada vez maior do Brasil em missões de paz, os autores exploram os fatores resilientes em possíveis situações traumáticas para as tropas e analisam a experiência da 1ª Cia Fuz do 14º Contingente/BRABATT1, com o intuito de contribuir para a reflexão sobre o tema.

O Parceiro Preferido

A Proteção do Patrimônio Cultural Durante as Operações Militares

Laurie W. Rush

Amanda Hemmingsen

No ambiente operacional e sociopolítico atual, a capacidade efetiva de construir parcerias com organizações militares de países culturalmente diferentes tem se mostrado uma habilidade essencial para as Forças Armadas dos EUA, tanto em termos estratégicos quanto táticos. Podemos prever muitos poucos cenários nos quais os Estados Unidos irão conduzir uma ação militar unilateral em terras estrangeiras.

Sejam as operações de combate em larga escala, a luta contra o Estado Islâmico, as operações de ajuda humanitária e de resposta a desastres naturais (ou provocados pelo homem), a interdição de armas e drogas para traficantes ou a execução de uma grande variedade de outras missões, as Forças Armadas dos EUA operarão rotineiramente, de forma impositiva, por meio de coalizações e dentro de ambientes onde o êxito dependerá, em



grande medida, da capacidade de os soldados dos EUA desenvolverem um entendimento acerca da cultura, dos costumes, do treinamento e dos processos mentais dos nossos aliados, bem como dos povos entre os quais operaremos e dos oponentes que enfrentaremos.

Como consequência, o sucesso operacional futuro talvez seja, no final, decorrente de quão bem desenvolvamos um sofisticado entendimento daquilo que motivará nossos parceiros de coalizão a manterem seu compromisso com a realização de objetivos comuns.

Para alcançarmos tais níveis de sofisticação e de profundidade de entendimento cultural, é evidente que precisaremos “treinar da mesma forma que lutaremos” em ambientes estrangeiros. Tais oportunidades para instrução cultural assumirão várias formas: exercícios de coalizão, jogos de guerra, projetos civil-militares, seminários executivos e outros eventos de treinamento projetados de forma criativa. Além disso, o planejamento de cada atividade operacional precisa ser considerado de forma mais ampla, de acordo com seu impacto cultural. Não devemos nos limitar, tão somente, aos objetivos militares imediatos de qualquer atividade de treinamento ou contingência real. Ao contrário, devemos ter em mente os impactos operacionais e estratégicos de longo prazo que nossas ações podem ter em outros fatores intrínsecos ao planejamento.

Contexto dos Antecedentes

Os Estados Unidos são uma nação relativamente jovem, que surgiu como um país que se orgulha da amalgama e homogeneização da identidade nacional de imigrantes de diversas origens em uma tentativa contínua de forjar uma única nação centrada em torno de uma narrativa nacional compartilhada e concreta. Procurou fazê-lo ao instilar nos novos cidadãos aquilo que Samuel Huntington, um acadêmico da Harvard, se referiu como sendo o credo americano — uma narrativa nacionalista que tenta inculcar uma percepção de que os norte-americanos são vinculados, um ao outro, por uma identidade nacional especial que é supostamente baseada no respeito a valores e direitos humanos naturais compartilhados, especialmente, os direitos individuais¹.

Página anterior: Dhief Muhsen, o curador dos sítios históricos em Ur, mostra aos militares da 36ª Brigada de Combate de Aviação como era a cidade iraquiana há vários mil anos, 18 Nov 06. (Sgt Lorin T. Smith, Exército dos EUA)

Quase sempre, para o norte-americano comum, que é aculturado ao longo do tempo pelo credo americano, é difícil entender ou se relacionar às culturas mais antigas e calcificadas, que formaram sua identidade comunitária por meio de vínculos psicológicos profundamente arraigados e que talvez não adotem os valores ou direitos individuais naturais como algo universal, ou, tampouco, deem a ênfase americana singular nas abstrações relacionadas ao individualismo e aos direitos individuais. Em outras culturas, lugares sagrados e relíquias culturais servem frequentemente como emblemas e âncoras essenciais da identidade comum, especialmente entre as comunidades que têm crescido envoltas em tradições culturais profundamente enraizadas, as quais são fortalecidas pelos rituais e práticas antigas, algumas delas, comprovadamente, com antecedentes de centenas (senão milhares) de anos.

Por exemplo, durante o primeiro domingo de maio de cada ano, dezenas de milhares de cidadãos turcos se reúnem na antiga cidade de Sárdis. Essa comemoração antecede ao surgimento do cristianismo e do islamismo, refletindo uma tradição de devoção sazonal vinculada à veneração antiga da deusa Artêmis, um culto centrado anteriormente no templo em Sárdis. Acredita-se que as atuais comemorações são remanescentes de rituais praticados no mesmo lugar desde a Antiguidade.

A participação em tais eventos não representa simplesmente diversão comunitária tradicional.

Laurie Rush, PhD, é antropóloga e arqueóloga do Exército dos EUA, que trabalha junto à 10ª Divisão de Montanha. É bacharel pela Indiana University Bloomington e mestre e doutora pela Northwestern University. Além disso, é bolsista da American Academy em Roma, acadêmica da University of Pennsylvania e pesquisadora associada do Smithsonian [Institute]. Ela leciona internacionalmente e recomenda a implementação de proteção de patrimônio cultural durante as operações militares dos EUA e da OTAN como um componente de êxito da missão.

Amanda Hemmingsen se formou na University of Kansas com mestrado em Literatura e Teoria de Inglês. Trabalhou por três anos na Army University Press como editora de manuscritos, membro do conselho editorial da *Military Review*, instrutora do idioma inglês e mentora de redação profissional, trabalhando com autores aspirantes, para ajudá-los a refinar suas habilidades e atingir suas metas de publicação.

Para muitas pessoas, celebrações em velhos locais venerados reforçam e concretizam um sentido de continuidade e identidade para a comunidade, proveniente de um tempo remoto e quase esquecido. A resposta de uma jovem participante para quem foi perguntado o motivo de ter ido à celebração ressalta uma ligação cultural profunda, que muitos cidadãos turcos associam com o local: “estamos aqui para estarmos em lugares muitos antigos”².

Da mesma forma, uma fé no poder das antigas tradições culturais com o propósito de vincular os moradores das comunidades atuais com as do passado é evidente por todo o Levante, Iraque e Afeganistão. Nesses locais, é comum ver sepultamentos em sítios antigos. Uma das explicações recorrentes para esse fenômeno, que é dada aos estrangeiros, assegura que muitos cidadãos buscam na morte ter seus restos fúnebres entrelaçados na continuidade da história e das glórias encontradas nas antigas raízes de suas civilizações ancestrais.

Os planejadores militares norte-americanos devem estar plenamente conscientes de que tal ligação arraigada às origens e aos antepassados de uma comunidade não é uma opinião pitoresca

ou minoritária, senão o padrão de referência prevalecente para a maioria de pessoas do mundo e, portanto, um componente essencial do entendimento de “como” e “porque” as pessoas se comportam de uma maneira quando analisadas do ponto de vista da segurança.

Com respeito a como esses conceitos se aplicam à eficácia relativa das operações militares, as habilidades aprimoradas para fazer parcerias efetivas com

instituições militares de outros países com perspectivas culturais e antecedentes bem diferentes dos nossos não devem ser vistas, apenas, como “valor agregado”, mas como algo estratégica e taticamente essencial, conforme as culturas do mundo se aglutinam em uma sociedade global muito competitiva. Para muitas pessoas dos países com quem trabalhamos, as características da herança cultural são símbolos poderosos e vívidos de orgulho na sua identidade nacional e são, portanto, componen-

tes essenciais para o efetivo estabelecimento ou restauração da estabilidade sociopolítica. Consequentemente, uma parte do nosso esforço prioritário deve ser direcionada ao entendimento dos artefatos e características tradicionais associados ao patrimônio cultural dos nossos parceiros e aliados, enfatizando a identificação de suas manifestações e emblemas físicos que eles consideram inestimáveis e invioláveis.

Tal método é um componente necessário da estratégia na era moderna visando à formação e manutenção de sólidas parcerias.

Além disso, essa abordagem não produz apenas entendimento e vínculos mais profundos entre parceiros, mas cria também uma oportunidade para que as Forças Armadas dos EUA exibam os valores que estão por trás do envolvimento norte-americano ao longo das operações de coalizão — um compromisso com a preservação, ou restauração, de uma paz baseada em nosso sentido universal de decoro humano e de



Famílias turcas se reúnem para o festival da primavera que ocorre no sítio arqueológico do antigo Templo de Artêmis, em Sárdis, na Turquia. É provável que essas celebrações ocorram por mais de dois mil anos. (Foto por Laurie Rush)

respeito aos outros, como um meio para a promoção da estabilidade em suas sociedades.

A Proteção do Patrimônio Cultural

Em virtude do reconhecimento de que a proteção das heranças culturais seja um componente essencial de uma estratégia gradual destinada a promover a coesão de uma coalizão, alguns segmentos das Forças Armadas dos EUA já começaram a usar a “proteção de patrimônio cultural” (PPC) como base para o estabelecimento de novas parcerias. O uso da PPC não é apenas uma responsabilidade moral relativa à preservação da herança de um povo em seu sentido prático, ela ajuda, também, os militares dos EUA a adquirirem um discernimento profundo sobre a mentalidade do seu parceiro ou das potenciais organizações militares aliadas, ao observarem cuidadosamente o que elas mais valorizam em termos de preservação da cultura da sua própria nação e as razões por isso.

Como resultado, a PPC oferece um entendimento mais acurado em termos de inteligência cultural, bem como uma abordagem menos ameaçadora para conseguir um entendimento comum, ao prover uma excelente plataforma para o engajamento transcultural e internacional. Quando aplicado, esse método já resultou em um impressionante histórico de sucesso. Alguns exemplos de lições aprendidas são discutidos abaixo, demonstrando a eficácia da PPC em um variado conjunto de circunstâncias e

formas de engajamento com parceiros e aliados. Os exemplos são provenientes do Oriente Médio, da América do Sul e da África, ilustrando o potencial global desse método.

Engajamentos de Proteção de Patrimônio Cultural no Oriente Médio

Durante as operações de combate em 2003, fuzileiros navais dos EUA e forças polonesas ocuparam o sítio arqueológico da antiga cidade da Babilônia. Antes da guerra, a Babilônia era um lugar que inspirava grande orgulho nacional entre os iraquianos, uma vez que era considerada evidência tangível das antigas raízes da civilização iraquiana e das contribuições que seus antepassados tinham oferecido ao crescimento da civilização humana. Considerando seu significado, Saddam Hussein atribuiu grande ênfase ao uso do sítio com a finalidade de propaganda, visando a promover a identidade e a unidade nacionais do Iraque. Além disso, a Babilônia atraiu amplo interesse mundial por seu valor religioso. O destino da Babilônia era de interesse particular para a comunidade internacional de cristãos e judeus, devido à sua proeminência nos relatos da

Ruínas do Templo de Artêmis, em Sárdis, Turquia, 8 Mai 11. O templo data do VI Século aC. A cada primavera, milhares de famílias turcas se reúnem aqui para o festival. (Foto por Laurie Rush)

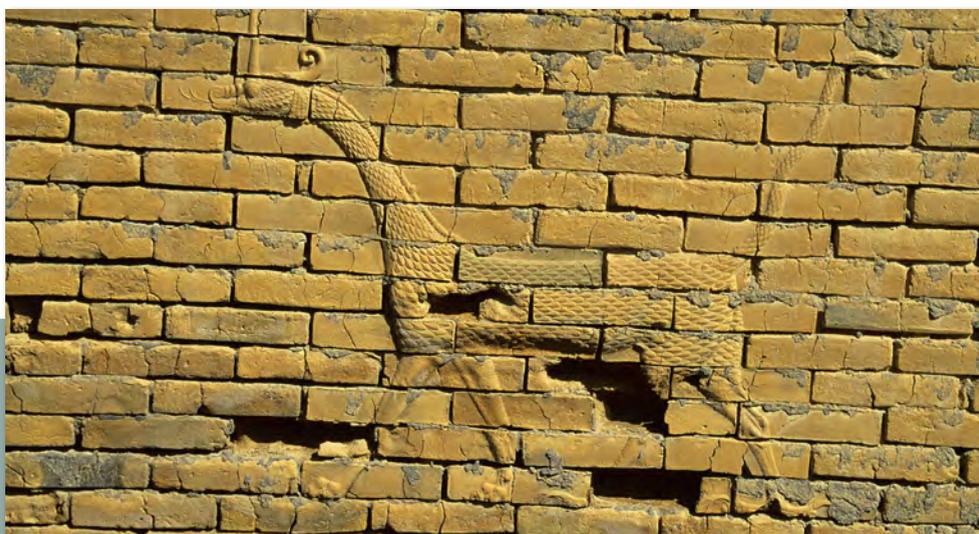


Bíblia judaico-cristã. Assim, pela perspectiva histórica do Ocidente e do Oriente Médio, o sítio foi distinguido, desde o início, entre os locais mais importantes e icônicos do planeta, justificando que fosse selecionado para prioridade de proteção militar. Consequentemente, os planejadores da coalizão, no início da guerra, estavam suficientemente atentos quanto à necessidade de enviar forças para essa área, com a finalidade específica de proteger o sítio de possíveis saqueadores.

Infelizmente, nenhuma das forças enviadas estava preparada para ocupar qualquer tipo de sítio arqueológico, muito menos um de tamanho significativo. Antes do outono de 2004, danos ao sítio feitos pelos próprios militares se tornaram uma notícia negativa amplamente veiculada pela mídia internacional contra a coalizão liderada pelos EUA. O prejuízo causado à Babilônia não deixou apenas uma imagem muito negativa das Forças Armadas dos EUA por todo o mundo, em relação à sua aparente insensibilidade para com as culturas nativas do Oriente Médio em geral, mas também criou a impressão localizada entre os parceiros de coalizão do Oriente Médio de que os Estados Unidos não demonstravam respeito e não se preocupavam especificamente com a herança da antiga Mesopotâmia, um golpe devastador ao prestígio da coalizão e à confiança interna⁴.

Ao aprender com os danos feitos na Babilônia, o engenheiro ambiental do Comando Central

dos EUA (US CENTCOM) e alguns integrantes do Gabinete do Secretário do Estado-Maior Conjunto perceberam que o CENTCOM precisava ser mais proativo quanto ao reconhecimento e à minimização de prejuízos a outros sítios arqueológicos durante a ocupação do Iraque e a presença de tropas dos EUA em outros lugares, por uma variedade de razões políticas e humanitárias. Além disso, perceberam que os Estados Unidos só poderiam reconquistar a superioridade moral e de operações de informação nessa área de preocupação se demonstrassem aos parceiros de coalizão por todo o Oriente Médio que os EUA estavam comprometidos a tomar as ações apropriadas



Um relevo de mušhuššu (dragão) no muro oeste do portão abaixo de Ishtar, tirado em 2002, na Babilônia, Iraque. Investigadores concluíram que muitos dos danos às figuras mušhuššu ocorreram quando a área estava sendo usada como uma base para as forças norte-americanas e polonesas. Possivelmente, foram causados ao mesmo tempo por uma ou mais pessoas tentando remover tijolos decorados. Tanto um relatório da UNESCO, de 2009, quanto outro do Departamento de Estado dos EUA, de 2010, documentaram extensivamente os danos atribuídos às atividades de escavação e de construção relacionadas ao estabelecimento do Camp Alpha, em 2003 e 2004. (Jane Sweeney, Art Directors and TRIP/Alamy Stock Photo)

Um relatório detalhado elaborado pelo Departamento de Estado dos EUA sobre os danos causados no sítio arqueológico na Babilônia pelo líder iraquiano Saddam Hussein — e depois pelo impacto adverso da ocupação do sítio pelas forças norte-americanas e polonesas a partir de 2003 — podem servir como

um recurso útil para comandantes e planejadores de estado-maior que se depararem com missões em terreno culturalmente sensível, como sítios arqueológicos. O relatório "April 2010 Report on Damage to the Site of Babylon, Iraq" pode ser visto em: <https://eca.state.gov/files/bureau/babylondamagereport.pdf>.

para proteger efetivamente a Babilônia, bem como impedir problemas futuros, ao estabelecer um programa da PPC para ajudar a evitar esse tipo de ocorrência negativa em outros sítios históricos.

Nos Estados Unidos, a proteção e a gestão militares dos sítios arqueológicos se encaixam na categoria ambiental. Dentro da organização típica de uma instalação militar no território norte-americano, o arqueólogo ou gerente de recursos culturais da base ou da guarnição militar trabalha para o programa do meio ambiente situado dentro da Diretoria de Obras Públicas. Os programas militares do meio ambiente controlam os resíduos tóxicos, resíduos sólidos, resíduos radioativos, petróleo, reciclagem, qualidade da água, qualidade do ar, florestas, terra e espécies

ameaçadas. Dentro de cada comando conjunto, os engenheiros militares assumem responsabilidade pelo patrimônio cultural e todos os outros aspectos da conformidade ambiental. Cada comando conjunto deve dispor de um engenheiro ambiental (tenente-coronel ou equivalente) trabalhando em tempo integral.

Em 2006 e 2007, sérios problemas ambientais, além dos danos na Babilônia, começaram a surgir no Iraque. A imprensa começou a dar destaque a poços de lixo incendiados, cuja fumaça e resíduos produzidos eram potencialmente nocivos. O engenheiro ambiental do CENTCOM, Ten Cel Daniel Brewer, foi incumbido da resolução de uma série de problemas. Quando o Gabinete do Secretário de Defesa apresentou sua lista de prioridades ambientais a Brewer,

Um cemitério muçulmano ao lado do Muro Leste da Cidade Antiga de Jerusalém. (Nikodem Nijaki via Wikimedia Commons)



a arqueologia ficou entre as cinco prioridades mais altas. É possível que o interesse pessoal na preservação histórica pela Primeira Dama Laura Bush tenha contribuído para essa prioridade.

Em resposta parcial à experiência negativa do CENTCOM na Babilônia, Brewer e seus colegas decidiram acrescentar as preocupações relativas à PPC como pauta durante exercícios no Oriente Médio, incluindo os tradicionais jogos de guerra *Bright Star*, no Egito, e duas variantes do exercício *Eagle Resolve*, uma em Abu Dhabi e outra no Catar. Além disso, Brewer acrescentou o assunto de proteção de patrimônio cultural a uma série de engajamentos de parceria ambiental na Jordânia, bem como duas *shuras* (reuniões entre comandantes da coalizão e proeminentes chefes regionais e locais) sobre o meio ambiente, em Cabul⁵.

Bright Star, 2007. Para a Operação *Bright Star* no Egito, em 2007, a PPC consistia em um engajamento de pequena escala com arqueólogos egípcios, incluindo um *briefing* de conhecimento e visitas a sítios culturais para um pequeno grupo de oficiais da coalizão. Durante um desses *briefings*, um dos mergulhadores da Marinha, em um momento de sorte, perguntou sobre as operações de demolição propostas em Abu Qir, no porto de Alexandria. As operações navais coordenadas, incluindo a demolição submarina, tinham tradicionalmente sido uma parte dos exercícios, e os mergulhadores egípcios e norte-americanos planejavam o evento conjuntamente. O porto de Alexandria, como muitos lugares no Egito, é pródigo em sítios arqueológicos ainda não escavados, remontando até talvez 3000 aC. Entre os mais proeminentes sítios conhecidos está a fundação do Farol, que servia à antiga cidade de Alexandria, considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Construído entre 280 e 247 aC, servia não apenas para guiar navios carregados com bens de comércio destinados aos mercados do Egito, mas também como um símbolo internacional da riqueza, sofisticação e realizações egípcias para todos que chegavam ao Egito, incluindo Júlio César. Ao longo do tempo, conforme o Egito perdeu prestígio e poder, a torre sofreu com a degradação e, no final, desmantelada para que suas pedras fossem usadas em outras estruturas. No entanto, tinha sobrevivido por quase mil anos e, como tal, tornara-se um componente bem conhecido da tradição e do folclore popular, um símbolo emblemático das realizações científicas e arquitetônicas do passado egípcio. Já no

início do Século XX, presumia-se que a maioria dos restos estivesse debaixo da água no porto de Alexandria. Em 1994, arqueólogos franceses descobriram as ruínas do farol no leito do porto, junto com evidências de uma quantidade maior de artefatos não examinados. Como resultado do interesse gerado pela preocupação do mergulhador da Marinha, as coordenadas do local da demolição proposta foram compartilhadas com dois egiptólogos proeminentes que trabalhavam na região. Dentro de 24 horas, todos os locais foram analisados e considerados isentos de perigo às ruínas arqueológicas.

O envolvimento de arqueólogos distinguidos na identificação de perdas potenciais de antiguidades demonstrou, de uma forma muito visível, aos egípcios de que os EUA respeitavam e se preocupavam com a proteção e a preservação da herança cultural daquele país. Também demonstrou a todos os planejadores envolvidos no exercício a viabilidade do conceito de proteção de patrimônio cultural. Como resultado, o exercício *Bright Star 2007*, estabeleceu tanto o precedente quanto um modelo para a coleta de informações e análise paisagística que podem ser usadas em campanha, em qualquer lugar e a qualquer momento.

A programação dessas reuniões de conhecimento com os parceiros e as visitas culturais são eficazes em termos de tempo, bem como fomentam a boa vontade entre as partes. Por exemplo, sem o *briefing* inicial, o mergulhador da Marinha não teria tido um canal livre para reportar sobre ameaças não identificadas ao patrimônio cultural principal. A falha em identificar essas ameaças poderia ter levado à perda de oportunidades insubstituíveis de pesquisa e de turismo lucrativo para a população local, bem como prejudicar as relações com nossos parceiros egípcios. A incorporação de tais *briefings*, reuniões de coordenação e visitas aos sítios de elevada susceptibilidade é um método econômico de baixo risco com grandes recompensas potenciais em termos de desenvolvimento de confiança e um sentido de compromisso profundo entre aliados e parceiros de coalizão.

Bright Star, 2009. Devido, em grande medida, à experiência com a PPC em 2007, o componente do patrimônio cultural do *Bright Star* foi expandido, em 2009, para incluir reuniões com o secretário-geral do Conselho Supremo das Antiguidades Egípcias e visitas a Saqqara, El Alamein, a Cidadela do Cairo, o Museu Egípcio e o Museu Militar Egípcio. Duas valiosas lições surgiram do exercício *Bright Star, 2009*.



Acima: Uma reconstrução detalhada, feita em 2013, do Farol de Alexandria baseada em um estudo detalhado do prédio realizado em 2006. (Imagem cortesia de Emad Victor Shenouda via Wikimedia Commons)



À esquerda: Colunas no museu subaquático perto do antigo farol em Alexandria, Egito, 12 Set 10. (Foto cortesia de Roland Unger, Wikimedia Commons)

Primeiro, o engajamento mostrou aos planejadores norte-americanos os desdobramentos mais amplos dos aspectos psicológicos e de relações públicas que os danos feitos na Babilônia tinham produzido entre outros parceiros no Oriente Médio. Quando os generais egípcios que planejavam o *Bright Star* foram perguntados sobre os planos dos EUA para visitar sítios, eles descreveram, inicialmente, as forças dos EUA como “os destruidores da Babilônia, e as últimas pessoas que queremos que visitem nossas pirâmides”⁶. A perda de respeito nesse nível, especialmente no Oriente Médio, onde as memórias são longas, é danosa à construção de coalizões e difícil de se recuperar.

A segunda lição foi muito mais positiva. Depois da resposta desanimadora das forças militares egípcias, a equipe de educação sobre o patrimônio cultural se aproximou do Secretário-Geral, Dr. Zahi Hawass, e pediu permissão para acessar os sítios culturais. Hawass entendeu as metas do pedido americano e aprovou pessoalmente as visitas militares, tendo os soldados como seus convidados. Uma vez começadas as visitas aos sítios, os facilitadores acadêmicos descobriram que esse método de educação sobre a PPC foi extremamente eficaz. Essencialmente, a experiência demonstrou que quando a instrução ocorre no próprio sítio arqueológico ou em um museu, a aprendizagem se torna mais eficaz. A reação geral dos militares envolvidos na visita à Pirâmide de Degraus (Pirâmide de Djoser) em Saqqara era “Agora entendemos, ajude-nos a fazer da forma correta. Precisamos de mapas e informações”.

A identificação de efeitos secundários importantes. Além das lições básicas sobre a PPC referentes à identificação e ao respeito do patrimônio cultural, a visita a Saqqara demonstrou, também, o papel-chave que a preservação de patrimônio cultural pode ter em relação à formação de estabilidade econômica. Enquanto o grupo viajou entre o Cairo e Saqqara, o ônibus passou por uma série de comunidades em dificuldades econômicas. No entanto, conforme o grupo se aproximou do sítio, os participantes começaram a perceber que as comunidades lhes pareciam mais prósperas. No caso de Saqqara e dos vilarejos circundantes, a economia turística parece ter tido efeitos positivos por toda a região. A maior prosperidade parecia estar diretamente relacionada com a capacidade de atrair dinheiro do turismo no próprio sítio, no seu

museu e na compra de refeições e lanches nos arredores. Além disso, uma indústria de tapetes egípcios tinha aparecido na vizinhança imediata, pois parecia viável atender ao mercado turístico. Vale observar que os turistas que compram tapetes como lembranças apoiam não apenas os comerciantes de tapetes perto do sítio arqueológico, mas também os fazendeiros de ovelhas que fornecem as fibras para os tapetes.

Com base nessa experiência, as forças dos EUA incumbidas de missões de operações de estabilização desenvolveram um entendimento mais acurado do papel que os esforços de respeitar e proteger o patrimônio cultural podem ter nas operações de estabilização. O efeito contrário, também, é verdadeiro. Se o patrimônio cultural for inadvertidamente danificado ou destruído durante o curso de um conflito, a recuperação econômica pode ser comprometida no longo prazo.

Jordânia, 2009 e 2010. As experiências bilaterais na Jordânia foram, também, muito positivas. Oficiais jordanianos de alto escalão estavam muito receptivos às apresentações dos EUA sobre a PPC e muito interessados no conceito de gestão de recursos culturais domésticos em terreno militar. Um dos castelos no deserto no leste da Jordânia é localizado em uma área de treinamento militar, e um dos oficiais mencionou a importância de protegê-lo. Dessa forma, os jordanianos estenderam a oportunidade para discutir assuntos relacionados à cultura ao mencionar os desafios de treinamento de conhecimento cultural para seu pessoal. Como ressaltado por um comandante jordaniano, do mesmo modo que é benéfico para militares dos EUA aprenderem sobre as culturas e os costumes do Oriente Médio, os soldados beduínos sob seu comando precisavam aprender sobre a cultura e os costumes da Europa em virtude de sua missão de manutenção da paz nas comunidades litorâneas da Croácia.

Brewer garantiu, também, que os engajamentos no país incluíssem visitas aos mais importantes sítios arqueológicos jordanianos. Uma das experiências de aprendizagem mais valiosas nesse contexto foi uma visita realizada a Umm Qais, uma cidade greco-romana localizada na fronteira com a Síria. Umm Qais materializa o conceito de que “uma posição defensiva há 6.000 anos é uma posição defensiva atual”, e que é bem possível que militares modernos se encontrem em situações nas quais precisarão ocupar um sítio histórico de

grande importância. As Forças Armadas da Jordânia, de fato, têm torres de vigia naquele sítio, e seu exemplo demonstra que é possível minimizar a presença militar moderna em um local sensível como aquele.

A gestão de Ur. A gestão da antiga cidade de Ur pelo CENTCOM contrasta com os eventos na Babilônia. Saddam Hussein tinha estrategicamente construído sua base aérea em Talil, adjacente ao famoso “zigurate de Ur” e às ruínas daquela cidade. Um zigurate é uma espécie de templo sagrado mesopotâmico e os iraquianos tinham reconstruído suas muralhas externas e a escadaria cerimonial, fazendo a estrutura até mais icônica. A expectativa de Saddam Hussein era de que as forças da coalizão não bombardeariam Talil devido à sua proximidade com os sítios arqueológicos insubstituíveis, uma vez que isso geraria condenação pela comunidade internacional, — um exemplo cínico do uso de patrimônio cultural como escudo para uma instalação militar.

Em 2003, com a queda de Saddam Hussein e a dissolução das forças de segurança iraquianas, a pilhagem estava endêmica por todo o território nacional, mas a comunidade global de arqueólogos estava especialmente ansiosa em relação ao destino dos antigos sítios das cidades mesopotâmicas no sul do país, incluindo Ur.

Sob a perspectiva de proteção da força, a mera utilização de uma cerca para separar a antiga cidade da base militar teria criado uma situação inviável, com a possível ocorrência de conduta criminosa imediatamente adjacente à instalação protegida. Como resultado, as forças dos EUA estenderam o perímetro do cercado da base aérea, incorporando Ur. Começaram, também, a patrulhar a vizinhança dos dois sítios arqueológicos próximos, Eridu e Ubaid. Por conseguinte, em face da duração da presença dos EUA e da coalizão, esses sítios não foram submetidos à maioria dos danos experimentados por muitos outros patrimônios arqueológicos da região.

Entre 2003 e 2008, a maioria de Ur permaneceu dentro do perímetro protegido. Como rotina, os capelães da instalação organizavam visitas, sobretudo, para militares da coalizão e pessoas distinguidas ao zigurate e às ruínas reconstruídas, que eram tradicionalmente consideradas como o local onde nasceu Abraão, o patriarca bíblico alegado tanto por árabes quanto por judeus como o progenitor original das suas fés. Entretanto, por razões de segurança, cidadãos iraquianos não tinham permissão de acesso às ruínas da sua cidade e só podiam olhar à

distância pelo cercado, enquanto homens e mulheres vestidos em uniformes estrangeiros visitavam a sua herança, uma situação que fomentava ressentimento regional.

Em certo momento, um jovem soldado de guarda no portão negou acesso a Abdul Amir al-Hamdani, inspetor do sítio arqueológico de Nasiriyah. A situação inusitada criou desconforto e o caso chegou até o conhecimento do Gen Ex David Petraeus, então-Comandante da Força Multinacional no Iraque. No início, o general suspendeu as visitas, mas a segurança na área estava melhorando e al-Hamdani exprimiu confiança de que a comunidade iraquiana já estava pronta para reassumir a responsabilidade pela antiga cidade.

A devolução de Ur aos iraquianos exigiu a remoção da cerca e a reconstrução do atual cercado, além da construção de um novo prédio para controlar o ingresso de indivíduos na base. No início, os arqueólogos com interesse na proteção do sítio estavam preocupados com o projeto, porque qualquer forma de distúrbio terrestre, como a construção da nova cerca e do prédio, poderiam impactar negativamente um sítio arqueológico, especialmente uma antiga cidade como Ur.

Embora concordasse com a meta de reabrir Ur aos iraquianos, Hamdani estava preocupado sobre os potenciais danos ao sítio. Em resposta, o Departamento de Estado dos EUA, em parceria com a 10ª Divisão de Montanha e o Archaeological Institute of America, patrocinou uma delegação norte-americana para auxiliá-lo na inspeção do sítio e da nova construção. A delegação incluía Diane Siebrandt, Diretora de Preservação de Patrimônio Iraquiano do Departamento de Estado dos EUA; Professor Brian Rose, Presidente do Archaeological Institute of America, um dos arqueólogos mais respeitados por todo o mundo; e eu [Laurie W. Rush] a arqueóloga do Fort Drum, Nova York, e da 10ª Divisão de Montanha do Exército dos EUA.

A delegação chegou a Talil, onde foi recebida por uma equipe de reconstituição provincial chefiada por um italiano. Nesse ponto, a delegação foi imediatamente ao sítio com Hamdani, que se mostrou preocupado com os distúrbios terrestres resultantes da reconstrução do cercado e se concentrou nas áreas onde os artefatos tinham sido expostos. O presidente do Archaeological Institute of America conseguiu reafirmar que, em relação aos artefatos, o distúrbio observado foi leve. O grupo inteiro concordou que o objetivo de devolver o sítio à gestão dos iraquianos superou quaisquer dos óbices levantados.



Um sargento da Marinha dos EUA especialista em desativação de artefatos explosivos se prepara para mergulhar com colegas egípcios durante o exercício *Bright Star* 2009, em Alexandria, Egito, 11 Out 09. (Sgt Brandon Raile, Marinha dos EUA)

Uma segunda meta da delegação era ratificar o zelo dos Estados Unidos com relação à preservação do sítio e que a conclusão da transição para a gestão iraquiana seria um resultado positivo para todos envolvidos. Eu [Laurie W. Rush], uma arqueóloga com experiência em *briefings* realizados para comandantes de alto escalão do Exército, consegui chefiar a reunião com integrantes do grupo de comando da Base de Talil e os engenheiros militares da instalação. O meu papel principal era garantir resultados positivos da inspeção do sítio e do cercado. Subsequente à conclusão da missão de delegação, em abril de 2009, o cercado e o novo centro de visitas foram finalizados.

Em maio de 2009, Ur, com seu zigurate icônico, foi devolvido ao povo iraquiano. Para comemorar a transferência, houve um concerto de rock nos degraus do zigurate, que foi assistido por 350 pessoas. Infelizmente, em grande contraste com a experiência na Babilônia, praticamente não houve nenhuma cobertura da mídia global — infelizmente, porque era uma boa notícia a ser explorada em muitos aspectos. Uma terceira lição aprendida sugere que houvesse maior empenho na divulgação e exploração de uma boa notícia como essa, a fim de aproveitar os esforços para fomentar um sentimento favorável entre o público local, regional e global.



Shuras afegãs, Cabul. Outra série de engajamentos que permitiu ampliar o valor da PPC como parte do planejamento operacional foi as *shuras* realizadas em Cabul, no ano de 2010, com a cooperação do Quadro de Engenheiros do Exército dos EUA, a Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF, na sigla em inglês) no Afeganistão, várias organizações internacionais e não governamentais associadas com a defesa do meio ambiente e representantes dos ministros do governo da República Islâmico do Afeganistão. Brewer, na qualidade de engenheiro ambiental do USCENTCOM, exerceu o papel principal na organização e condução dessas reuniões, garantindo que a proteção de patrimônio cultural fosse incluída na agenda.

Como a proteção dos recursos culturais se encaixa, também, dentro da categoria ambiental da OTAN, os efeitos combinados da ISAF e do CENTCOM fizeram com que a PPC surgisse como um dos assuntos principais dessas *shuras*. Houve participação da delegação do

Exército dos EUA; da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); de Abdul Wasey Feroozi, Diretor-Geral do National Institute of Archaeology para o Afeganistão; e de Sua Excelência Omar Sultã, Vice-Ministro de Cultura do Afeganistão. Os afegãos aproveitaram a oportunidade para ensinar às forças internacionais a riqueza de sua herança ancestral e seu significado para o povo daquele país. Os norte-americanos e os representantes da OTAN reconheceram a importância dessas reuniões para o compartilhamento de informações sobre os programas ambientais das forças do Ocidente, junto com a discussão sobre o progresso e os esforços para minimizar os impactos ambientais da sua presença na nação anfitriã.

Uma torre de vigia jordaniana próximas às ruínas de Umm Qais, na fronteira do país com a Síria, 11 Feb 14. Os jordanianos proporcionam um bom exemplo de como minimizar a intrusão militar em um sítio protegido. (Foto cortesia de Man77, Wikimedia Commons)



A discussão norte-americana em relação aos esforços de preservação de patrimônio incluía um relatório sobre a elaboração de um inventário de sítios arqueológicos importantes por todo o Afeganistão, a fim de subsidiar a confecção da lista de “não alvos” pela Agência de Inteligência de Defesa. Esse inventário e as imagens associadas dos sítios conduziram, também, o desenvolvimento de treinamento sobre patrimônio cultural para os militares da 10ª Divisão de Montanha que estavam se preparando para partir para o Afeganistão no outono seguinte.

Ferozi tornou-se a encarnação do Valor do Exército de “coragem pessoal”, conforme ele descreveu seus esforços para enfrentar pessoalmente Mulá Omar, o infame chefe do Talibã, sobre o assunto da destruição dos Budas de Bamiyan⁷. Ele, ainda, descreveu as medidas corajosas assumidas pelos integrantes do quadro do Museu Nacional do Afeganistão para minimizar os danos a objetos causados pelo Talibã.

O vice-ministro se dirigiu à *shura* durante o segundo dia, discutindo a importância do patrimônio para a futura estabilidade do Afeganistão. Ele lembrou aos participantes que o antigo patrimônio cultural do país e seu legado glorioso como parte da “Rota da Seda” antecederam os atuais problemas religiosos que o país enfrenta, oferecendo, assim, um tema convergente sobre o qual todos os afegãos podem encontrar valor e orgulho comum. A *shura*, também, recordou a coragem dos *tahilwidar*, os guardas de chaves que protegeram os tesouros do Museu Nacional do Afeganistão durante as ocupações da Rússia e do Talibã.

Esses exemplos chamaram a atenção dos participantes dos EUA sobre a importância do patrimônio como um valor comum para os afegãos, sendo algo capaz de fornecer um componente essencial para a fundação da unidade local e nacional. No ambiente da ISAF, a demonstração de um compromisso por parte dos Estados Unidos para estabelecer um programa de PPC ofereceu, também, um entendimento comum com os parceiros europeus da OTAN, que compartilhavam uma paixão pela preservação do patrimônio.

Outro resultado direto da apresentação por Ferrozi foi a decisão do Quadro de Engenheiros do Exército dos EUA de apoiar a construção de um armazém de artefatos na antiga cidade budista de Mes Aynak, onde as operações de salvamento arqueológico estavam em

andamento, com o intuito de proteger tantos artefatos e relíquias quanto possível, antes da destruição do sítio por uma mina de cobre chinesa.

O poder do patrimônio cultural em Bala Hissar.

Outro bom exemplo do poder do patrimônio cultural e da comunicação estratégica no Afeganistão deu-se durante uma comemoração, quando a 10ª Divisão de Montanha transferiu a responsabilidade consultiva para as Forças de Segurança Nacionais Afegãs⁸. As notícias desse evento foram especialmente significativas para mim, uma vez que refletiram meus esforços para trazer as lições aprendidas de engajamentos transculturais à 10ª Divisão de Montanha e ao Fort Drum. A Equipe de Assistência às Forças de Segurança “Strike 1” da Equipe Multifuncional “Warrior” da 10ª Divisão de Montanha, junto com o 1º Batalhão da 1ª Brigada de Forças de Ataque Móveis do Exército Nacional Afegão escolheram a Fortaleza Bala Hissar, em Cabul, como o local da cerimônia. A seleção de uma fortificação afegã icônica, que outrora fora ocupada por Gengis Khan, forneceu aos afegãos uma oportunidade para compartilhar a sua história, desde a construção da fortaleza, no Século V, até as vitórias do Exército Afegão no Século XIX.

A vontade da 10ª Divisão de Montanha de viajar até Bala Hissar com seus equivalentes afegãos para um evento de tamanha importância demonstrou o respeito dos EUA pelos séculos de poder de combate afegão e sua confiança na prontidão do seu parceiro para assumir tal missão. Os militares dos EUA que tiveram a sorte de estarem presentes descreveram a emoção do evento. Eles, também, entenderam claramente que a escolha de um local simbólico demonstrou sua convicção de que a unidade afegã estava pronta para se tornar independente. Além disso, todos os envolvidos exibiram uma percepção fundamental de que faziam parte da História.

Além das lições aprendidas individualmente com a PPC no Oriente Médio, um componente da atividade de engajamento cultural que precisa ser efetivamente incorporada em todos os planejamentos futuros é uma avaliação de como a conduta e as atitudes das nossas Forças Armadas em relação aos sítios e relíquias culturais impactarão as opiniões dos povos e seus governos. Não devemos apenas construir uma base de conhecimento institucionalizada, precisamos, também, desenvolver métodos de avaliação para a PPC.

O Engajamento do Comando do Sul dos EUA em Honduras

O valor da proteção do patrimônio cultural como um assunto para engajamento não se limita à área de responsabilidade do CENTCOM. Ao longo dos últimos anos, alguns potenciais países de parceria na área de responsabilidade do Comando Sul dos EUA (US SOUTHCOM) já solicitaram, várias vezes, proteção de sítios arqueológicos como um assunto de engajamento de treinamento. A resposta inicial daquele Comando era negativa, talvez porque a proteção de sítios arqueológicos não vinha à mente, de imediato, como uma capacidade militar do SOUTHCOM.

É verdade que as Forças Armadas não protegem os sítios arqueológicos dentro dos Estados Unidos. De fato, esse tipo de uso das tropas militares pode ser uma violação potencial do Ato Posse Comitatus, o dispositivo legal que limita a participação das Forças Armadas dos EUA nas atividades domésticas de garantia da lei e da ordem⁹. Contudo, considerando o fato de que aos sítios arqueológicos elegíveis para o Registro Nacional em terreno militar são proporcionadas proteção e gestão abrangentes, as Forças Armadas dos EUA têm muito mais experiência

com a proteção de sítios que muitos militares supõem. Além disso, a proteção efetiva de um sítio arqueológico utiliza as habilidades militares básicas para o estabelecimento de perímetros de segurança controlados.

Da mesma forma que Brewer desempenhou um papel fundamental no estabelecimento de um programa de PPC dentro do CENTCOM, o Dr. Amir Gamliel, engenheiro ambiental do SOUTHCOM, reconheceu o valor potencial de acrescentar um componente de patrimônio cultural mais forte à área ambiental daquele Comando. Gamliel instruiu o comando, até mesmo convidando o Dr. James Zeidler, um autor e especialista acadêmico, para proferir *briefings*. Ele manteve-se fiel à ideia de tratar as demandas arqueológicas como um assunto de engajamento e, no

Militares da 17ª Brigada de Artilharia sobem o Zigurate de Ur, perto da Base de Operações de Contingência Adder, em Basra, no Iraque. O Zigurate foi construído como um local de veneração religiosa no XXI Século aC e, após mais de quatro mil anos, é uma das estruturas melhor preservadas na cidade neo-suméria de Ur. A proteção norte-americana do sítio o preservou da maioria dos danos experimentados por muitos outros patrimônios arqueológicos na região. (Cb Samantha Ciaramitaro, Exército dos EUA)





verão de 2017, o SOUTHCOM, em parceria com o Exército do Comando Sul dos EUA (U.S. Army South), a 10ª Divisão de Montanha, o departamento de Assuntos Cívicos do Exército dos EUA, a University of Pennsylvania e a Embaixada dos EUA em Honduras, planejou e implementou o primeiro exercício de engajamento de PPC do SOUTHCOM.

Representantes do Ministério da Defesa de Honduras, incluindo o curador do Museu Militar de Honduras; representantes dos setores eclesiástico, arqueológico e de museus de Honduras; além de representantes da polícia, polícia de fronteira e da alfândega de Honduras se reuniram durante três dias de apresentações e de visitas a sítios. A inclusão de proeminentes acadêmicos enriqueceu a experiência para todos os envolvidos. A combinação de perspectivas acadêmicas, eclesiásticas, militares e de imposição da lei acrescentou uma grande quantidade de informações à discussão e abriu a porta para mais parcerias interdisciplinares no futuro, tanto no nível intranacional quanto internacional.

Os militares dos EUA aprenderam que das cinco brigadas que compõem as Forças Armadas de Honduras, três são designadas para a proteção de sítios arqueológicos dentro da nação. Esse fato explica claramente por que alguns países dentro da área de

Militares de uma equipe da 10ª Divisão de Montanha visitam as ruínas da Fortaleza de Bala Hissar, em 26 Ago 13, onde sua unidade participou de uma cerimônia de transferência de responsabilidade das tropas norte-americanas para as Forças de Segurança Nacionais Afegãs (ANSF), em Cabul, Afeganistão. Essa transição mostra a capacidade das ANSF de conduzirem as operações de segurança independentemente, com limitada assessoria estrangeira. (Sgt Kenneth Foss, Exército dos EUA)

responsabilidade do SOUTHCOM solicitam exercícios de treinamento relacionados à proteção de sítios arqueológicos. Além de obter uma melhor compreensão das prioridades e objetivos da missão atribuída às Forças Armadas de Honduras, os Estados Unidos tiveram, ainda, a oportunidade de aprender mais sobre a existência de caminhos antigos utilizados para o tráfico de drogas, armas e pessoas; um entendimento melhorado da localização e das conexões entre os antigos sítios da América Central e seu potencial valor estratégico. Da mesma forma, os traficantes frequentemente incluem antiguidades escavadas ilegalmente dentro da sua carga ilegal. Portanto uma apreciação sob o prisma da arqueologia da região tem aplicações diretas nas missões de interdição dentro da área de responsabilidade do SOUTHCOM.

A partir desse engajamento, tanto as entidades norte-americanas quanto hondurenhas desenvolveram um entendimento e uma apreciação mais profundos

dos fatores subjacentes que afetam o êxito da missão. Ambas as partes estão melhor preparadas para desenvolver estratégias que busquem atingir os resultados desejados na região. Esse exemplo mostra que está claro que os esforços dos EUA nas Américas Central e do Sul continuarão a se beneficiar imensamente se mais exercícios e diálogos relacionados à PPC forem incorporados. Os hondurenhos e seus vizinhos também reconheceram o valor da PPC. Os hondurenhos gostariam de continuar o diálogo anualmente, e os representantes militares de El Salvador, Belize e Guatemala têm mostrado interesse em participar do mesmo engajamento. Hoje, existem planos para uma reunião em 2019, em Honduras, com a possibilidade de participação de delegados dos outros países.

Gamliel, também, acredita na utilidade de se incorporar a PPC nos planos para exercícios futuros de resposta direta aos desastres na área de responsabilidade do SOUTHCOM. Depois do terremoto no Haiti, a Marinha dos EUA desempenhou um importante papel em apoiar o esforço do Smithsonian [Institute] para salvar os murais no Catedral da Santa Trindade, 9.000 pinturas do Museu Nader e várias outras obras de arte e documentos de arquivo¹⁰. No entanto, a cobertura midiática que poderia ter proporcionado bons dividendos para a Marinha foi pífia. As lições aprendidas positivas ainda precisam ser sistematicamente aplicadas durante a fase de treinamento para que as futuras operações de respostas a desastres tenham maior eficácia, não apenas no SOUTHCOM, mas em qualquer área de responsabilidade ao redor do planeta.

Treinamento para Operações de Paz na África

Um evento de instrução e treinamento para “capacetes azuis” africanos proporcionou mais um exemplo de como a PPC pode exercer um papel crucial na promoção de cooperação regional com possíveis parceiros. Durante o outono de 2017, o gabinete da UNESCO em Harare, Zimbábue, organizou um evento de instrução e treinamento sobre a PPC para soldados africanos envolvidos em missões de paz. Patrocinado pelo Southern Africa Development Community Regional Peace Keeping Training Center, o curso foi frequentado por delegados do Zimbábue, Angola, Mauritânia, República Democrática do Congo, Mali e Malavi. Os mesmos princípios de

competência transcultural e a capacidade de “ler” a paisagística transcultural para identificar aspectos sagrados e valorizados se aplicam a todas as áreas de responsabilidade e situações em campanha. O sucesso do curso da UNESCO em Harare oferece um modelo para consideração futura pelo Comando da África e do Exército do Comando da África.

Uma das principais características desse modelo foi o desenvolvimento de relações entre as Forças Armadas dos EUA, a UNESCO, os parceiros militares africanos e especialistas e organizações acadêmicas proeminentes. Tais relacionamentos permitem que atores norte-americanos obtenham discernimento sobre as necessidades e valores culturais próprios de cada região. Além dos acadêmicos internacionais, o organizador conduziu o curso com o apoio do Museu Nacional do Zimbábue. Dessa forma, em um dado momento do curso, os alunos visitaram o museu, onde aprenderam, de primeira mão, sobre a segurança da instalação, o estabelecimento de um perímetro de proteção ao redor de um museu e a embalagem apropriada para os objetos, em caso de evacuação.

Outro aspecto importante desse modelo é o benefício tangível e imediato para as operações de manutenção de paz dos EUA. Os militares se beneficiaram da oportunidade prática de aprender e empregar as habilidades da PPC. Os funcionários do museu se beneficiaram da perspectiva militar sobre como proteger a sua instituição e as coleções lá existentes. Mais importante ainda, tanto os profissionais militares quanto os civis estabeleceram uma capacidade de trabalhar de forma conjunta, uma habilidade crítica durante tempos de crise ou de resposta a desastres, especialmente em partes do mundo em desenvolvimento, onde integrantes de outras profissões frequentemente têm medo e demonstram apreensão quanto ao trabalho com as forças armadas.

Outro aspecto positivo sobre o evento de treinamento da PPC está relacionado ao fato de que os veteranos mais experientes em operações de paz, especialmente aqueles que atuaram no Mali, usavam o assunto de PPC como um ponto de partida para novas discussões sobre diversos aspectos éticos dos desdobramentos. Discussões sobre a identificação e a proteção de sítios sagrados e do patrimônio de outros povos servem para induzir mais debates sobre o respeito pelos povos de nações anfitriãs; suas mulheres, crianças e recursos naturais; e seus objetos de valor. Tais discussões precisam ser incorporadas à



Tropas hondurenhas apoiam uma expedição que busca uma cidade pré-colombiana perdida na selva de Mosquitia, Honduras, 22 Fev 15. Três das cinco brigadas hondurenhas são designadas para a proteção de sítios arqueológicos dentro do próprio país. (Photo por Dave Yoder via Alamy photo)

literatura militar dos EUA como subsídio para o entendimento da região, devendo estar disponível para o pessoal na medida em que eles se preparam para operar e atingir os objetivos de segurança nacional.

Resumo

O emprego da PPC como um assunto de engajamento militar internacional, possivelmente, se tornou mais importante para os Estados Unidos do que para seus parceiros.

O engajamento no Oriente Médio ofereceu aos representantes dos EUA uma visão muito mais pormenorizada dos reflexos e desdobramentos dos danos causados na Babilônia e da subsequente cobertura negativa da mídia. Os norte-americanos, de uma maneira geral, obtiveram uma noção mais apurada do orgulho dos povos do Oriente Médio acerca da glória do seu passado ancestral e pelas expectativas de respeito a essa herança. Os afegãos reforçaram essas lições com suas narrativas de primeira mão de como se arriscaram para salvar seu patrimônio cultural. A oportunidade de fazer visitas a antigos sítios ajudou os conselheiros do Exército dos EUA a desenvolver o currículo da PPC e o planejamento de formas mais efetivas de treinamento dessa temática no futuro.

Essas experiências demonstram, também, que as conversações sobre a PPC, embora sejam valiosas, podem levar a discussões e instruções focadas em outros assuntos importantes. A perspectiva jordana sobre o conhecimento cultural, por exemplo, proporcionou aos delegados dos EUA um ponto de vista completamente novo em relação aos desafios de comandar militares sem experiência internacional prévia em situações desafiadoras no exterior. No curso de manutenção da paz da UNESCO, o corpo docente demonstrou como a PPC pode induzir discussões essenciais sobre todos os aspectos de conduta ética para uma força militar desdobrada.

Todos os exercícios da PPC demonstraram o valor da participação interdisciplinar, não apenas com a alfândega e forças de segurança pública, mas com acadêmicos e outros profissionais de patrimônio cultural, como arqueólogos, curadores e funcionários de museus. Os especialistas no assunto proporcionaram valiosas informações culturais, desde como seguir a pista de rotas de contrabando na América Central pelos

antigos caminhos até como manusear e embrulhar um objeto valioso confiscado durante uma operação aduaneira. O representante acadêmico conseguiu, também, explicar aos delegados militares norte-americanos a organização atual do setor cultural hondurenho e algumas das dinâmicas políticas em jogo, que não teriam se tornado óbvias de outra forma. Os funcionários de museu e os arqueólogos avançaram profissionalmente da exposição direta aos militares, aprendendo sobre suas capacidades e seu potencial para prover assistência durante situações desafiadoras.

Na área de responsabilidade do SOUTHCOM, quando os Estados Unidos aprenderam, por meio de um engajamento bem-sucedido, que três das cinco brigadas do exército hondurenho se dedicavam à proteção de sítios arqueológicos, os delegados dos EUA começaram a dar mais atenção à importância da PPC para as forças armadas do país centro-americano. Os participantes norte-americanos expandiram seu conhecimento sobre a importância das antiguidades e dos sítios arqueológicos para as missões de interdição na região. Até mais importante foi a resposta positiva dos parceiros

centro-americanos que formularam novos pedidos por mais engajamentos de nível regional, tanto na América Central quanto na América do Sul. Como resultado, os Estados Unidos obtiveram uma boa oportunidade de serem reconhecidos como um “parceiro preferencial” para mais nações naquela área de responsabilidade.

A experiência em Honduras é um aviso de que os Estados Unidos precisam levar a sério os pedidos por assuntos de engajamento oferecidos pelos países parceiros e estarem dispostos a pensar de modo um pouco mais inovador, quando uma sugestão inesperada surgir como uma oportunidade para um assunto de engajamento. Os esforços recentes da PPC sugerem um recomeço importante para desenvolver nossa capacidade de estabelecer parcerias de forma efetiva por todo o mundo. ■

Os pontos de vista expressos neste artigo representam a opinião pessoal de seus autores e não necessariamente refletem as posições ou políticas oficiais do Departamento do Exército, Departamento de Defesa ou do Governo dos EUA.

Referências

1. Samuel P. Huntington, *Who Are We? The Challenges to America's National Identity* (New York: Simon & Schuster, 2004), p. 66–69.
2. Comentário proferido a Laurie Rush e Christina Luke durante a celebração em Sárdis, Turquia, 6 mai. 2011.
3. Rory McCarthy e Maev Kennedy, “US-led Forces Leave a Trail of Destruction and Contamination in Architectural Site of World Importance”, *The Guardian* (website), 15 Jan. 2005, acesso em: 3 mai. 2018, <https://www.theguardian.com/world/2005/jan/15/iraq.arts1>; “US Reportedly Damaged Ancient Babylon; Museum Claims Military Caused Substantial Damage”, MSNBC News, acesso em: 3 mai. 2018, <http://www.msnbc.msn.com/id/6829036/> (site indisponível).
4. Ten Cel Joris Kila (Exército Real Holandês), comunicação pessoal com Laurie Rush, reunião de planejamento sobre patrimônio cultural *Bright Star*, 2009. Esse sentimento foi expresso por militares egípcios de alto escalão durante sua resposta a uma equipe internacional que solicitou uma visita norte-americana às pirâmides durante o exercício *Bright Star*, 2009.
5. As observações são provenientes da experiência pessoal de Laurie Rush e de diálogos com o Ten Cel Daniel Brewer.
6. Ten Cel Joris Kila, um relatório enviado, em 2009, ao Combatant Command Cultural Heritage Action Group depois de pedir permissão para que uma visita a Saqqara fosse incluída como parte dos jogos de guerra. Quando confrontado pelos generais egípcios, Kila organizou um método por meio do Dr. Zahi Hawass, que entendia o objetivo da visita e recebeu os norte-americanos em Saqqara e nos outros sítios dentro e ao redor de Cairo como seus hóspedes pessoais.
7. Os Budas de Bamiyan eram antigas estátuas monumentais e icônicas entalhadas em nichos com vista para o Vale Bamiyan, no Afeganistão. Esculpidas no VI ou VII Século, com 45 metros de altura, eram os mais altos budas à pé no mundo e considerados um tesouro da humanidade. Como uma das muitas atrocidades cometidas pelo líder do Talibã Mulá Omar, ele mandou que eles fossem destruídos em março de 2001, com os nichos vazios deixados intatos.
8. Kenneth Foss, “Ancient Fortress Marks Site for Advisory Transition in Afghanistan”, *The Mountaineer Online*, 12 Sep. 2013, acesso em: 3 mai. 2018, <https://www.dvidshub.net/news/113252/ancient-fortress-marks-site-advisory-transition-afghanistan#.UithihavKmQ>.
9. Eric V. Larsen e John E. Peters, “Overview of the Posse Comitatus Act”, appendix D in “Preparing the U.S. Army for Homeland Security” (monograph, Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2001), acesso em: 3 mai. 2018, https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/MR1251/MR1251.AppD.pdf.
10. *Smithsonian Magazine*, “About the Smithsonian Institution–Haiti Cultural Recovery Project”, Smithsonian.com, 31 Aug. 2010, acesso em: 3 mai. 2018, <https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/about-the-smithsonian-institution-haiti-cultural-recovery-project-56233582/>.



O primaz da Igreja Ortodoxa Russa celebra a liturgia na Catedral Metropolitana Ortodoxa, em São Paulo, no dia 21 Fev 16, último dia de sua visita à América Latina. (Foto cedida pela Igreja Ortodoxa Russa, Departamento de Relações Externas)

Os Russos da América Latina

Moscou em Busca de Influência sobre as Comunidades de Língua Russa na Região

Brian Fonseca

Vladimir Rouvinski

A recuperação da Rússia no sistema internacional após o colapso da União Soviética em 1991 a levou de volta à América Latina em busca de oportunidades econômicas e geopolíticas. Entretanto, a limitada capacidade russa para exercer influência por meio de instrumentos tradicionais de poder (como o diplomático, econômico e militar) em um sistema internacional dominado pelo Ocidente obrigou o país a procurar fontes alternativas. Para isso, a Rússia tem se apoiado cada vez mais em abordagens informacionais e sociológicas a fim de cumprir os objetivos de sua política externa — algo que alguns estudiosos descrevem como guerra híbrida¹. Por exemplo, a Rússia tem cortejado sua diáspora em todo o mundo, incluindo a América Latina, com o intuito de explorar as comunidades de língua russa como uma fonte de poder nacional.

Desde o início dos anos 1990, a mobilização da diáspora russa tem sido uma característica central de sua política externa no “exterior próximo”, isto é, as antigas repúblicas soviéticas e os países do Pacto de Varsóvia em grande proximidade geográfica com a Rússia². Nos últimos anos, porém, Moscou também intensificou suas ações para organizar e mobilizar sua diáspora no “exterior distante”, isto é, em regiões tão longínquas quanto a América Latina. Ao longo da última década, houve um esforço coordenado para unir a diáspora na América Latina e Caribe, na tentativa de fortalecer a conexão de Moscou com comunidades russófonas cada vez maiores e mais organizadas. As organizações focadas na diáspora englobam movimentos de compatriotas, centros culturais, a Fundação Russkiy Mir, veículos de comunicação russos e, é claro, a Igreja Ortodoxa Russa, todos os quais ajudam a cultivar as comunidades de língua russa como fonte do poder nacional russo. Este artigo analisa a evolução da mobilização da diáspora russa na América Latina e Caribe, avaliando seu potencial para apoiar os objetivos da política interna e externa daquele país.

A Diáspora como Nova Fonte do Poder Nacional Russo

A inspiração de Moscou para utilizar a diáspora como um componente da política externa advém, principalmente, de mudanças estruturais ocorridas imediatamente após o colapso da União Soviética em 1991. As 14 nações independentes estabelecidas ao longo da nova fronteira da Rússia compreendiam territórios que, até então, haviam feito parte dos assuntos internos de Moscou.

Esses territórios estavam, agora, vulneráveis à influência ocidental e precisavam ser rapidamente incorporados na estratégia de política externa russa. Algo que Moscou via como uma vantagem era o fato de que as populações nesses territórios mantinham uma forte ligação com suas raízes russas e se compunham, em grande parte, de falantes nativos de russo. Assim, o Kremlin formulou uma estratégia para o “exterior próximo” que incluía políticas destinadas a cultivar influência entre as comunidades pró-Rússia. Em um discurso à Organização das Nações Unidas (ONU) em 1994, o Presidente russo Boris Yeltsin defendeu o papel do seu país em proteger os russos étnicos e garantir a paz nas nações recém-independentes que antes compunham

Brian Fonseca é o Diretor do Jack D. Gordon Institute for Public Policy e Professor Adjunto do Departamento de Política e Relações Internacionais na Steven J. Green School of International and Public Affairs da Florida International University. Especializa-se na segurança nacional e política externa dos EUA. Suas publicações recentes incluem *Culture and National Security in the Americas*, com Eduardo A. Gamarra, e *The New US Security Agenda: Trends and Emerging Threats*, com Jonathan Rosen. Suas publicações de 2018 se concentram no envolvimento russo na América Latina, incluindo operações de informação e relações entre Rússia e Venezuela.

Vladimir Rouvinski, Ph.D., é o Diretor do Laboratório de Política e Relações Internacionais (PolInt) e Professor Associado do Departamento de Estudos Políticos na Universidad Icesi, Cali, Colômbia. Formou-se em História e Relações Internacionais pela Universidade Estadual de Irkutsk, na Rússia, e concluiu o mestrado e doutorado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Hiroshima University no Japão. Antes de começar a trabalhar na Universidad Icesi em 2007, Rouvinski trabalhou para a Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência (JSPS) e em instituições de ensino e pesquisa na Rússia, Japão e Colômbia. Serviu como associado no Instituto das Nações Unidas para Treinamento e Pesquisa (UNITAR); como pesquisador George F. Kennan no Woodrow Wilson International Center for Scholars, em Washington, D.C., pesquisador especial convidado da JSPS; e como pesquisador Otto Bennemann no Georg-Eckert-Institute, na Alemanha. Rouvinski é especialista nas relações da Rússia e países asiáticos com a América Latina.

a União Soviética, um conceito denominado posteriormente de Doutrina de Yeltsin³. O então Ministro das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, elaborou a primeira Estratégia da Política Externa Russa em 1993, que buscava proteger os direitos dos milhões de integrantes das comunidades de língua russa nas antigas repúblicas soviéticas⁴.

A partir de 1994, Moscou começou a estabelecer importantes políticas — Comissão Estatal sobre Assuntos dos Compatriotas, Lei Federal da Federação Russa para os Compatriotas Russos e Programa Estatal de Apoio à Migração Voluntária de Compatriotas para a Federação Russa — destinadas a fortalecer a conexão de Moscou com os russos residentes no exterior⁵. O Ministério das Relações Exteriores estabeleceu o Departamento de Assuntos de Compatriotas em 2005 e a Agência Federal para Assuntos da Comunidade dos Estados Independentes, Compatriotas Residentes no Estrangeiro e Cooperação Humanitária Internacional da Federação da Rússia (*Rosstrudnichestvo*). Essas entidades analisam as comunidades da diáspora, criam estratégias para mobilizar os compatriotas e coordenam ações com organizações relacionadas que, segundo as estimativas, incluem 30 milhões de russos no mundo inteiro⁶.

Inicialmente, as políticas estavam voltadas, predominantemente, à diáspora no “exterior próximo”. Entretanto, ao longo da última década, tem havido um esforço mais deliberado de desenvolvimento de uma diáspora russa conectada globalmente, graças, em grande parte, ao Presidente russo Vladimir Putin. Em 2006, Putin afirmou que a “cooperação com a diáspora, o amparo legal e o apoio a eles são uma de nossas prioridades nacionais”⁷. Com efeito, Putin frequentemente inclui a diáspora em definições do Estado-nação russo e enxerga a interação com as comunidades de língua russa ao redor do mundo como um componente cada vez mais importante de sua estratégia de diplomacia pública. Putin se refere a isso publicamente como o “mundo russo”, também conhecido como *Russkiy Mir*, um conceito que se apoia na identidade russa em âmbito mundial e reúne as comunidades de língua russa sob uma designação nacionalista⁸. Segundo o Conceito de Política Externa de 2016 da Rússia, os objetivos incluem “unificar a diáspora russa ao redor do mundo” para promover os interesses da política externa russa⁹. Moscou quer que os russos ao redor do mundo conservem os vínculos culturais e históricos e o idioma e promovam uma imagem positiva do país nas nações anfitriãs, para ajudar nas iniciativas

comerciais e diplomáticas russas¹⁰. Evidências de êxito no emprego da diáspora russa para apoiar a política externa de Moscou incluem a Geórgia; a anexação da Crimeia, tomada da Ucrânia em 2014; e a interferência nas eleições da Estônia e Letônia, entre outras.

História da Diáspora Russa na América Latina

Os imigrantes russos apareceram pela primeira vez na América Latina e no Caribe no início do século XIX. As primeiras ondas migratórias incluíram, predominantemente, migrantes laborais oriundos da parte europeia do império russo e, em menor escala, membros da oposição política das províncias bálticas na Polônia e oeste da Ucrânia. Após outubro de 1917, apenas um número relativamente pequeno de russos que fugiam do governo comunista escolheram a região como local de refúgio, geralmente por não terem conseguido estabelecer residência na Europa ou Ásia. A segunda onda migratória russa para a América Latina ocorreu após o término da Segunda Guerra Mundial, contendo, predominantemente, cidadãos soviéticos que residiam nos territórios libertados pelos aliados ocidentais e que não queriam voltar para a União Soviética. Essas pessoas expandiram a presença da diáspora na América Latina para a Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Os primeiros migrantes russos estabeleceram a base para importantes intercâmbios culturais entre a Rússia com os países das Américas. De fato, alguns russos étnicos das primeiras ondas migratórias se tornaram figuras políticas famosas na história da América Latina. Por exemplo, Juan Belaieff, nascido com o nome de Ivan Timofeyevich Belyaev em São Petersburgo, na Rússia, imigrou para a Argentina em 1923, e, em seguida, para o Paraguai, em 1924. Belaieff foi cartógrafo e soldado no Paraguai, venerado por seu papel no mapeamento da região do Chaco, antes da vitória paraguaia sobre a Bolívia na Guerra do Chaco (1932–1935)¹¹.

A diáspora contemporânea na América Latina consiste, principalmente, em populações russófonas que migraram para a região após o colapso da União Soviética em 1991, de modo geral por razões econômicas. Mais recentemente, a partir de 2012 aproximadamente, houve um aumento da emigração russa. Alguns analistas sugerem que os atuais emigrantes russos procedem, geralmente, das classes média e média alta



Operários petrolíferos russos no depósito de Astra, por volta de 1936, Chubut, Patagônia, Argentina. (Foto cedida por Wikimedia Commons)

e tiveram carreiras de sucesso na Rússia, mas viram poucas oportunidades de crescimento em seu país de origem¹². Como não existem restrições quanto a sair da Rússia para morar fora e a maioria dos países latino-americanos não exige visto para quem tenha o passaporte russo, muitos decidiram migrar para a região em busca de trabalho ou simplesmente como uma experiência antes de decidirem mudar-se permanentemente para o exterior.

Segundo estudos etnográficos, a diáspora russa mantém um forte senso de identidade e uma consciência coletiva como grupo étnico, unificada, em grande parte, pelo idioma em comum¹³. A cultura, a culinária, a arte e a literatura também servem como marcas particulares da identidade russa dentro da diáspora, que costuma incluir as populações de língua russa de antigas repúblicas soviéticas, como Ucrânia, Geórgia e Belarus. Os integrantes da atual diáspora russa costumam assimilar-se rapidamente e integrar-se com bastante sucesso nas sociedades anfitriãs¹⁴. Os russos residentes na América Latina costumam ter uma forte memória coletiva sobre sua terra natal, que reflete uma ideia de grandeza russa, uma característica que Moscou explora em sua interação com eles. A diáspora costuma permanecer

patriótica e fortemente conectada com a Rússia por meio de relacionamentos interpessoais e comerciais e vínculos religiosos. Os meios de comunicação russos — programas de televisão, rádio e internet — e a programação financiada pelo governo russo são cruciais para unificar a diáspora, definindo e promovendo a identidade russa dentro e por meio dela na região.

Somente nos últimos anos, o governo passou a solicitar que os russos residentes no exterior informem sua cidadania ou residência permanente às autoridades na Rússia. Assim, é difícil precisar o número de russos que moram na América Latina e no Caribe. Contudo, as embaixadas russas e pesquisadores independentes estimam que entre cem mil e trezentas mil pessoas sejam residentes permanentes na Argentina; entre cem mil e duzentas mil no Brasil; entre cinquenta mil e cem mil no México; e uma quantidade bem menor (entre mil e cinco mil) em outros países da América Latina e do Caribe¹⁵. Cabe mencionar que comunidades de língua russa estão presentes de modo identificável na maioria, se não todos, os países latino-americanos, e que o governo russo considera os russos que moram na América Latina e no Caribe como um importante recurso para seu engajamento regional.

Mobilizando a Diáspora Russa na América Latina

Desde 2007 aproximadamente, o governo russo tem unificado e mobilizado as comunidades de língua russa na América Latina por meio de várias organizações. Essas organizações incluem conselhos coordenadores, centros culturais russos, a Fundação Russkiy Mir, a Igreja Ortodoxa Russa e os meios de comunicação russos — em muitos casos, com o apoio direto das embaixadas russas. Essas organizações ainda estão em estágios relativamente iniciais e variados de desenvolvimento na América Latina e no Caribe. Além disso, há poucos sinais de uma cooperação regional entre essas organizações, o que limita o escopo e o alcance da diáspora na região.

A Agência Federal para Assuntos da Comunidade dos Estados Independentes, Compatriotas Residentes no Estrangeiro e Cooperação Humanitária Internacional, do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, foi estabelecida por decreto presidencial em 2008 e conta com escritórios de representação em embaixadas russas e centros científicos e culturais russos em 80 países, incluindo oito na América Latina e Caribe¹⁶. Há representantes da *Rosstrudnichestvo* na Argentina, Brasil, Chile, Cuba, México, Nicarágua, Peru e Venezuela. Eles fomentam relações com a diáspora abertamente, realizando atividades em conjunto para promover o idioma e cultura russos, assim como os pontos de vista políticos de Moscou. Solicitam a ajuda da diáspora no “estabelecimento de relações amistosas entre os países”¹⁷. O próprio Vladimir Putin é responsável pela indicação do chefe da *Rosstrudnichestvo*. Alguns dos principais parceiros da *Rosstrudnichestvo* na América Latina incluem os Conselhos Coordenadores de Compatriotas Russos, a Fundação Russkiy Mir, a Fundação Cultural Russa e meios de comunicação como RT, Sputnik e TASS.

Embaixadas russas. As embaixadas russas são importantes fontes de apoio para as organizações da diáspora promoverem e mobilizarem seus integrantes. As embaixadas russas frequentemente utilizam centros culturais como locais para a realização de reuniões com os cidadãos russos que moram na região em questão. Formalmente, as reuniões são organizadas por organizações de compatriotas e não pelas embaixadas diretamente. Entretanto, representantes da embaixada presidem as reuniões e redigem atas. Isso se deve ao fato de que essas reuniões são consideradas de extrema importância:

é nelas que os funcionários das embaixadas russas e os representantes de organizações de compatriotas podem transmitir mensagens diretas do governo em Moscou para os russos que residem no exterior e explicar o que se espera dos membros da diáspora russa em determinado país. Em particular, Moscou espera que os membros da diáspora mantenham imagens extremamente positivas dos russos residentes no exterior, com o objetivo de promover a ideia de “um país que seja motivo de orgulho” entre os colegas e amigos latino-americanos e de disseminar o ponto de vista russo em relação a importantes acontecimentos que envolvam a Rússia¹⁸. Em troca, as equipes das embaixadas russas recebem informações detalhadas sobre o envolvimento dos moradores russos em atividades econômicas, políticas e culturais e atualizam seus arquivos sobre eles nos respectivos países. Seria difícil e demorado obter esse tipo de informação por outros meios. Além disso, os representantes das embaixadas russas mostram grande interesse em saber dos residentes russos o que seus colegas e amigos latino-americanos acham da política interna e externa de Moscou.

Conselhos coordenadores. Moscou também se apoia no Conselho Internacional de Compatriotas Russos e nos Conselhos Coordenadores dos Compatriotas Russos para ajudar a unificar e coordenar as comunidades de língua russa em mais de 98 países ao redor do mundo¹⁹. Há Conselhos Coordenadores dos Compatriotas Russos em 15 países na América Latina e no Caribe²⁰. Os conselhos coordenadores são frequentemente estabelecidos, orientados e financiados pelas embaixadas russas²¹. Por exemplo, na Argentina, o Conselho Coordenador das Organizações de Compatriotas Russos (KSORS), estabelecido em 2007, e o Conselho Coordenador da Juventude Russa, estabelecido em 2012, aparecem em destaque no *site* da embaixada russa na Argentina²². Em 2015, quando o recém-eleito Presidente argentino Mauricio Macri propôs suspender os direitos comerciais da RT, financiada pelo governo russo, o KSORS lançou uma campanha de envio de cartas, provavelmente apoiada pela embaixada russa, exigindo que ele mantivesse a rede na Argentina²³. Além dos conselhos coordenadores de cada país, há, ainda, o Conselho Coordenador da América Latina, que reúne, uma vez por ano, representantes de toda a região para formular estratégias e programação destinadas a apoiar as comunidades de língua russa. A reunião de 2017 foi realizada em Costa Rica, e a de 2018 em Havana²⁴.



Como forma de celebrar o pluralismo cultural, a cidade de Buenos Aires homenageia a cultura russa, com roupas, comidas, danças e músicas típicas nas ruas da capital, 03 Jun 18. (Foto cedida pelo Governo da Cidade de Buenos Aires)

Centros culturais russos. O ressurgimento de centros culturais russos na região é mais uma evidência do crescente interesse de Moscou em conectar-se com as pessoas na região. Muitos desses centros culturais ficaram praticamente abandonados após o colapso da União Soviética nos anos 1990 e início dos anos 2000. Exemplos desses centros incluem os Centros Russos de Ciência e Cultura em Buenos Aires, Santiago do Chile e Lima; o Instituto León Tolstói em Bogotá; e o Instituto Máximo Gorki em Montevideú; entre outros. Hoje, muitos dos centros citados foram reformados e oferecem vários serviços, que vão desde aulas de russo a exibições gratuitas de filmes russos com destaques do teatro e da dança.

Embora essas atividades estejam abertas a qualquer interessado, com a óbvia exceção das aulas de russo, os participantes são, em sua maioria, moradores russos. Para as autoridades russas, essa é uma forma de interagir com os membros da diáspora e mostrar-lhes que o governo russo se importa com eles. Ocasionalmente, são realizados, ainda, encontros com jornalistas, escritores e

personalidades famosas russas, que apresentam palestras sobre fatos históricos ou atuais. Além dos centros culturais existentes, a Fundação Russkiy Mir patrocina uma série de programas novos, semelhantes aos Institutos Confúcio, da China. Esses centros culturais russos são, normalmente, alianças entre a fundação e uma universidade ou escola secundária. Eles recebem verbas diretamente de Moscou para promover o ensino da língua e cultura russa. Segundo o *site* da Fundação Russkiy Mir, ela patrocina 12 centros russos na América Latina — dois na Argentina e um no Brasil, Colômbia, Costa Rica, Chile, Cuba, Equador, Guatemala, México, Nicarágua e Peru, respectivamente²⁵.

A Igreja Ortodoxa Russa. A Igreja Ortodoxa Russa é outra importante fonte de influência entre os russos na região, e Moscou se apoia fortemente nela para ajudar a criar um sentido de identidade russa entre os membros da diáspora. Embora muitos russos sejam adeptos, há poucas igrejas ortodoxas russas na América Latina. Ainda assim, o Departamento de Relações Externas



do Patriarcado de Moscou dividiu a América Latina em distritos, e um representante do Patriarca Russo foi designado para cada um deles. Contudo, esses escritórios não têm a capacidade logística para contatar a maior parte das comunidades religiosas russas locais e, por isso, as informações sobre as atividades religiosas chegam aos russos por meio das embaixadas e membros das organizações da diáspora. Muitas cerimônias religiosas são realizadas nos centros culturais citados anteriormente.

Meios de comunicação russos. Os meios de comunicação patrocinados pelo governo russo, como RT, Sputnik, TASS e A Voz da Rússia, têm mobilizado russos na América Latina, a fim de comunicar os pontos de vista do governo russo à diáspora e disseminá-los por meio dela. A amplificação dos esforços de comunicação estratégica russos é realizada mediante um número cada vez maior de plataformas para transmitir informações: emissoras de TV, mídias sociais e a internet²⁶. As autoridades russas monitoram a presença de russos residentes na América Latina por meio de redes sociais como o *Facebook* ou seu homólogo russo, o *VK*. Nos últimos anos, houve um crescimento extraordinário no *Facebook* impellido por habitantes russos da América

Latina e Caribe. Há mais de 50 grupos de *Facebook* na região voltados para a articulação da diáspora russa. Alguns exemplos incluem “Russos na América Latina”, com 4.200 seguidores; o “Fórum Russo na Argentina”, com 1.300; e “Russos na Colômbia”, com 1.400²⁷. Para o governo russo, o monitoramento de páginas do *Facebook* oferece uma fonte de informações sobre as atividades sociais, políticas, econômicas e culturais dos residentes russos. Também é um meio de disseminar “*fake news*” e informações a partir da perspectiva russa. Essas informações podem ser facilmente compartilhadas com os demais seguidores das mídias sociais dos membros da diáspora.

Latina e Caribe. Há mais de 50 grupos de *Facebook* na região voltados para a articulação da diáspora russa. Alguns exemplos incluem “Russos na América Latina”, com 4.200 seguidores; o “Fórum Russo na Argentina”, com 1.300; e “Russos na Colômbia”, com 1.400²⁷. Para o governo russo, o monitoramento de páginas do *Facebook* oferece uma fonte de informações sobre as atividades sociais, políticas, econômicas e culturais dos residentes russos. Também é um meio de disseminar “*fake news*” e informações a partir da perspectiva russa. Essas informações podem ser facilmente compartilhadas com os demais seguidores das mídias sociais dos membros da diáspora.

Talvez alguns se perguntem por que tantos russos que residem na América Latina decidem atender ao chamado e participar das reuniões organizadas pelas

embaixadas. Há várias razões. Em muitos casos, os russos que moram na América Latina têm uma atitude positiva em relação às reuniões simplesmente porque elas servem para reforçar sua autoestima com base no orgulho coletivo e sentido de satisfação com a comunidade russa. As autoridades russas estão cientes disso e oferecem alguns incentivos, como a distribuição de certificados em reconhecimento a importantes contribuições feitas por indivíduos ao “fortalecimento de uma imagem positiva da Rússia no exterior”²⁸. Esses certificados são assinados pelo embaixador e, às vezes, até mesmo pelo ministro das relações exteriores ou pelo próprio Putin. Há uma outra razão, de cunho diferente. Muitos russos que moram no exterior temem enfrentar dificuldades para obter documentos como passaportes, certidões e formulários para receber pensões da Rússia ou resolver questões sobre imóveis mantidos na terra natal. Ser reconhecido pela embaixada como um membro da diáspora russa é considerado algo útil para facilitar procedimentos formais e, com efeito, as autoridades russas demonstram boa vontade para ajudar pessoas que elas conheçam bem.

Conclusão

A diáspora ainda está em um estágio relativamente incipiente como instrumento do poder nacional russo na América Latina e Caribe, não tendo produzido nenhum benefício maior além de contribuir para a consciência cultural. Ainda assim, é importante observar que a América Latina e o Caribe foram utilizados para testar a política externa russa no passado — vale considerar as violentas guerras por procuração (*proxy*) conduzidas com o apoio russo durante os anos 1970 e 1980. Embora seja relativamente de pouco valor

econômico ou político para a Rússia, a região está suficiente próxima dos EUA para oferecer uma vantagem, caso novos métodos se mostrem úteis para a consecução dos objetivos de sua política externa. Para tanto, a Rússia provavelmente continuará a reforçar uma comunidade de organizações favoráveis aos seus interesses, utilizando a diáspora na América Latina e no Caribe. No curto prazo, as comunidades de língua russa permanecerão disponíveis, mas limitadas quanto à sua capacidade para promover os interesses de Moscou, uma vez que a diáspora não obteve uma ampla influência comercial ou política. Ainda assim, ela será empregada para transmitir as perspectivas russas aos públicos latino-americanos com a esperança de reforçar a “marca” russa na região.

No longo prazo, a diáspora poderia aumentar seu valor comercial e político ao entrar em espaços de influência das sociedades latino-americanas, proporcionando a Moscou um maior acesso à região. Devido ao importante legado soviético, à presença de postos diplomáticos russos na região e à postura geralmente positiva em relação aos russos, aliados à facilidade na realização das atividades descritas neste ensaio, a diáspora russa na América Latina tem, para Moscou, uma posição privilegiada em comparação às de outras partes do mundo. Essa é apenas uma das diferentes razões pelas quais a Rússia valoriza o atual e futuro envolvimento com seus compatriotas russos na América Latina. A diáspora presente na Argentina, Chile, Uruguai e Brasil oferece, potencialmente, o maior retorno sobre o investimento para Moscou, uma vez que esses continuam sendo os principais países de destino para os russos que se mudam para a região. ■

Referências

1. Valery Gerasimov, “The Value of Science Is in the Foresight: New Challenges Demand Rethinking the Forms and Methods of Carrying out Combat Operations”, trad. Robert Coalson, originalmente publicado em *Military-Industrial Kurier*, 27 Feb. 2013, republicado na *Military Review* (January-February 2016): p. 23–29, acesso em 5 mai. 2018, https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20160228_art008.pdf. [O artigo traduzido, intitulado “O Valor da Ciência está na Previsão: Novos Desafios Exigem Repensar as Formas e Métodos de Conduzir as Operações de Combate”, consta da edição brasileira de março-abril de 2016 — N. do T.] Para obter mais informações sobre guerra híbrida, veja Andrew

Radin, *Hybrid Warfare in the Baltics: Threats and Potential Responses* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2017). “Guerra híbrida” é um termo impreciso. Ainda, alguns associam a guerra híbrida com o general russo Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Rússia e Vice-Ministro de Defesa. Gerasimov afirmou que as “regras da guerra” mudaram. O papel de meios não militares na consecução de objetivos políticos e estratégicos cresceu, tendo, em muitos casos, ultrapassado, o poder da força das armas em termos de sua eficácia. O foco dos métodos de conflito aplicados mudou em direção ao amplo uso de medidas políticas, econômicas, informativas, humanitárias e de outras medidas não militares.

2. Vera Zakem et al., "Mobilizing Compatriots: Russia's Strategy, Tactics, and Influence in the Former Soviet Union" (occasional paper, Center for Naval Analyses, Arlington, VA, 2015), acesso em 5 mai. 2018, <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a626362.pdf>.
3. Russell Watson, "A 'Yeltsin Doctrine?'" *Newsweek* (site), 9 Oct. 1994, acesso em 5 mai. 2018, <https://www.newsweek.com/yeltsin-doctrine-189394>.
4. Margot Light, "In Search of an Identity: Russian Foreign Policy and the End of Ideology", *Journal of Communist Studies and Transition Politics* 19, no. 3 (2003): p. 42–59, acesso em 5 mai. 2018, <https://doi.org/10.1080/13523270300660017>.
5. Igor Zevelev, "The Russian World in Moscow's Strategy", Center for Strategic and International Studies, 22 Aug. 2016, acesso em 5 mai. 2018, <https://www.csis.org/analysis/russian-world-moscows-strategy>.
6. "Ответы Директора Департамента по работе с соотечественниками за рубежом МИД России А.А. Макарова для сайта российских соотечественников «Русское поле» (Германия)" [Respostas de A.A. Makarov, Diretor do Departamento sobre o Trabalho de Compatriotas no Exterior, Ministério de Relações Exteriores da Rússia, sobre o Trabalho de 'Russkoe Pole' (Alemanha)], 10 Jun. 2013, acesso em 5 mai. 2018, http://www.mid.ru/activity/compatriots/min/-/asset_publisher/evl8J0czYac3/content/id/1647539.
7. Klavs Zichmanis, "Russia's Diaspora Policy (1)", Latvia Canada Business Council, acesso em 5 mai. 2018, <http://www.latcan.org/pdf/kz16.pdf>.
8. Ibid.
9. "Foreign Policy Concept of the Russian Federation", Ministry of Foreign Affairs in the Russian Federation, 1 Dec. 2016, acesso em 8 jan. 2018, http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptlCk6BZ29/content/id/2542248.
10. Öncel Sencerman, "Russian Diaspora as a Means of Russian Foreign Policy", *Military Review* 98, no. 2 (March-April 2018): p. 40–49, acesso em 5 mai. 2018, <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/March-April-2018/Sencerman-Russian-Diaspora/>.
11. D. Belov, V. Boico de Semka, K. Kirichenko, A. Semenkina, O. Canina e C. Fleginsky, *Russos no Uruguai: História e o Atual Estado* [em russo] (Montevideú: Pravitelstvennaya komissiya po delam sootchestvennikov za rubezhom and Mastergraf, 2009); Jacinto Anatolio Zabolotsky, *A Imigração Russa no Rio Grande do Sul: "Os Longos Caminhos da Esperança"*, 4ª ed. (São Paulo: Martins Livreiro, 2009); I. Vasilkova, *Russos no México* [em russo] (Moscou: Fortula EL, 2009); O. Ulianova e Carmen Norambuena, *Russos no Chile* [em espanhol] (Santiago, Chile: Ariadna Ediciones, 2009); I. Baryshev, "A Diáspora Russa no Brasil" [em russo], *Bulletin of the Moscow City Pedagogical University*, Series: Historical Sciences 1, 2011, p. 75–83; M. Moseikina, "A Migração Russa para os Países Latino-Americanos nos anos 1920s–1960s" [em russo] (dissertação, People's Friendship University of Russia, Moscow, 2012).
12. Ksenia Semenova, "A New Emigration: The Best are Leaving", Institute of Modern Russia, 7 Apr. 2015, acesso em 5 mai. 2018, <https://imrussia.org/en/analysis/nation/2224-a-new-emigration-the-best-are-leaving-part-1>.
13. Graham Smith, "Transnational Politics and the Politics of the Russian Diaspora", *Journal of Ethnic and Racial Studies* 22, no. 3 (May 1999): p. 500–23; Sergey V. Ryazantsev, "The Modern Russian-Speaking Communities in the World: Formation, Assimilation and Adaption in Host Societies", *Mediterranean Journal of Social Sciences* 6, no. 3 (May 2015): p. 155–63.
14. Ibid.
15. S. Y. Netchaev, *Russos na América Latina* [em russo] (Moscow, Veche, 2010); A. I. Sizonenko, "Diáspora Russa na América do Sul" [em russo], *Cuadernos Iberoamericanos* 4 (2013): p. 369–73.
16. "Rossotrudnichestvo", Agência Federal para Assuntos da Comunidade dos Estados Independentes, Compatriotas Residentes no Estrangeiro e Cooperação Humanitária Internacional da Federação da Rússia, <http://www.rs.gov.ru/en/>.
17. Ibid.
18. Membros da diáspora russa, entrevistas com os autores, Bogotá, 2 apr. 2018, e Quito, 25 jul. 2018.
19. "Representação Oficial na Internet do Conselho de Coordenação Mundial dos Compatriotas Russos Residentes no Exterior" [em russo], BKCBC, acesso em 4 set. 2018, <http://vksrs.com/>; veja, também, "Federal Law on State Policy of the Russian Federation Regarding Compatriots Abroad", Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, acesso em 4 set. 2018, http://www.mid.ru/pereselenie/-/asset_publisher/evl8J0czYac3/content/id/283970.
20. "10ª Asamblea Regional de Compatriotas Rusos residentes en los países de continentes Americanos", *Gazeta Rusa*, 24 Jul. 2016, acesso em 5 mai. 2018, <http://gazetarusa.cr/es/espagnol-10a-asamblea-regional-de-compatriotas-rusos-residentes-en-los-paises-de-continentes-americanos/>.
21. Ian Allen, "Analysis: Russia's Policy in Ukraine Part of Wider Anti-NATO Plan", <https://intelnews.org>, 8 May 2014, acesso em 5 mai. 2018, <https://intelnews.org/tag/coordination-council-of-russian-compatriots/>. Além disso, muitos sites de embaixadas russas na América Latina contêm informações sobre as organizações de compatriotas como parte do envolvimento com a diáspora pelo Ministério das Relações Exteriores.
22. Embaixada russa na Argentina, acesso em 5 mai. 2018, <https://argentina.mid.ru/compatriots>.
23. "Carta abierta de la diáspora rusa a Mauricio Macri por la suspensión de la señal de RT en Argentina", RT News, 15 Jun. 2016, acesso em 5 mai. 2018, <https://actualidad.rt.com/actualidad/210414-diaspora-rusa-expresa-presidente-argentino-descontento-suspension-rt>; "La comunidad rusa en Argentina cuestiona a Macri", MDZ News, 16 Jun. 2016, acesso em 5 mai. 2018, <https://www.mdzol.com/nota/678194-la-comunidad-rusa-en-argentina-cuestiona-a-macri/>; "Comunidade russa na Argentina pediu manutenção da RT, em carta aberta ao presidente Macri", Sputnik Brasil, 16 Jun. 2016, acesso em 5 mai. 2018, <https://br.sputniknews.com/mundo/201606165117859-Comunidade-russa-Argentina-pediu-manter-RT-carta-aberta-presidente-Macri/>.
24. "Foundation for Support and Protection of the Rights of Compatriots Living Abroad", The World Coordinating Council of Russian Compatriots Living Abroad, <http://vksrs.com/news/xii-regionalnuyu-konferentsiyu-rossiyskikh-sootchestvennikov-stran-ameriki-prinimaet-kubal>.
25. "O Cálculo de Centros Russos" [em russo], Russkiy Mir Foundation, acesso em 4 set. 2018, <https://russkiymir.ru/rucenter/catalogue.php>; "O que é um Escritório?" [em russo], Fundação Russkiy Mir, acesso em 4 set. 2018, <https://russkiymir.ru/rucenter/cabinet.php>.
26. Evgeny N. Pashentsev, "The Strategic Communication for Russia in Latin America and Its Interpretation by the USA", *Journal of Public Administration* (Lomonosov Moscow State University, Moscow, Aug. 2012).
27. Dados do Facebook compilados pelos autores.
28. "Liubov Glebova at the World Conference 'Together with Russia: Compatriots—Our Partners in Strengthening the Positive Image of Russia Abroad'", Rossotrudnichestvo, acesso em 4 set. 2018, <http://rs.gov.ru/en/news/2926>.



O Presidente russo Vladimir Putin presta homenagem à memória de Islam Karimov, o primeiro presidente do Uzbequistão, em Samarcanda, Uzbequistão, 6 Set 16. (Foto cortesia do Governo da Rússia)

Uma Perspectiva Proveniente da Ásia Central sobre o *Soft Power** Russo

A Visão de Tashkent, Capital do Uzbequistão

Robert F. Baumann

*Soft Power — Às vezes traduzido como “poder brando”, “poder persuasivo” ou “formas de influência não violentas”.

Durante o último ano, recorrentes manchetes elevaram a consciência norte-americana sobre a capacidade de poderes estrangeiros conduzirem ataques digitais contra bancos de dados e websites, orquestrarem operações de *trolling* de grande escala [fazendo comentários para instigar respostas irracionais na internet] e contaminarem, em geral, o diálogo doméstico em relação às questões cruciais sobre as políticas nacionais. Embora não seja a única ameaça, a Rússia tem se tornado o país mais associado com a má conduta na internet, variando de simples inquietação a atos hostis no domínio cibernético. Essa observação proporciona contexto, mas não é o foco deste artigo. O que é igualmente interessante pelo ponto de vista estratégico, mas muito menos aparente, é a capacidade da Rússia de influenciar outros países por meio de “*soft power*”, um termo cunhado pelo Professor Joseph Nye¹. As esferas nas quais o *soft power* atua incluem a atividade econômica, a diplomacia, os esforços de informações ou desinformações, bem como a influência sutil de entretenimento comum, cultura popular e veículos de comunicação.

As marcas do *soft power*, como estrelas de Hollywood e a moda norte-americana, têm chegado a todos os cantos do mundo. Contudo, em muitos lugares, a influência cultural dos EUA não passa incontestada. Este artigo abordará as influências culturais russas transmitidas por instituições e vários canais da mídia, analisando alguns padrões gerais, especificamente, no Uzbequistão, onde este autor já passou muito dos últimos dois anos realizando a função de orientador acadêmico na Academia das Forças Armadas (AFA), na capital Tashkent.

Na maioria das vezes, o *soft power* se encaixa dentro da gama de interação normal entre Estados e a sua intenção não é abertamente agressiva ou mesmo hostil. Os norte-americanos, em particular, não percebem isso porque os filmes, programas de televisão, livros e música russos ou de outros países têm feito poucas investidas em nossa cultura popular, que é bastante centrada em torno de si mesma. Por outro lado, as manifestações do impacto global dos EUA são tão numerosas e universais que elas se sobrepõem a quaisquer outras influências dentro das nossas fronteiras. Entretanto, esse não é o caso nos lugares mais próximos das fronteiras geográficas da Rússia, em particular naqueles 14 Estados independentes que faziam parte da União Soviética em um passado

não tão distante. Mesmo nos Estados Bálticos e na Ucrânia, com os quais as relações variam de fria a hostil, a Rússia ainda exerce uma influência notável de *soft power*. Entre as antigas repúblicas soviéticas, esse poder de atração depende das associações históricas, da política atual, da intensidade do nacionalismo, da demografia e de outros fatores locais.

Pode-se argumentar que a influência russa na Ásia Central, em particular no Uzbequistão, se manifesta de várias formas. Primeiro, cada ex-república soviética herdou um considerável legado institucional. As formas de pensamento político, os processos burocráticos, um sentido de lugar no mundo e uma experiência histórica compartilhada, até certo grau, motivam seus líderes a, no mínimo, levarem em conta os interesses e perspectivas de Moscou. Segundo, em muitos casos, o permanente engajamento russo, por meio de vários tipos de mídia, molda as percepções locais. Se os uzbeques, por exemplo, têm sido culturalmente condicionados a ver a Rússia como um país “normal”, isso afeta o juízo coletivo sobre a conduta russa e suas expectativas para sua própria sociedade. Assim sendo, se os meios de comunicação russos apoiam sem questionar as posições oficiais do seu próprio governo, tal abordagem parece mais razoável e aceitável, também, em um contexto uzbeque. Terceiro, o ponto de vista da Rússia em relação ao resto do mundo frequentemente servirá como um ponto de partida lógico para a interpretação dos eventos internacionais, incluindo guerras e conflitos políticos. No mínimo, isso faz com que seja mais fácil para os líderes políticos regionais alinharem-se com a política externa russa.

Antes de iniciar uma análise do *soft power* russo, algumas observações se fazem necessárias com respeito aos públicos na ex-União Soviética e na Ásia Central, em particular. Na edição March-April 2018, da versão em inglês, da *Military Review*, Öncel Sencerman escreveu sobre a diáspora russa através dos territórios da antiga União Soviética². Nas últimas décadas do Império Russo, bem como durante a era de poder soviético entre 1922 e 1992, os russos étnicos ou os cidadãos russófonos da Rússia europeia foram incentivados a colonizar as zonas fronteiriças não russas para promover o desenvolvimento econômico e fortalecer a integração política do país. Quando a União Soviética se dissolveu, muitos russos se encontraram “encalhados” em novos países como uma minoria étnica, linguística, religiosa e cultural.



Sua Santidade Cirilo I, patriarca de Moscou e de toda a Rússia, (à esquerda) visita a Diocese de Tashkent da Metrópolia da Ásia Central, em Bukhara, Uzbequistão, 2 Out 17. A sensibilização pela Igreja Ortodoxa Russa, que apoia firmemente o atual governo russo, proporciona mais um meio pelo qual Moscou pode exercer sua influência de *soft power*. (Foto cortesia da Igreja Ortodoxa Russa, Departamento para Relações Externas da Igreja)

Especialmente para esse público, o fluxo de influências culturais que emanam da Rússia fornece uma conexão importante com aquilo que pode ser considerado sua terra natal étnica. A Rússia tem oficialmente se interessado no bem-estar da sua diáspora, um fato que seus vizinhos não se podem dar luxo de ignorar. O conflito em andamento na Ucrânia é uma forte prova disso.

Em resumo, é natural que a Rússia esteja sensível às preocupações dos russos no “exterior próximo”, e que eles, por sua vez, sejam receptivos às influências culturais provenientes da Rússia. Contudo, isso não engloba completamente os papéis desempenhados pelo idioma russo como um meio de *soft power*.

O Papel do Idioma e da Afiliação Étnica Russa

Durante o período soviético, virtualmente todos os não russos estudavam o russo como uma segunda língua na escola. O efeito residual dessa política é que, hoje, esse idioma é amplamente entendido nas antigas repúblicas soviéticas. Com certeza, há uma distinção clara entre as gerações no nível de fluência. No Uzbequistão, por

exemplo, os jovens não russos — principalmente uzbeques, tadjiques, quirguizes e cazaques — frequentemente falam russo com dificuldade ou quase nada. Depois da sua independência, o governo reduziu a importância do estudo desse idioma como parte de uma campanha geral de elevar o uso do uzbeque na vida pública. Ademais, considerando a influência da globalização e a abertura da sociedade para maior engajamento com a economia internacional, o inglês tem surgido como uma atraente opção de estudo para muitos. Contudo, a fluência em inglês permanece relativamente rara.

Em geral, o inglês pode ser mais atraente do que o russo para os jovens, mas ainda não é um meio significativo de influência pelas fontes de notícias, filmes e assim por diante. Por outro lado, a programação em russo é abundante e exige apenas um entendimento passivo do idioma, em vez da proficiência falada. Segundo um estudo, em 2004, 20% dos uzbeques ativamente usam o russo e 60% alegam ter competência básica³. Embora, quase com certeza, esses números tenham diminuído desde então, é da experiência deste autor que o russo permanece importante como um meio de notícias, entretenimento



O então Primeiro-Ministro Vladimir Putin conversando com o vice-CEO da emissora Russia-1 Kirill Kleimyonov (segundo à direita) e o CEO Konstantin Ernst, em um estúdio de notícias da estação de televisão Ostankino, em Moscou, 3 Fev 11. Os canais proeminentes de notícias e de informações na língua russa, como o Russia-1 e o Russia-24, transmitem programações diuturnamente no Uzbequistão. (Alexey Druzhinin, Governo da Federação Russa)

e comércio em Tashkent e em outras cidades uzbeques. Permanece significativo, também, por outra razão interessante: o russo ainda é a “língua mais propícia” para a comunicação entre grupos étnicos em muitos casos e para a condução de relações entre as ex-repúblicas soviéticas. Considerando que, antigamente, o russo servia como a língua franca da União Soviética, como reportado pela acadêmica Aneta Pavlenko, o idioma ainda hoje continua a exercer essa função em muitas partes da Eurásia⁴.

O papel do russo no ensino superior permanece significativo, embora tenha perdido espaço em face do uzbeque e do inglês. A maioria dos professores é fluente em russo e uma grande parte do material didático em diversos assuntos é acessível, principalmente, nesse idioma. Contudo, a diferença entre as gerações conduz o país inevitavelmente na direção da instrução em uzbeque. Currículos são traduzidos cada vez mais do russo para o uzbeque para uso nas apresentações em sala de aula. O mesmo ocorre no ensino militar. Na AFA, a maior parte da instrução é conduzida em uzbeque e é provável que os oficiais jovens não sejam tão proficientes no russo em comparação com os mais antigos.

Entretanto, há uma universidade em Tashkent que profere aulas somente em inglês, para atender à demanda popular de estudantes locais que buscam oportunidades no comércio internacional. Da mesma forma,

a escola particular de ensino médio de maior prestígio em Tashkent opera, também, em inglês. Centros de ensino da língua inglesa, oferecendo instrução tutorial e para pequenos grupos, estão aparecendo em todo lugar. Em resumo, o inglês está ganhando terreno com públicos seletos, mas não se equivale ao russo como um meio para atingir as massas.

Naturalmente, a língua russa exerce maior influência nos países onde a minoria étnica russa é expressiva e existe uma fronteira com a Rússia. Nenhum desses fatores se aplica ao Uzbequistão. Por outro lado, a população russa no Cazaquistão, já em 1989, ainda constituía 37,6% da população geral e estava pesadamente concentrada nos grandes centros urbanos responsáveis pela economia e pela vida cultural. Embora a população russa diminuísse significativamente em termos percentuais, já em 2004, o Cazaquistão ainda tinha 477 jornais de língua russa. Em 2006, estima-se que 75% dos cazaques étnicos eram fluentes em russo e mais de 60% da população geral alegou usar esse idioma ativamente na vida quotidiana⁵. Logicamente, a previsão a longo prazo para uma forte influência cultural russa no Cazaquistão é muito mais provável do que no Uzbequistão.

As relações econômicas frequentemente refletem tendências demográficas. A falta de mão de obra na Rússia, que perdura por muitos anos, tem atraído muitos

trabalhadores migrantes da Ásia Central. Entretanto, mais da metade da população do Uzbequistão possui menos de 30 anos de idade e o mercado de trabalho local não é capaz de absorver a atual demanda. Conseqüentemente, muitos uzbeques viajam para a Rússia, ou apenas atravessam a fronteira norte para o Cazaquistão, a fim de encontrar trabalho. Segundo os dados do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, entre 2010 e 2013, as remessas de divisas provenientes de cidadãos uzbeques empregados no exterior representaram entre 10% e 12% do produto interno bruto⁶. Ao longo do tempo, parece que a economia uzbeque está se fortalecendo e sua taxa de pobreza está em declínio. Por enquanto, a Rússia serve como uma importante fonte de emprego.

O Impacto Russo no Fluxo de Informações

Considerando que a Rússia exerce enorme influência cultural sobre a Ásia Central, é valioso apreciar os meios de informações pelos quais ela tem operado. Pelas finalidades a que este artigo se propõe, vários métodos se sobressaem, merecendo uma análise mais criteriosa. O primeiro pode ser descrito como institucional, englobando o teatro político — quer dizer, o emprego de declarações presidenciais, reuniões de autoridades russas com seus equivalentes da Ásia Central, declarações de cooperação e assim por diante. O alcance da Igreja Ortodoxa Russa, um dos pilares de apoio do atual governo, também desempenha um papel relevante. O segundo elemento diz respeito à Rússia como uma fonte de notícias mundiais e de informações gerais. A mídia russa, em particular a televisão, atinge todos os grandes mercados na Ásia Central. Os noticiários russos refletem, em geral, uma qualidade de produção mais elaborada do que os programas produzidos localmente, um fator que talvez ajude a atrair uma audiência considerável. Além disso, os noticiários russos abrangem tipicamente uma gama mais ampla de assuntos que trazem à tona notícias não reportadas por outras fontes de mídia regionais. Terceiro, a programação de entretenimento russo, antigamente um objeto de ridicularização no Ocidente, tem feito grandes progressos desde a queda da União Soviética. Mais uma vez, a superioridade relativa à programação produzida localmente na Ásia Central atrai, inevitavelmente, uma audiência considerável. Os canais de televisão mais proeminentes da Rússia estão bem financiados e, conduzidos pelas receitas de publicidade, já determinaram o que entretém e prende as audiências.

Ao considerar cada um desses elementos, por sua vez, o teatro político era uma forma de arte durante o período soviético e certos padrões ainda se aplicam. Reuniões de nível presidencial têm servido por muito tempo como aspecto central da televisão e dos jornais. A especial atenção dedicada às ações oficiais pelos estadistas no primeiro escalão do governo tende a afirmar, no imaginário popular, a seriedade das decisões governamentais e projetar as autoridades como sábias, judiciosas e respeitadas internacionalmente. Os anúncios de nível presidencial ou as declarações oficiais servem ao mesmo propósito e são transmitidas de forma fidedigna na sua íntegra por meio da imprensa escrita e on-line. Ademais, de acordo com o modelo russo, a maioria das agências de notícias faz pouco esforço para se aprofundar nas informações dirigidas a seus públicos em assuntos subjacentes que podem lhes dizer respeito.

Depois da morte do primeiro e único presidente uzbeque (até então), Islam Karimov, em setembro de 2016, expressões de condolências vieram de líderes estrangeiros de todo o mundo. Apenas alguns dias após o falecimento, o Presidente russo Vladimir Putin visitou o lugar de nascimento de Karimov, em Samarcanda, e colocou flores em seu túmulo, prestando homenagem à viúva presidencial. Essa visita foi coberta pelas fontes de mídia russas e uzbeques e transmitiu uma forte mensagem de garantia para a continuidade das relações entre os dois países. Durante seu pronunciamento oficial, Putin afirmou, “Faremos tudo para manter esse caminho de desenvolvimento conjunto e apoiar o povo do Uzbequistão e o governo uzbeque. Podem contar conosco como seu amigo mais confiável”⁷. A ocasião serviu como uma oportunidade ideal para Putin ressaltar a importância da presença russa na região bem como o fato de que não seria seu governo que advertiria publicamente o

Robert F. Baumann, PhD, é Diretor do programa de pós-graduação e Professor de História no U.S. Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, Kansas. É bacharel em Russo pelo Dartmouth College, mestre em Russo e Estudos do Leste Europeu pela Yale University e doutorado em História pela Yale University. É autor de vários livros, capítulos de livros e artigos acadêmicos, e é o escritor e produtor de um filme documentário sobre a missão multinacional e dos EUA de manutenção de paz na Bósnia.

Uzbequistão sobre seu sistema político não transparente ou suas restrições à expressão de dissensão.

Apenas sete meses depois, em abril de 2017, o recém-eleito presidente do Uzbequistão, Shavkat Mirziyoyev, retribuiu o favor com uma visita a Moscou. Durante suas declarações oficiais, Mirziyoyev enfatizou a busca de entendimento comum com a

Rússia sobre a questão regional mais importante, dizendo, “O Uzbequistão apoia completamente os esforços russos para fazer avançar o processo de reconciliação nacional no Afeganistão e participará da reunião mais ampla sobre esse tema em 14 de Abril, em Moscou”⁸. Ele observou, também, o aumento na importação de equipamentos militares russos pelo Uzbequistão, além de outros esforços cooperativos. Em geral, essa declaração refletiu uma maior cordialidade com a Rússia, bem como uma abordagem pragmática e conciliatória por parte de Mirziyoyev em relação a todos os seus vizinhos regionais, durante o primeiro ano da sua administração. A cobertura da viagem esteve nas primeiras páginas de todos os jornais do Uzbequistão e foi, também, manchete das notícias de televisão.

Em geral, enquanto que as visitas de Estado passam quase despercebidas na imprensa ocidental, esse tipo de evento recebe um lugar proeminente nos noticiários das menos ocidentalizadas ex-repúblicas soviéticas. Além disso, a minuciosa cobertura das trocas de declarações oficiais (quase sempre mundanas) tende a obscurecer a ausência generalizada de notícias sérias na imprensa doméstica.

Mais uma vez, a programação de notícias na televisão russa ajuda a preencher essa lacuna. O canal Russia-24 oferece notícias contínuas e está amplamente disponível. O formato espelha os programas de notícias ocidentais, mas o conteúdo geralmente corresponde exatamente à receita de Putin. Outros canais proeminentes, como Russia-1, oferecem programação de infor-

mações diárias, bem como programas de discussão que parecem ser um híbrido entre um painel de debates e um game show. Não raro, os participantes são autoridades de alto escalão do governo ou acadêmicos de nível superior, embora a maioria das pessoas possa alegar uma conexão às políticas ou ao assunto em questão. A discussão é informal e parece aberta. Contudo, não é necessariamente focada ou rigidamente orientada para os fatos e evidências. Há uma chuva de opiniões durante o programa, cuja própria diversidade espelha a análise de painel dos programas ocidentais, sem a intenção de obter o mesmo resultado. O verdadeiro propósito parece não ser esclarecer as áreas de disputa, mas, em vez disso, incentivar brigas retóricas e confundir os espectadores. As mensagens patrióticas

são transmitidas alta e claramente, mas a soma total é entreter os públicos, mas deixá-los desconfiados de quaisquer outras coisas.

Segundo um ex-produtor de reality shows russos, Peter Pomerantsev, é bem provável que isso seja o efeito pretendido. Em seu livro *Nothing is True and Everything is Possible* (“Nada é Verdade e Tudo é Possível”, em tradução livre), escrito em 2014, Pomerantsev descreve



Uma cópia da capa do DVD de *Dvizhenie Vverkh* (“Indo na Vertical”, em tradução livre), um filme produzido na Rússia em 2017 sobre a conquista da medalha de ouro no basquete masculino contra os EUA, durante as Olimpíadas de 1972, em Munique. O filme se inclui nas tentativas russas de se contrapor à influência cultural da mídia ocidental, por meio de produtos televisivos e de cinema de alta qualidade, com grande apelo popular para promover a visão sociopolítica russa. (Cortesia do autor)



Propaganda de filmes norte-americanos em Tashkent, Uzbequistão, em 2017. Alguns analistas afirmam que o atual domínio mundial da indústria de entretenimento norte-americana proporciona aos Estados Unidos um tipo de *soft power*, usado para moldar a cultura popular de outros países, como o Uzbequistão, para sua vantagem política e econômica. (Cortesia do autor)

a forma da arte de ofuscação de notícias⁹. A informação é arrancada das suas amarras tradicionais, fazendo com que seja quase impossível para as pessoas comuns distinguirem os fatos da ficção. Depois do abatimento, em 2014, do voo MH-17 da Malaysia Airlines na Ucrânia, a mídia russa saturou as transmissões de rádio e televisão com uma variedade atordoante de teorias, todas culpando a Ucrânia ou os Estados Unidos. A falta de coerência ou concordância entre as explicações criou um tipo de ruído branco que, para o público russo doméstico, amorteceu as alegações do Ocidente, segundo as quais os aliados separatistas da Rússia na Ucrânia eram os culpados. Putin não criou essa cultura de incongruência, mas ele certamente sabe muito bem como explorá-la.

Entretanto, baseado na experiência deste autor, a reputação de Putin é sólida na Ásia Central. Ele não é adorado, porém é percebido geralmente como um líder racional e responsável, zeloso dos interesses da Rússia e que raramente cria problemas políticos na região. As entrevistas concedidas por Putin ao cineasta Oliver Stone, conduzidas entre 2015 e 2017 e televisionadas por toda a região, merecem especial destaque. Uma versão em Russo circulou nas lojas de Tashkent logo após sua primeira transmissão. O resultado foi uma provável melhora na imagem de

Putin. Os espectadores, até onde este autor pode determinar, o viram como alguém com quem se pode dialogar. Ele parecia razoável e humilde, mas também dominante e vigoroso. Não encontrei alguém que pudesse conciliar essa perspectiva com as afirmações da imprensa ocidental de que Putin era imprudente, agressivo e desrespeitoso das normas internacionais. As pessoas também puderam observar que o entrevistador era um norte-americano, um detalhe que elevou a credibilidade do encontro. Poucos perceberam que Stone não era na realidade um jornalista ou que o questionamento não era muito incisivo. Poucos ainda estabeleceram uma ligação entre Stone e alguns dos seus filmes controversos relacionados a assuntos polêmicos como o assassinato do Presidente John Kennedy.

O Poder de Entretenimento

Apropriadamente, a linha entre as notícias e os reality shows na Rússia se tornou indistinta. Um caso notável visto por este autor ocorreu no outono de 2016. Um reality show chamado *A Equipe (komanda)* deu destaque a um aliado de Putin, o Presidente Ramzan Kadyrov da Chechênia, que encenou uma competição entre 16 concorrentes para escolher seu “assistente”¹⁰. A Chechênia, claro, foi palco de duas guerras travadas com o propósito

de prevenir sua secessão da Federação Russa. Kadyrov subiu ao poder após o assassinato do seu pai. Acusado de controlar seu Estado semiautônomo com punho de ferro, Kadyrov construiu uma reputação assustadora de métodos extremos para lidar com seus opositores, da mesma forma como o seu chefe. Durante os episódios desse programa, Kadyrov aparece como um homem normal, mostrando um bom senso de humor, bem como um novo conjunto de valores pessoais que reflete sua recente conversão ao Islamismo. Entremeadado com comentários sobre tudo, desde sua própria juventude lutando contra tropas russas nas montanhas até o papel das mulheres em casa, o programa mostrou uma sequência de eventos estranhos, como vendas de sorvete, boxe, a coordenação de procedimentos médicos e uma “declaração de objetivos” para o futuro da Chechênia¹¹. Se a intenção era humanizar Kadyrov, provavelmente funcionou.

do entretenimento público, a fim de assegurar sua conformidade com os limites da moralidade convencional. Por exemplo, o governo anunciou recentemente que uma novela histórica popular produzida na Turquia já não seria transmitida na televisão local devido ao seu conteúdo inapropriado. Da mesma forma, diretrizes apareceram, implementando algumas restrições sobre os vestuários de grupos musicais¹³.

Na realidade, quando se trata da seleção de filmes para exibição pública, a Rússia exerce muita influência sobre o que é apresentado no Uzbequistão e em outros lugares. A razão principal é que a produção de versões de filmes norte-americanos em russo ocorre na própria Rússia. Dessa forma, a Rússia escolhe quais filmes serão disseminados por toda a região. Somente após esse primeiro passo, o país anfitrião pode tomar suas próprias decisões. Uzbekkino, a agência cinematográfica oficial do

“ Entretanto, na esfera de entretenimento, a Rússia já aprendeu a competir até certo grau com o colosso de *soft power* dos EUA — Hollywood. ”

Entretanto, na esfera de entretenimento, a Rússia já aprendeu a competir até certo grau com o colosso de *soft power* dos EUA — Hollywood. De fato, em meados de abril de 2018, durante uma visita a Tashkent, o Vice-Ministro de Telecomunicações Alexei Volin propôs a cooperação para o desenvolvimento de filmes e programas, e até mesmo a possibilidade de se criar um canal de televisão conjunto¹². Por décadas, a capacidade incomparável dos estúdios de cinema norte-americanos de produzir filmes populares de grande sucesso já proporcionou uma plataforma formidável para a transmissão não sistemática das percepções, opiniões e normas de conduta da sociedade norte-americana. Hoje em dia, os filmes dos EUA são lançados normalmente em Moscou ou Tashkent poucas semanas após sua estreia nas salas de cinema dos EUA. Em qualquer marquise em Tashkent, os títulos de filmes norte-americanos são predominantes. A produção de Hollywood está tão disseminada na maioria da antiga União Soviética que a Rússia, recentemente, aumentou um pouco os preços para os filmes norte-americanos serem exibidos nos seus próprios teatros. Nada semelhante ocorreu no Uzbequistão, embora as autoridades controlem o teor

governo uzbeque, pode determinar independentemente se um filme produzido no exterior é inapropriado para divulgação local¹⁴. Mesmo assim, há certa flexibilidade para teatros locais exercerem um poder discricionário. Em um caso curioso recente, o Teatro Ilkhom, que está na moda em Tashkent, decidiu exibir *A Morte de Stalin*, um filme britânico de humor negro, durante o 65º aniversário da morte do líder soviético. O filme foi inicialmente marcado para exibição na Rússia, mas acabou sendo banido devido ao seu aspecto desrespeitoso¹⁵. Talvez, há alguns anos, o Uzbequistão tivesse feito a mesma coisa. É possível que o incidente reflita mais uma mudança sutil introduzida pela nova administração presidencial no Uzbequistão.

Sob a ótica russa, uma maneira para excluir o material oriundo do Ocidente seria incrementar sua própria produção. Mais importante que o papel dos censores é a maneira como as indústrias cinematográficas e de televisão russas têm se aperfeiçoado recentemente. Talvez, ao perceber o impacto cultural de uma forte indústria cinematográfica, o governo russo já incentivou a televisão e o cinema a assumirem projetos mais ambiciosos. Um bom exemplo disso foi a exibição da série que contava a biografia de Catarina, a Grande, transmitida pela

emissora Russia-1 nos anos de 2016 e 2017. A qualidade de atuação e de produção estavam relativamente altas e, talvez, mais importante foi a elevada qualidade do entretenimento. De fato, a série marcou uma das raras ocasiões em que um programa produzido na Rússia foi reconhecido e comercializado no Ocidente com uma versão em inglês. Isso não é uma biografia chata sobre uma antiga soberana russa. Em vez disso, é um conto complexo que, em sua maior parte, é fiel aos fatos históricos, refletindo adequadamente a vida multifacetada e a personalidade de Catarina. Seu casamento difícil com o esquisito Pedro III, sua série de relações amorosas, sua imersão no mundo político e sua aceitação do papel da imperatriz que faria muito para ampliar a expansão e o prestígio da Rússia receberam uma abordagem séria.

É possível que o programa fosse significativo em outro aspecto. Na região da Ásia Central, que ainda reflete uma visão social dominada pelos homens, uma série popular sobre uma grande líder feminina não podia deixar de atrair atenção. Por um ponto de vista russo, o programa se encaixa, também, na agenda de Putin para despertar o amor pelo país. A narrativa reforça a percepção de que a Rússia está sitiada por adversários estrangeiros traiçoeiros e que, às vezes, grandes líderes precisam tomar decisões moralmente problemáticas para o bem do Estado. Um intelectual, à sua própria maneira, Putin é um aficionado pela história militar e um incentivador da Sociedade de História Militar Russa, devido ao seu trabalho para fomentar o patriotismo.

Um outro sucesso de bilheteria doméstica ainda mais atual, *Dvizhenie Vverkh* (“*Indo na Vertical*”, em tradução livre), trata da inesperada e dramática conquista russa da medalha de ouro na competição de basquete masculino durante as Olimpíadas de 1972, em Munique. A melhor maneira para descrever este filme e vê-lo como a imagem de espelho do filme americano *Miracle* (“*Desafios no Gelo*”), que retrata o “milagre no gelo” da vitória dos EUA em hóquei no gelo nas Olimpíadas de Inverno de 1980, em Lake Placid, Nova York.

As semelhanças são óbvias, mas apenas os espectadores com alguma lembrança da História perceberão um pouco de licença criativa na versão russa de basquete. Em 1980, a equipe masculina de hóquei competiu em um período no qual os profissionais ainda estavam proibidos de participação olímpica. Essa regra particular favoreceu bastante a União Soviética, cujos jogadores não eram considerados profissionais apesar de

serem em todo o sentido da palavra. Afinal eram atletas pagos por tempo integral, enquanto estavam nominalmente no serviço militar ou em outras profissões. A equipe soviética era uma máquina de hóquei magnífica e o triunfo americano de energia e determinação estava mais próximo de um milagre esportivo¹⁶.

Por outro lado, embora seja verdade que a equipe masculina de basquete dos EUA fosse a grande favorita para vencer os jogos em 1972, não era uma vitória garantida, ainda que os Estados Unidos nunca tivessem perdido uma competição de basquete olímpica até aquele momento. Como delineado pelas regras, os Estados Unidos tinham que reunir um grupo de estudantes universitários jovens, mas talentosos, para treinar juntos por apenas uns meses antes da competição. Por sua vez, os jogadores soviéticos subsidiados pelo Estado eram bem mais experientes, fisicamente maduros e tinham jogado juntos por anos na primeira divisão soviética. Em resumo, a competição tinha tudo necessário para ser bastante disputada. Contudo, no filme russo, que ridiculariza um pouco a burocracia soviética, a sua equipe é, de alguma maneira, um grande azarão contra um grupo de americanos feios que farão qualquer coisa para vencer. No final, os soviéticos prevaleceram, beneficiados por confusão na mesa de arbitragem e pela intervenção do chefe da Fédération Internationale de Basketball Amateur, que invalidou os árbitros do jogo e impôs um acréscimo de dois segundos no relógio de jogo no último momento. Isso resultou em uma segunda e terceira tentativas de tiro livre para os soviéticos que os permitiu reverter o placar. Um recurso subsequente dos EUA foi negado por três votos contra dois, três dos quais eram provenientes de Estados comunistas. Dito isso, o jogo final foi incrível e se encaixa perfeitamente dentro do escopo dos finais atléticos maravilhosos¹⁷. Em qualquer caso, o ponto é claro para os russos no ambiente hiperpatriótico atual. Além disso, sem dúvida, o filme servirá como entretenimento para públicos russófonos em boa parte da Eurásia.

Isso vale como lembrança de que o esporte era um meio de influência soviético e, agora, é russo também. O êxito no âmbito internacional elevou o orgulho doméstico, refletindo favoravelmente na ordem interna. Ao mesmo tempo, indicou ao mundo exterior que os russos podem ser altamente bem-sucedidos em esforços competitivos. Um bom indicativo do uso dos esportes para fortalecer o moral nacional foi a enorme cobertura positiva pela mídia¹⁸.

O mercado editorial é outro campo no qual a Rússia possui uma imensa influência. As livrarias não existem em abundância na Ásia Central e as editoras locais são responsáveis por edições modestas com tiragens limitadas. Especialmente para a cobertura de assuntos contemporâneos, os leitores precisam recorrer a obras impressas em russo. Entre os livros recentemente disponíveis em uma livraria em Tashkent, dois exemplos ilustram bem isso. O primeiro, *Rússia, Crimeia, História*, retrata a reivindicação histórica russa da região e porque a justiça foi feita por seu “retorno”¹⁹. O segundo tem o título provocativo *Mitos Malignos sobre a Rússia: O que Eles no Ocidente Dizem sobre Nós?* Essa obra é uma rápida excursão histórica sobre as impressões negativas da Rússia mantidas no Ocidente, incluindo a alegação curiosa de que hoje o Ocidente quer transformar a Rússia em uma colônia²⁰. (Durante minhas explorações informais no Cazaquistão, descobri um espectro ideológico mais amplo de obras nativas, incluindo algumas que teciam críticas ao governo russo.) Os quiosques em Tashkent exibem, também, um punhado de jornais na língua russa que são simplesmente edições locais das mesmas publicações de Moscou. Em resumo, a visão russa do mundo é representada em quase todos os lugares do mercado de informações.

Mas, por que isso é importante? Um ponto emergente no contexto da competição global por influência é que os apelos às emoções são frequentemente mais efetivos do que aqueles que recorrem à argumentação baseada em fatos. Isso é especialmente verdade em um ambiente digitalmente sofisticado, onde os fatos parecem cada vez mais suspeitos. O planeta inteiro está conectado agora por uma estrutura virtual em que os apelos de um grupo, como o Estado Islâmico, podem competir em pé de igualdade com fontes que, pelo ponto de vista racionalista ocidental, são muito mais respei-

plausíveis e propaganda. Um recente estudo publicado na revista *Science*, usando dados do Twitter no período compreendido entre 2006 e 2017, reportou que as informações falsas circulam muito mais rapidamente do que a verdade²¹. No futuro, a superioridade das informações talvez pertença àqueles que têm estudado como a transmissão de ideias opera através das nuvens dos cérebros humanos em redes digitais.

Na realidade, a própria experiência dos EUA com seus aparentes esforços de desinformações já resultou na criação de um grupo interdisciplinar de acadêmicos com o propósito de estudar não apenas maneiras para limitar a entrada de fluxos de notícias falsas em nosso “ecossistema informacional”, mas também aspectos da psicologia humana que nos fazem suscetíveis a certos tipos de apelos. Existem dois pontos focais, segundo Brendan Nyhan, professor do Dartmouth College. Um deles é: “Como podemos criar um ecossistema de notícias e cultura que valorize e promova a verdade?”²² Há outras preocupações sobre as formas com as quais as pessoas tomam decisões individuais para compartilhar informações na internet.

O autor Kurt Andersen, em um artigo intitulado “How America Lost its Mind” (“Como os Estados Unidos Perderam o Juízo”, em tradução livre), rastreia o ambiente informacional norte-americano atual, retrocedendo até a década de 1960 e sugere que patologias paralelas surgiram tanto na esquerda quanto na direita das políticas norte-americanas. Ele argumenta que no início dos anos 1960, a vida pública nos EUA ainda se baseava na “grande ideia do Iluminismo de liberdade intelectual” vinculada à noção de que o consenso pode formar-se em torno de uma análise atenciosa da evidência e respeito dos fatos²³. Essa lembrança talvez seja um pouco idealizada, porém ainda existe um referencial. Isso nos remete à afirmação de John Stuart Mill no capítulo 2 de *A Liberdade*, segundo a qual o questionamento livre e aberto é a única e

“

O antigo método soviético para o controle da população acabou protegendo-os de informações externas. Hoje, os cidadãos russos têm muito mais acesso às fontes de informações estrangeiras, até mesmo educações estrangeiras.

”

tadas e dignas de confiança. Em outras palavras, fatos são importantes apenas para aqueles que acreditam que são importantes ou podem distinguir entre reportagens

correta maneira para se determinar a verdade²⁴. Mesmo uma análise direta e a rejeição de ideias ruins podem ajudar no entendimento completo de ideias melhores.



Uma delegação militar russa liderada pelo Gen Div Alexander Lapin, Comandante do Distrito Militar Central da Rússia (terceiro sentado à direita), se reúne com uma delegação uzbeque chefiada pelo Gen Bda Pavel Ergashev, Primeiro Vice-Ministro de Defesa e Comandante do Exército de Uzbequistão (terceiro sentado à esquerda) em Tashkent, Uzbequistão. A reunião tinha por propósito discutir formas de cooperação militar entre os dois países, 16 Fev 18. Ambas as partes exprimiram suas perspectivas sobre uma enorme variedade de assuntos, incluindo questões da Ásia Central e do Oriente Médio, planos para compartilhar experiência organizacional no treinamento de combate e um exercício de contraterrorismo que ocorreu em um campo de treinamento na região de Jizzakh, Uzbequistão. (Foto cortesia do Ministério de Defesa da Federação Russa)

Em algum momento, o diálogo norte-americano começou a perder de vista esse princípio. Andersen observa, por exemplo, que o termo “tradicional”, naquela época, ainda não tinha obtido sua implicação pejorativa associada com as opiniões das elites não democráticas em assuntos de governo, ciência ou no mundo corporativo²⁵. Durante o decorrer da década, os Estados Unidos se moveram para um tipo de hiperindividualismo, no qual cada um pode definir sua própria realidade, houve a invenção do complexo da “fantasia-industrial”, que enalteceu a subjetividade e descartou a objetividade como inatingível ou simplesmente não importante. Como descrito por Andersen, “Após os anos 60, a verdade era relativa, a crítica era igual à vitimização, a liberdade individual se tornou absoluta e todos foram permitidos a acreditar ou desacreditar qualquer coisa que desejavam”²⁶.

Em certos aspectos, a consideração por fatos talvez fosse mais alta tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética há 50 anos. O antigo método soviético para o controle da população acabou protegendo-os

de informações externas. Hoje, os cidadãos russos têm muito mais acesso às fontes de informações estrangeiras, até mesmo educações estrangeiras. No entanto, com a explosão de tabloides domésticos, conjecturas na televisão sem fatos comprovados e tagarelices desconcertantes na internet, os russos são mais cínicos sobre as informações em geral. Da maneira com que as coisas estão evoluindo, a cultura de informações dos EUA talvez siga na mesma direção. Especialmente desconcertante é uma progressiva tendência de menosprezar os motivos daqueles que discordam de nós. Conforme nos tornamos mais “tribais” em nossos pensamentos, parece que somos mais inclinados a considerar adversários filosóficos como inimigos, ameaçadores e, de algum modo, moralmente inadequados. Tentativas bem intencionadas para preencher a lacuna com diálogo inteligente perdem para embates retóricos e ataques *ad hominem*.

Sem comparar moralmente os vários grupos extremistas que habitam os polos do espectro político norte-americano ou global, é possível, não obstante,

perceber uma relação simbiótica, na qual cada grupo usa seus adversários para galvanizar raiva e mobilizar seus seguidores à ação. Timur Kuran, professor de Estudos Islâmicos da Duke University, explica que “comunidades intolerantes competem por seguidores. (...) Assim como os departamentos de propaganda dos partidos [políticos], eles promovem ideologias que concentram sua atenção em reivindicações particulares, interpretações históricas e instrumentos de políticas. Da mesma forma, proporcionam status social aos seus integrantes e tratam os não-membros com desprezo. Por fim, alegam falar em nome de categorias inteiras de pessoas”²⁷.

Nunca, desde o período da Guerra do Vietnã, o diálogo político norte-americano tem lembrado com tanta facilidade a séria advertência de Tucídides sobre excessos retóricos em relação aos conflitos civis, há mais de dois mil anos. Ao descrever a revolução na Grécia antiga, Tucídides escreveu:

O significado normal das palavras em relação aos atos muda segundo os caprichos dos homens. A audácia irracional passa a ser considerada lealdade corajosa em relação ao partido; a hesitação prudente se torna covardia dissimulada; a moderação passa a ser uma máscara para a fraqueza covarde, e agir inteligentemente equivale à inércia total. O homem irascível sempre merece confiança, e seu oposto se torna suspeito²⁸.

Obviamente, ainda não chegamos a esse ponto, mas as mídias sociais já provaram ser especialmente indutoras de provocações demagógicas e facilitadoras do vigilantismo virtual.

Isso leva a discussão de volta à Rússia. Usando as publicações do General russo Valery Gerasimov como um ponto de partida, Timothy Thomas, um analista de longa data da Rússia, argumenta que, considerando seus meios limitados de exercer influência, a Rússia enfatiza o uso das mídias sociais e da internet como um meio para formar ou interromper ecossistemas informacionais em vários locais. Ele explica, por exemplo, que websites, como o “International Russian Conservative Forum” (“Fórum Conservador Russo Internacional”), tentam se inserir nas discussões políticas no exterior com a intenção de “amplificar” as vozes que podem ser mais extremas ou distorcidas²⁹. Lynn Ellen Patyk, professora assistente do Dartmouth

College, descreve o fenômeno desta forma: “A provocação — um ato que é concebido para produzir uma reação do seu alvo, servindo aos fins do provocador e prejudicando seu oponente”³⁰. No passado, a União Soviética tipicamente tentou insinuar sua influência por meio da manipulação das vozes na extrema esquerda do espectro político. Hoje, livre do imperativo de promover uma única perspectiva ideológica, a Rússia já aprendeu que pode travar a guerra informacional através de todo espectro e agravar a opinião em múltiplos lados ao mesmo tempo.

Como era de se esperar, os governos que impõem limitações sobre debate eleitoral ou atividades na internet podem, na realidade, contar com um certo grau de isolamento deste tipo de interferência. Uma vez que os fortes serviços de segurança dos Estados da Ásia Central se mantêm atentos aos websites e às mídias sociais, essas agências provavelmente identificariam alguns tipos de interferência estrangeira e limitariam sua atividade.

O Estado de Segurança do Uzbequistão em Contexto Cultural

Embora sempre amistoso à Rússia, o Uzbequistão já manteve seu vizinho à distância, evitando alianças militares vinculativas ou outras relações que poderiam comprometer algum aspecto da sua soberania. Isso não significa que não exista cooperação militar com a Rússia. Pelo contrário, no final de 2017, foi noticiado que o Uzbequistão decidiu comprar 12 helicópteros de ataque russos Mi-35 durante uma visita do Primeiro-Ministro russo Dmitri Medvedev. Ainda, em outubro de 2017, a Rússia e o Uzbequistão participaram de um exercício militar conjunto pela primeira vez desde 2005³¹.

Um breve olhar sobre as forças armadas uzbeques proporciona entendimento quanto à abordagem nacional para assuntos de segurança. Inevitavelmente, o legado do exército soviético possui uma forte influência. Depois da queda da União Soviética, o exército uzbeque não apenas herdou equipamentos, filosofia de treinamento e doutrina, mas também uma perspectiva institucional que engloba modos de pensamento e de instrução. A cultura organizacional, como a ausência de um conjunto de graduados capazes e capacitados, refletiu fortemente seus antecedentes dos exércitos russos e soviéticos. Na

instrução, este legado se manifestou na forte dependência de palestras e da memorização de conteúdo, o domínio do qual seria confirmado por testes — uma fórmula que antigamente prevalecia, também, no ensino norte-americano.

Em janeiro de 2017, Mirziyoyev declarou em um discurso que a reforma militar no Uzbequistão adotaria também o sistema de instrução militar. Na AFA, que foi transferida recentemente para um campus mais moderno em Tashkent, o contato com instrutores dos Estados Unidos e de alguns parceiros da OTAN já contribuiu para a adoção de uma variedade de métodos de instrução e maior ênfase no papel de seminários e outros fóruns para discussão. O ano acadêmico de 2016-2017 marcou o primeiro ano durante o qual um Conselheiro do Ministro de Defesa, trabalhando sob os auspícios da Defense and Security Cooperation Agency (Agência de Cooperação em Defesa e Segurança), serviu como assessor da AFA.

Ao trabalhar de forma convergente, uma série de instrutores militares (incluindo alguns do U.S. Army Command and General Staff College — CGSC) já visitaram a AFA nos últimos anos, como parte do Defense Education Enhancement Program (Programa de Aprimoramento de Instrução da Defesa). O foco tem sido incentivar o emprego do que são conhecidos como métodos de aprendizagem de adultos, utilizados no CGSC e em outros lugares. A ênfase no desenvolvimento de pensamento crítico é uma característica desse esforço. O pensamento crítico, por sua vez, exige a análise de problemas por múltiplas perspectivas e permite flexibilidade para a adoção de vários métodos. Em outras palavras, isso marca uma ruptura da transmissão de conhecimento



Uma estátua de Amir Timur, Tamerlão o Grande, ocupa uma praça antigamente ornada com uma estátua de Karl Marx, em Tashkent, Uzbequistão, 24 Out 13. O Uzbequistão associa seu histórico com o império de Tamerlão, o Grande, que reinou em Samarcanda no Século XIV. (LoggaWiggler, Pixabay)

recebido como determinado por pessoas em posição de autoridade. Isso não significa, absolutamente, um mergulho no relativismo. Os rigores nas salas de aula exigem que as opiniões sejam bem fundamentadas e que os estudantes possam articular de modo convincente suas argumentações. Várias visitas por delegações da AFA ao CGSC no Fort Leavenworth, Kansas, ao longo dos últimos cinco anos, motivaram os militares uzbeques a construir salas de aula baseadas em um design semelhante ao modelo norte-americano. Graças ao prestígio do CGSC, a AFA deseja incorporar muitas de suas características e métodos de ensino.

A Invenção do Uzbequistão

Logicamente, a AFA está disposta a aceitar boas ideias provenientes da Rússia ou da China também, e continuará a proceder dessa forma. Segundo um modelo de precaução prudente, o Uzbequistão tem, geralmente, adotado uma abordagem multilateral para as questões militares, interagindo com todos, sem se tornar excessivamente dependente de um único parceiro ou aliado. Ao evitar compromissos rígidos, o Uzbequistão já se absteve da participação em operações, incluindo operações de manutenção da paz, fora das suas fronteiras. Isso têm funcionado satisfatoriamente como um elemento de suas políticas externas, mas já se pode observar um vácuo em relação à experiência operacional. Por essa razão, a AFA se interessa muito no estudo de experiências militares estrangeiras, que se constitui em um dos principais assuntos de instrução.

Em geral, a perspectiva e a abordagem do Uzbequistão são formadas por sua própria juventude, que o vê como um Estado independente. O mesmo se aplica a outras ex-repúblicas soviéticas. Não obstante, em especial, para os Estados da Ásia Central, a independência já resultou em um alto grau de “autoinvenção.” Algumas das outras ex-repúblicas soviéticas, como aquelas no Cáucaso ou na região do Mar Báltico, já possuíam históricos como Estados independentes, aos quais elas podiam recorrer para lhes dar um sentido de identidade nacional e um passado útil. Até mesmo a Ucrânia começara a desenvolver uma consciência nacional antes da sua revolução em 1917 e tinha, por conseguinte, uma experiência efêmera com a soberania. A experiência na Ásia Central era diferente. Impérios e canatos iam e vinham, mas não estavam baseados em um princípio nacional ou identificados intimamente com uma nacionalidade titular. O Islamismo serviu como o conceito principal de organização. Conseqüentemente, o processo de classificar pessoas em nações começou sob a União Soviética que, de certa forma, proporcionou um período de incubação para os emergentes Estados nacionais na era pós soviética.

Isso significa que sua experiência como parte da União Soviética é excessivamente importante como uma referência compartilhada e lembrada até o presente. Contudo, para fomentar um sentido de identidade histórica mais forte, esses Estados precisam recorrer ao seu passado mais profundo, algo que lhes proporcione indicadores menos identificáveis. Por isso, um pouco de licença criativa já se provou necessário como parte da construção de históricos nacionais ou, como alguns diriam, mitos nacionais. O Uzbequistão já escolheu associar seu histórico com o império de Tamerlão (Timur), o Grande, que reinou em Samarcanda no Século XIV. A estátua dele ocupa uma praça proeminente no centro de Tashkent, uma vez honrada com a estátua de Karl Marx. O neto de Tamerlão, Ulugh Beg, já merece, também, seu lugar entre os grandes habitantes locais. Tanto um soberano quanto um astrônomo talentoso do início do Século XV, cujo observatório maravilhoso ainda pode ser visitado em Samarcanda, Ulugh Beg fornece aos cidadãos do Uzbequistão uma rica tradição intelectual, à qual eles podem reivindicar.

Algo que se pode concluir disso tudo é que o Uzbequistão, assim como outros Estados da Ásia Central, está aprendendo a engajar o mundo da mesma forma com que engajam seus próprios antecedentes históricos. Substancialmente, as influências estrangeiras têm se tornado parte da mistura de fatores que formam o desenvolvimento desses jovens Estados. A Rússia, no Século XXI, já se mostrou, talvez mais rapidamente do que qualquer outro Estado, como perseguir seus objetivos de políticas externas por todas as meios disponíveis. Porém, a geografia, por si só, garantirá que a influência russa perdure sobre a Ásia Central. Mesmo assim, o Uzbequistão e os outros Estados da região não são tão facilmente influenciados. Após um quarto de século de independência, eles possuem um sentido mais claro da sua identidade e dos seus interesses e insistirão em engajamentos com o exterior em termos iguais. ■

Referências

1. Joseph S. Nye, *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power* (New York: Basic Books, 1990).
2. Öncel Sencerhan, “Russian Diaspora as a Means of Russian

Foreign Policy”, *Military Review* 98, no. 2 (March-April 2018): p. 40–49.

3. Aneta Pavlenko, “Russian in Post-Soviet Countries”, *Russian*

Linguistics 32 (2008): p. 73.

4. *Ibid.*, p. 76.

5. *Ibid.*, p. 72-75.

6. "About Uzbekistan", United Nations Development Programme, acesso em: 16 mai. 2018, <http://www.undp.org/content/uzbekistan/en/home/countryinfo.html>.

7. "Putin Visits Karimov's Grave, Meets Uzbek PM", RadioFreeEurope/RadioLiberty, 6 Set. 2016, acesso em: 16 mai. 2018, <https://www.rferl.org/a/uzbekistan-russia-putin-visits-karimov-grave/27969685.html>.

8. Catherine Putz, "Uzbek President Mirziyoyev Makes State Visit to Russia", *The Diplomat*, 7 Apr. 2017, acesso em: 16 mai. 2018, <https://thediplomat.com/2017/04/uzbek-president-mirziyoyev-makes-state-visit-to-russia/>.

9. Peter Pomerantsev, *Nothing Is True and Everything Is Possible: The Surreal Heart of the New Russia* (New York: PublicAffairs, 2014).

10. "Chechen Leader Kadyrov Hosts 'The Apprentice'-Style TV Show", *Voice of America*, 6 Oct. 2016, acesso em: 16 mai. 2018, <https://www.voanews.com/a/chechen-leader-kadyrov-hosts-the-apprentice-style-tv-show/3539353.html>.

11. Will Worley, "Chechnya Picks Leader Ramzan Kadyrov's Aide with Apprentice-Style Reality Show, Only with More Boxing and Horse Riding", *Independent*, 26 Nov. 2016, acesso em: 16 mai. 2018, <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/chechnya-ramzan-kadyrov-aide-the-apprentice-style-reality-tv-show-a7440651.html>.

12. "Uzbekistan, Russia to Jointly Create TV Channel", *Eurasianet*, 17 Apr. 2018, acesso em: 16 mai. 2018, <https://eurasianet.org/s/uzbekistan-russia-to-jointly-create-tv-channel>.

13. Ron Synowitz, "Ban On Turkish Soap Opera Reflects Uzbek President's New Approach to Islam", *RadioFreeEurope/RadioLiberty*, 23 Feb. 2018, acesso em: 16 mai. 2018, <https://www.rferl.org/a/uzbekistan-islam-soap-opera-banned-new-approach/29058684.html>.

14. "Uzbekistan Filmgoers Get to See Death of Stalin. For Free", *Eurasianet*, 1 Mar. 2018, acesso em: Mai 2018, <https://eurasianet.org/s/uzbekistan-filmgoers-get-to-see-death-of-stalin-for-free>.

15. *Ibid.*; Marc Bennetts, "Russia Pulls 'Despicable' Death of Stalin from Cinemas", *The Guardian* (website), 23 Jan. 2018, acesso em: 16 mai. 2018, <https://www.theguardian.com/world/2018/jan/23/russia-urged-to-delay-death-of-stalin-release-until-summer>.

16. Robert F. Baumann, "The Central Army Sports Club (TsSKA): Forging a Military Tradition in Soviet Ice Hockey", *Journal of Sports History* 15, no. 2 (Summer 1988): p. 151-66.

17. Veja a descrição do evento por Frank Saraceno, "Classic USA vs. USSR Basketball Game", *ESPN Classic*, 6 Aug. 2004, acesso em: 16 mai. 2018, http://www.espn.com/classic/s/Classic_1972_usa_ussr_gold_medal_hoop.html; veja, também, Kevin

Wiutherspoon, "'Fuzz Kids' and 'Musclemen': The US-Soviet Basketball Rivalry 1958-1975", in *Diplomatic Games: Sport, Statecraft, and International Relations Since 1945*, ed. Heather Dichter and Andrew Johns (Lexington, KY: University Press of Kentucky, 2014), p. 297-326.

18. Veja John Soares, "'Our Way of Life against Theirs': Ice Hockey and the Cold War", in *Diplomatic Games*, p. 251-96.

19. Nikolai Starikov e Dmitri Beliaev, *Rossia. Krym. Istorii* [Rússia, Crimeia, História] (Moscow: Piter, 2016).

20. Igor Prokopenko, *Zlye mify o Rossii. Chto o nas govoriat na Zapade?* [Mitos Malignos sobre a Rússia. O que Eles no Ocidente Dizem sobre Nós?] (Moscow: Eksmo, 2016), p. 185.

21. Soroush Vosoughi, Deb Roy e Sinan Aral, "The Spread of False News Online", *Science* 359, no. 6380 (9 March 2018): p. 1146-51.

22. Bill Platt, "Nyhan Joins Call for a New Field of Study to Fight Fake News", *Dartmouth News*, 21 Mar. 2018, acesso em: 16 mai. 2018, https://news.dartmouth.edu/news/2018/03/nyhan-joins-call-new-field-study-fight-fake-news?utm_source=dhome&utm_medium=referral&utm_campaign=dhome_carousel1.

23. Kurt Andersen, "How America Lost Its Mind", *The Atlantic* (website), Sep. 2017, acesso em: 25 mai. 2018, <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/how-america-lost-its-mind/534231/>.

24. John Stuart Mill, *On Liberty* (1859; repr., Kitchener, ON: Batoche Books, 2001), p. 18-30. O livro altamente influente de Mill foi publicado pela primeira vez em 1859. Para mais discussão sobre Mill, veja *System of Logic: Ratiocinative and Inductive* (London: Longman, 1884), p. 631-32.

25. Andersen, "How America Lost Its Mind".

26. *Ibid.*

27. Timur Kuran, "Another Road to Serfdom: Cascading Intolerance", in *Can it Happen Here? Authoritarianism in America*, ed. Cass Sunstein (New York: Dey Street Books, 2018), p. 238.

28. *The Landmark Thucydides: A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, ed. Robert B. Strassler (New York: Free Press, 1996), p. 199-200.

29. Timothy Thomas, *Kremlin Kontrol: Russia's Political-Military Reality* (Fort Leavenworth, KS: Foreign Military Studies Office, 2017), p. 58.

30. Lynn Ellen Patyk, "The Real Reason Russia Blames Britain for the Skripal Poisonings", *The Washington Post* (website), 2 Apr. 2018, acesso em: 16 mai. 2018, <https://www.washingtonpost.com/news/made-by-history/wp/2018/04/02/the-real-reason-russia-blames-britain-for-the-skripal-poisonings>.

31. Joshua Kucera, "Uzbekistan Restoring Closer Military Ties with Russia", *Eurasianet*, 12 Dec. 2017, acesso em: 16 mai. 2018, <https://eurasianet.org/s/uzbekistan-restoring-closer-military-ties-with-russia>.



O primeiro astronauta brasileiro, Marcos Pontes, participa de treinamento de gravidade zero em 13 Fev 06 a bordo de um avião perto de Moscou. Pontes decolou do Cosmódromo de Baikonur no Cazaquistão em 30 Mar 06 com o cosmonauta russo Pavel Vinogradov e o astronauta norte-americano Jeffrey Williams. Passou oito dias na Estação Espacial Internacional antes de retornar à Terra com a equipe sendo substituída. (Foto da Associated Press)

A Cooperação Técnico-Militar entre Brasil e Rússia

Fruto da Ordem Mundial Pós-Guerra Fria

Imanuela Ionescu

Na evolução da civilização humana, a necessidade de cooperação entre grupos para produzir coalizões visando ao benefício mútuo tem sido uma constante. Contudo, a natureza dessa cooperação, as diversas formas que ela assume e os diferentes estados finais dela decorrentes sempre dependeram de uma grande variedade de fatores internos e externos, com influências tanto do passado quanto do presente, aliadas às influências de projeções futuras.

Partindo do pressuposto de que existe um imperativo humano básico de empregar a cooperação entre grupos para a consecução de fins mútuos, apresento, neste artigo, uma breve análise do surgimento gradual da efetiva “aliança estratégica e tecnológica” que existe entre a Rússia e o Brasil. Identificarei e destacarei os fatos relevantes que levaram à atual relação de cooperação tanto quanto possível, dadas as limitações de espaço. Esta análise apoia-se na premissa de que a base e o propósito do interesse de cada país em um outro não é a amizade, e sim o desejo de aumentar seu próprio poder para proteger seus interesses políticos e econômicos¹.

Antecedentes

A seguir, apresenta-se uma breve visão cronológica da cooperação entre as duas nações, seguida de uma descrição mais detalhada de fatos significativos, com uma análise dos benefícios extraídos dessas instâncias de colaboração, conforme relevantes principalmente para o aumento do poderio militar brasileiro²:

- 1828: A Rússia e o Brasil formalizam o estabelecimento de relações diplomáticas³.
- 1828-1993: Reduzido grau de interação entre os dois países, sendo a maior parte no comércio; relações interrompidas durante a Guerra Fria até cerca de 1991, após o fim do regime militar no Brasil e a queda da União Soviética.
- 1994-presente: A cooperação se torna estratégica — nas áreas política, militar e técnica —, mas os resultados não atendem aos objetivos declarados.

Deixando de lado as diversas iniciativas não relacionadas à segurança, voltadas ao estabelecimento de melhores relações e colaboração durante os períodos supracitados, este artigo se concentra na evolução da cooperação técnico-militar entre os dois países desde o início dos anos 1990 até hoje. Entre os elementos não abordados está o diálogo em um contexto multilateral de organizações formais, como o

BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o Grupo dos 20 (ou G20, um fórum internacional para os dirigentes dos governos e bancos centrais de 19 nações e da União Europeia), e a Organização das Nações Unidas (ONU)⁴.

Contudo, embora esses aspectos não sejam analisados no presente artigo, cabe observar que o Brasil e a Rússia ofereceram apoio um ao outro em muitas áreas de interesse mútuo além da cooperação técnico-militar. Por exemplo, a Rússia apoiou o pleito brasileiro por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, enquanto o Brasil facilitou o diálogo entre a Rússia e países-membros do Mercosul (o bloco comercial sul-americano estabelecido pelo Tratado de Assunção em 1991 e pelo Protocolo de Ouro Preto em 1994). O Brasil também apoiou, de forma veemente, o projeto de acordo que a Rússia apresentou na ONU para proibir a instalação de armas no espaço. Além disso, os dois países têm relações comerciais bilaterais fortes e de longa data; por exemplo, a Rússia é um dos maiores importadores de carne do Brasil.

Histórico das Relações Bilaterais entre Brasil e Rússia no Campo Técnico-Militar

A maior ênfase na cooperação técnico-militar entre o Brasil e a Rússia foi citada oficialmente pela primeira vez em 1992 por Georgy E. Mamedov, vice-chanceler russo. Após uma reunião entre Mamedov e o embaixador brasileiro em Moscou, Sebastião do Rego Barros, este último observou em um telegrama confidencial: “creio poder dizer que vejo um esforço russo até há pouco não demonstrado em desenvolver as relações com nosso País”⁵. Entre 1992 e 1994, houve vários eventos centrados no estabelecimento de boas relações entre entidades governamentais, os quais demonstraram o interesse russo no Brasil:

- Uma delegação comercial russa visitou o Brasil e propôs, entre outras coisas, a abertura de uma montadora de aviões *Yak* no Rio Grande do Sul⁶.
- A visita de uma missão brasileira causou decepção entre os russos, porque não foi incluído nenhum representante brasileiro do Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial na delegação. Ao que consta, esse fato foi interpretado pelos russos como uma “relativa falta de interesses de seus interlocutores brasileiros durante aquele evento”⁷.

- Telegramas confidenciais subsequentes entre a embaixada brasileira em Moscou e a Secretaria de Estado em Brasília destacam propostas adicionais russas voltadas à cooperação no campo técnico-militar, bem como à transferência de tecnologia e criação de empreendimentos conjuntos (respeitando o Regime de Controle da Tecnologia de Mísseis)⁸.
- Embora houvesse mencionado a América Latina como último continente na lista de prioridades de relacionamento, o Conceito de Política Externa da Rússia de 1993 indicou três nações — México, Argentina e Brasil — como países latino-americanos com os quais ela teria interesse em cooperar em áreas como a pesquisa nuclear, a exploração espacial e a tecnologia de informação⁹.
- Em 1994, a Rússia firmou um contrato para fornecer ao Brasil o primeiro lote de sistemas de mísseis antiaéreos *Igla* (seguido de mais três vendas)¹⁰.

Esses eventos marcam uma transição do otimismo retórico para um esforço concentrado e tangível de desenvolver relações técnico-militares. Além disso, apesar de crises e atrasos durante a década seguinte, tais eventos contribuíram para a ampliação da aliança tecnológica vista nos últimos sete anos.

Em 1997, o estabelecimento, pelo Brasil, de uma Comissão de Alto Nível de Cooperação com a Rússia apresentou a proposta de colaboração nos campos técnico-científicos, incluindo os setores nuclear e espacial. Isso culminou, no final daquele mesmo ano, com a assinatura do *Acordo de Cooperação Técnico-Científica* e do *Acordo-Quadro sobre a Cooperação nos Usos Pacíficos*



Estação Óptica a Laser *Sazhen-TM-BIS*, localizada no campus da Universidade de Brasília. Ativada em 2013, foi a primeira estação do tipo construída fora da Rússia. A estação foi integrada ao GLONASS (*Globalnaya Navigazionnaya Sputnikovaya Sistema*, ou Sistema de Navegação Global por Satélite), a rede de posicionamento global operada pela agência espacial russa. (Foto cedida pela Agência Espacial Federal Russa)

do *Espaço Exterior*. Após uma reunião entre os presidentes do Brasil e da Rússia em 2002, uma declaração conjunta estabeleceu a promoção da cooperação bilateral na forma de uma parceria estratégica de longo prazo e da assinatura de um memorando sobre a cooperação técnico-militar¹¹.

Posteriormente, a cooperação da Rússia com o Brasil recebeu, ironicamente, um impulso significativo após um acidente no centro de lançamentos orbitais

brasileiro, o Centro de Lançamento de Alcântara. Em agosto de 2003, três dias antes do lançamento programado, o Veículo Lançador de Satélites *VLS-1* explodiu na plataforma¹². A Rússia respondeu com a oferta de sua *expertise* em foguetes para ajudar a investigar as causas do acidente. Coincidentemente, a equipe russa chegou ao Brasil durante as negociações de um acordo entre os Ministérios da Defesa e de Ciência e Tecnologia das duas nações. Naquele mesmo ano, a Rússia e o Brasil firmaram um acordo básico sobre tecnologia militar e sua transferência. O documento de revisão do *VLS-1* levou, mais tarde, a diversas modificações no modelo do foguete e torre de lançamento¹³.

Mais tarde, em 2004, um consórcio de empresas russas abriu uma firma no Brasil para lançar satélites a partir do Centro de Lançamento de Alcântara e desenvolver lançadores de diferentes tamanhos, a começar pelo *VLS*, com seu primeiro lançamento até 2008¹⁴. Essa proposta foi apresentada mediante canais oficiais em fevereiro de 2004, e os investidores gastaram cerca de US\$ 2,5 milhões nesse projeto até abril daquele ano, embora não houvesse nenhuma garantia oficial ou acordo de salvaguardas tecnológicas¹⁵.

No final de 2004, ocorreu um fato decisivo para o relacionamento entre os dois países, quando o Brasil recebeu a primeira visita oficial de um presidente russo em seu território. Naquele mesmo ano, foi firmado um memorando entre o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações e a Agência Espacial Federal da Rússia sobre o programa de cooperação em atividades espaciais, que facilitou o desenvolvimento do *VLS-1*. Após a assinatura desse memorando, o presidente russo declarou que as áreas mais promissoras para cooperações bilaterais adicionais incluíam os setores de aviação, energia e construção espacial¹⁶.

Com algumas mudanças na versão brasileira do foguete, a Rússia e o Brasil compartilharam, subsequentemente, o desenvolvimento de uma nova família de foguetes e satélites geoestacionários e da infraestrutura do Centro de Lançamento de Alcântara¹⁷.

Em outubro de 2005, os presidentes da Rússia e do Brasil se reuniram em Moscou para assinar um acordo sobre a cooperação na área espacial. A declaração conjunta citou a existência de uma “parceria estratégica” entre as duas nações e a intenção de explorar o potencial de outras formas de cooperação técnico-militar¹⁸. Na declaração conjunta, os presidentes da Rússia e do

Brasil vieram de forma positiva a entrada de helicópteros *Mi-171A* e hidroaviões *Be-103* da Rússia no mercado brasileiro e o possível estabelecimento de uma linha de montagem da Embraer na Rússia¹⁹.

Uma semana após a reunião de outubro de 2005, o governo brasileiro anunciou, oficialmente, seu ambicioso programa “Cruzeiro do Sul”. Segundo esse acordo, o Brasil desenvolveria, junto à Rússia, uma família de cinco foguetes lançadores, o menor dos quais consistiria no desenvolvimento adicional do *VLS-1*, com 25 modificações sugeridas pelo departamento de projetos do Centro Estatal de Foguetes Makeyev²⁰. Isso foi realizado em conexão com o primeiro contrato para enviar um astronauta brasileiro para trabalhar na Estação Espacial Internacional²¹.

Em 2006, Marcos César Pontes — único astronauta brasileiro até a presente data — passou dez dias no espaço com cosmonautas russos, dois dias a bordo da nave Soyuz e oito dias na Estação Espacial Internacional. Essa missão foi uma enorme fonte de orgulho nacional, que conferiu grande visibilidade ao programa espacial brasileiro perante o povo, ao mesmo tempo que incentivou o apoio público ao crescente relacionamento do Brasil com a Rússia. O Brasil pagou US\$ 10 milhões à Rússia por esse lançamento, o qual, segundo as informações disponíveis, é a metade do preço que a Rússia normalmente cobrava durante aquele período²².

Em 2007, o governo brasileiro realizou uma concorrência para a aquisição de 36 aeronaves para a renovação e modernização da frota de aeronaves supersônicas brasileiras (programa FX-2), e a Rússia apresentou o avião *Su-35* como opção. Embora fosse um dos favoritos, a Força Aérea Brasileira declarou, em 2008, que o *Su-35* estava fora do processo de seleção final²³. Contudo, um ano depois, o Brasil assinou um acordo para compensar a compra (por meio de *offset*, ou compensação comercial) de 12 helicópteros militares *Mi-35* no valor de cerca de US\$ 150 milhões para a Força Aérea²⁴.

Imanuela Ionescu possui o bacharelado em Direito e mestrados em Sistemas de Direito Público e Instituições Públicas e em Relações Internacionais. Concluiu, também, o mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Rio de Janeiro. Ionescu foi monitora da disciplina de Política Externa Norte-Americana na UFF. Publicou diversos artigos e foi coautora de um livro.

Em 2008, o Brasil e a Rússia firmaram um acordo de cooperação em tecnologia de defesa para o desenvolvimento conjunto de caças a jato de quinta geração e um lançador de satélites, bem como o uso compartilhado de submarinos, satélites, sistemas de mapeamento, tecnologia de guiamento remoto e segurança de informação²⁵. Naquele mesmo ano, as agências espaciais do Brasil e da Rússia lançaram um programa de cooperação na utilização e desenvolvimento do Sistema de Navegação Global por Satélite (GLONASS), o equivalente russo do GPS²⁶. Um ano depois, dentro dos limites do acordo de salvaguardas tecnológicas, o Brasil e a Rússia ratificaram a elaboração do anteprojeto do foguete *VLS Alfa* (uma versão modificada do *VLS-1*)²⁷.

Em 2010, enquanto se organizava para a Copa do Mundo FIFA 2014 e as Olimpíadas de 2016, o Brasil comprou veículos blindados *Tigr* da Rússia, para apoiar as medidas de segurança²⁸. No ano seguinte, a Gazprom (maior fornecedora de gás natural da Rússia) abriu um escritório de representação no Rio de Janeiro. Posteriormente, o magnata russo Igor Zyuzin criou uma companhia binacional com a Usina Siderúrgica do Pará (Usipar). Mais tarde, a Rosoboronexport (Empresa Federal Estatal Unitária da Rússia, agência intermediária de exportação/importação de produtos, tecnologias e serviços relacionados à defesa e de emprego dual) iniciou negociações com o governo brasileiro sobre a modernização e aquisição de viaturas policiais brasileiras²⁹.

Em dezembro de 2012, após uma visita oficial da Presidente Dilma Rousseff à Rússia, o Brasil firmou um acordo para a compra de sistemas antiaéreos em fevereiro de 2013. Ao mesmo tempo, a empresa estatal Russian Technologies State Corporation (Rostec) e a Odebrecht Defesa e Tecnologia assinaram um memorando de cooperação técnica, comprometendo-se a estabelecer um empreendimento conjunto para a produção de helicópteros, armas de defesa antiaérea, veículos navais, etc.³⁰ Isso incluía acordos sobre a criação de um empreendimento conjunto no Brasil para a montagem de helicópteros da família *Mi-171*, de fabricação russa, estabelecimento de um centro de serviços para helicópteros *Mi-35M* e criação de um sistema integrado de defesa antiaérea para as Forças Armadas brasileiras³¹.

O chefe da delegação militar brasileira, Gen José Carlos de Nardi, disse, na ocasião, que estava negociando a aquisição de duas baterias dos sistemas portáteis de defesa antiaérea *Igla-S* (“Agulha”) e três *Pantsir-S1*, a

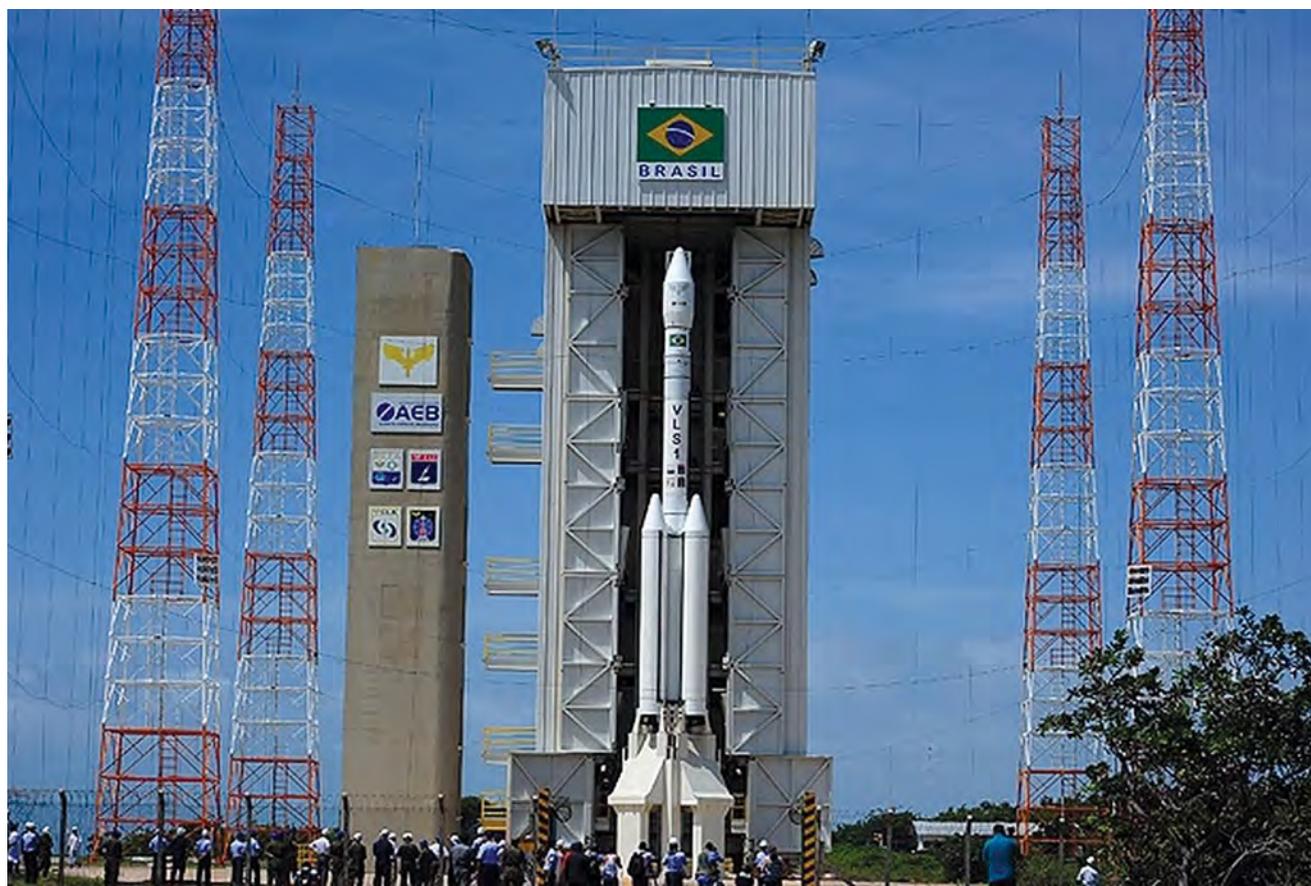
qual incluiria o recebimento da tecnologia e o direito de construir uma fábrica para sua montagem no Brasil³². A Almaz-Antey, uma empresa estatal russa da indústria de armas, propôs um projeto pelo qual o sistema de defesa antiaérea do Brasil seria dividido em cinco partes, utilizando apenas armamentos russos. Entre as armas propostas estavam mísseis *S-300* e versões modificadas dos sistemas de defesa antiaérea *Buk* e *Tor*³³. Em 2012, a Almaz-Antey deu início a negociações sobre a cooperação bilateral para o apoio à segurança durante a Copa do Mundo, que seria realizada em 2014 no Brasil e em 2018 na Rússia, e durante as Olimpíadas de inverno na Rússia, em 2014, e de verão, no Brasil, em 2016. No final daquele ano, a empresa brasileira Atlas Táxi Aéreo comprou sete helicópteros *Ka-62*³⁴.

Em 2013, Dmitry Shugaev, vice-diretor geral da empresa russa Rostec (estabelecida no final de 2007 para unir empresas estrategicamente importantes), e o chefe da delegação russa durante a feira latino-americana de segurança e defesa LAAD 2013, realizada no Rio de Janeiro, falaram sobre a aliança tecnológica com o Brasil (referindo-se à Odebrecht e sua subsidiária de alta tecnologia, a Mectron) e a firma brasileira Marcopolo, que produz ônibus na Rússia junto à Kamaz (fábrica russa de caminhões e motores), bem como a implementação do sistema de reconhecimento facial no Brasil para a Copa Mundial e as Olimpíadas³⁵.

No mesmo ano, Sergei Shoigu, Ministro da Defesa russo, fez uma visita oficial ao Brasil para fechar a venda de sistemas de mísseis no valor de US\$ 1 bilhão³⁶.

Ainda em 2013, a Estação Óptica a Laser *Sazhen-TM-BIS* (primeira do gênero a ser construída fora da Rússia) foi instalada na Universidade de Brasília. Esse sistema integra o GLONASS³⁷. Um segundo sistema foi instalado no ano seguinte³⁸.

Em decorrência da tensão gerada pelas alegações de espionagem norte-americana de e-mails pessoais da presidente, o Brasil ficou bastante interessado em sistemas de defesa cibernética³⁹. Por sua vez, em consequência dos embargos impostos pela comunidade internacional após a anexação da Península da Crimeia e de preocupações ligadas à crescente influência norte-americana na Europa devido a desdobramentos militares em países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) perto de sua fronteira, a Rússia ficou mais interessada na cooperação com o Brasil em uma gama de áreas de segurança de alta tecnologia⁴⁰.



Em 2015, após o Brasil expressar interesse em modernizar sua usina nuclear após o terremoto e tsunami de 2011, que causaram a liberação de materiais radiativos em Fukushima, no Japão, a Rosatom (estatal russa de energia nuclear) abriu um escritório no Rio de Janeiro, ao lado da Eletronuclear, em 2015⁴¹. A Rosoboronexport expressou sua intenção de exportar caças *Su-35* para o Brasil, incluindo a transferência de tecnologia — embora houvesse recusado tal transferência antes, em 2008⁴².

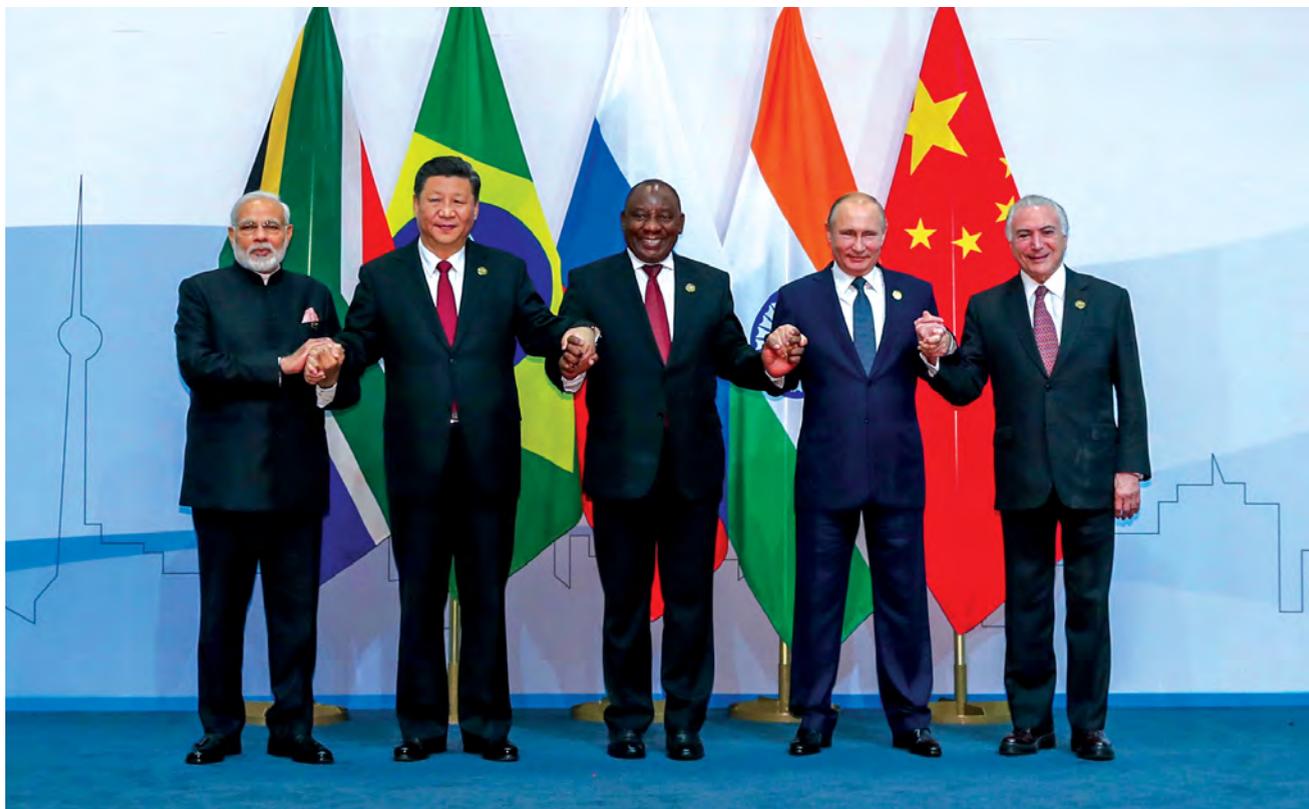
Previamente, em meados de 2014, representantes das Forças Armadas brasileiras participaram como observadores dos exercícios militares russos (adaptados aos requisitos brasileiros) no campo de provas de Tula, do Ministério de Defesa da Rússia (a 200 km de Moscou). Parte desses exercícios incluíram o rastreamento do emprego de sistemas *Pantsir-S1* em tempo real⁴³. Isso foi seguido de nove dias de análise antes de entrar na fase contratual para a aquisição de três sistemas⁴⁴. A finalidade dessa aquisição era a de proteger a infraestrutura estratégica civil e militar brasileira⁴⁵.

Com a inauguração da *Sazhen-TM-BIS* (equipamento do GLONASS), o Brasil e a Rússia assinaram um

Modelo em tamanho real de um foguete VLS-1, de fabricação russa, é posicionado na torre de integração móvel no Centro de Lançamento de Alcântara, Estado do Maranhão, em preparação para a montagem de um foguete real, 13 Jul 12. Em 2005, o governo brasileiro declarou sua intenção de desenvolver com a Rússia cinco sistemas de lançamento relacionados (incluindo o VLS-1), baseados em *designs* russos, como parte do programa Cruzeiro do Sul. (Foto cedida pela Força Aérea Brasileira)

acordo para instalar outras estações na Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul) e no Instituto Tecnológico de Pernambuco⁴⁶. Posteriormente, durante o congresso e feira de aviação executiva latino-americana LABACE 2014, em São Paulo, o Centro de Serviços Helipark Táxi Aéreo foi autorizado a utilizar helicópteros *Ka-32*, juntamente com treinamento e suporte técnico aos seus colegas brasileiros, fornecidos por seus parceiros russos⁴⁷. Perto do final de 2014, uma comitiva russa visitou o Brasil para assistir à “parte operacional dos sistemas brasileiros de Defesa Aeroespacial e de Defesa Antiaérea”⁴⁸.

Em 2015, a Rostec declarou sua intenção de continuar sua parceria estratégica com o Brasil mediante a utilização dos sistemas inteligentes “Cidade Segura” e “E-Governo” e o fornecimento de armas de defesa



(Da esquerda para a direita) O Primeiro-Ministro indiano Narendra Modi, o Presidente chinês Xi Jinping, o Presidente sul-africano Cyril Ramaphosa, o Presidente russo Vladimir Putin e o Presidente Michel Temer durante a sessão plenária da 10ª Cúpula do BRICS em Johannesburg, 26 Jul 18. (Foto de Xie Huanchi, Xinhua/Alamy Live News)

antiaérea e helicópteros de emprego dual civil e militar⁴⁹. Em consequência, os helicópteros *Mi-35M* e *Mi-17* foram entregues ao Brasil para o uso civil, o que levou o governo brasileiro a expressar interesse em adquirir o *Ka-62*⁵⁰.

Também em 2015, o Ministro de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações do Brasil, Aldo Rebelo, e o Presidente da Agência Espacial Brasileira, José Raimundo Braga Coelho, fizeram uma visita oficial à Rússia para ampliar a cooperação bilateral nos campos de suas respectivas instituições. Um dos temas abordados foi a expansão das estações de calibração do GLONASS. Outro tema foi a instalação de uma estação russa para o monitoramento de detritos espaciais em Itajubá, Minas Gerais⁵¹.

Também se discutiu um futuro intercâmbio entre os especialistas do Parque Tecnológico de Skolkovo (em construção na Rússia) e o Parque Tecnológico São José dos Campos, no Estado de São Paulo⁵².

Em uma entrevista para a revista brasileira *Tecnologia e Defesa*, realizada em 02 Jun 15, Sergei Goreslavskiy, vice-diretor da Rosoboronexport, disse que a companhia estava promovendo o sistema de radar *Podsolnukh-E* no Brasil, que poderia ser integrado

ao sistema de controle de área marítima, uma questão muito relevante, considerando a grande extensão da costa brasileira. Ele também discutiu os planos de desenvolvimento da infraestrutura costeira SisGAAz, assim como a venda de aeronaves *Yak-130* e sistemas de mísseis *Kornet-E*⁵³.

Durante a Cúpula do BRICS, em 2015, a Presidente Dilma Rousseff aproveitou a ocasião para anunciar que o Brasil estava interessado em ampliar a parceria com a Rússia no desenvolvimento de energia atômica, lançamentos de satélites, construção de foguetes e envolvimento russo na missão brasileira Aster (primeiro projeto multi-institucional brasileiro de espaço profundo para construir uma sonda espacial de pequeno porte destinada a explorar o asteroide 2001SN263 entre Marte e Júpiter)⁵⁴.

Logo após essa reunião, o Brasil decidiu adquirir o sistema terra-ar *Pantsir-S1* como míssil de média altitude para suas Forças Armadas. O então Vice-Presidente Michel Temer transmitiu essa

decisão ao Primeiro-Ministro russo Dmitri Medvedev em 16 Set 15, em Moscou, durante a VII Reunião da Comissão Russo-Brasileira de Alto Nível de Cooperação. De acordo com as negociações, a venda incluiria a “total transferência de tecnologia, permitindo a fabricação de sistemas 100% nacionais em um prazo de até seis anos depois da assinatura do contrato”. O custo total do pacote foi estimado em US\$ 1 bilhão, a ser pago mediante compensações comerciais. O lado russo afirmou que, se fosse do interesse brasileiro, Moscou poderia “oferecer pacotes mais econômicos, com menor transferência de tecnologia, mas mais adequados à crise financeira vivida pelo Brasil”⁵⁵.

Também em 2015, o Brasil declarou que implementaria uma recente inovação russa para proteger empresas contra ataques cibernéticos. A estatal Sanepar foi a primeira empresa brasileira a ser beneficiada com a implementação dessa inovação russa⁵⁶.

Naquele mesmo ano, em 16 de setembro, a Comissão Intergovernamental Rússia-Brasil assinou um acordo de cooperação entre a Nuclebrás Equipamentos Pesados S. A. e a Rosatom América Latina para a construção de um reator nuclear brasileiro para fins pacíficos⁵⁷.

Em 27 Jan 16, o Brasil recebeu um lote de sistemas de mísseis russos de curto alcance *Igla-S* (sistemas portáteis de defesa antiaérea, ou MANPADS), distribuídos a unidades de artilharia antiaérea por todo o país. O *Igla-S* pode ser utilizado “tanto em espaços urbanos, quanto em terrenos desabitados, como na selva amazônica, principalmente quando usados em conjuntos com radares *SABER M-60* da BRADAR, integrados com Artilharia Antiaérea”⁵⁸.

Naquele mesmo ano, Ivan Dybov, vice-presidente da Rosatom, sugeriu que a Rússia poderia “construir um depósito de lixo radioativo para a Eletronuclear” (operadora das usinas Angra 1 e 2)⁵⁹. Além disso, foram inauguradas, no Instituto Tecnológico de Pernambuco e na Universidade de Santa Maria, a terceira e quarta estações do GLONASS, para melhorar sua localização por satélite⁶⁰.

Em junho de 2017, o Presidente Michel Temer esteve na Rússia, enfatizando que o propósito da visita era “incentivar investidores russos a investir em vários setores da economia brasileira”⁶¹. Ele observou que havia mais de 50 setores de possível interesse econômico para a Rússia, incluindo os de energia, petróleo e gás⁶².

Analizando a Cooperação Técnico-Militar entre Brasil e Rússia por Outros Prismas

Resumindo o desenvolvimento e estado atual da cooperação técnico-militar bilateral entre o Brasil e a Rússia, os dois gráficos ilustram a prioridade que cada um dos dois países dá aos seus respectivos setores militares. A figura 1 apresenta o produto interno bruto (PIB) dos dois países, e a figura 2, seus respectivos gastos militares desde o início de sua cooperação técnico-militar⁶³.

As figuras mostram que, enquanto o PIB da Rússia era, de modo geral, inferior ao do Brasil, seus gastos militares eram maiores, com uma única exceção. Para completar os dados: como porcentagem do PIB, no período entre 1992 e 2016, o Brasil gastou um mínimo de 1,39%, em 2016, e um máximo de 2% nos anos de 1991, 1994 e 2001; por sua vez, a Rússia gastou um mínimo de 3% em 1998 e um máximo de 5,39% em 2016. A comparação implica que a Rússia está mais focada em aumentar seu poder militar, ao passo que isso não é uma prioridade política para o Brasil.

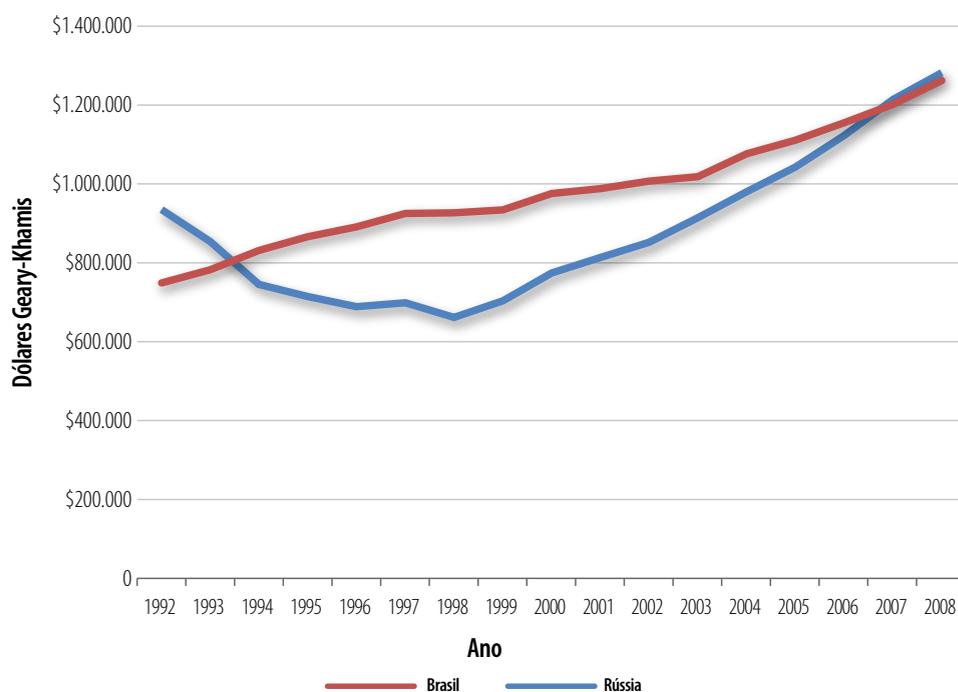
Conclusão

O Professor John J. Mearsheimer, da Universidade de Chicago, afirmou que é difícil, muitas vezes, que os Estados cooperem e que é especialmente difícil que essa cooperação evolua, se inibida por dois fatores. O primeiro é a desconfiança, se houver uma percepção de possível fraude por um dos parceiros. O outro se refere à vantagem na relação custo/benefício que os Estados geralmente buscam ao cogitarem uma cooperação, pois eles comparam seu possível investimento com o que esperam receber de uma parceria. Mearsheimer demonstra que as grandes potências muitas vezes hesitam em cooperar, particularmente no setor militar, por temerem que isso leve à transferência de vantagens tecnológicas ligadas a armas modernas que possam estimular mudanças rápidas no equilíbrio de poder, gerando tensões que nenhum grau de cooperação poderá eliminar, devido à lógica dominante de competição em segurança⁶⁴.

Por esse prisma, no relacionamento especial que surgiu entre os dois países, “o distanciamento geográfico entre Brasil e Rússia [...] reduz a preocupação mútua de segurança, o que de certa forma permite maior confiança entre esses atores internacionais”⁶⁵. Em outras palavras, como o Brasil e a Rússia estão tão distantes geograficamente, nenhum deles representa

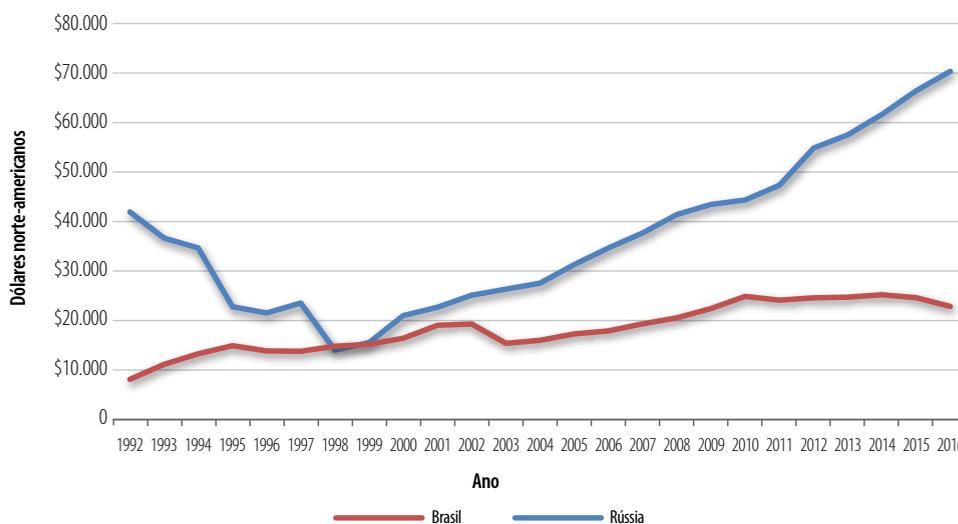
uma ameaça direta ao outro, independente-mente de seus avanços em capacidades militares. Isso parece ter sido um importante fator favorável, que propiciou menor preocupação com a fraude em seu relacionamento e maior confiança na busca de uma relação mutuamente benéfica.

Em 2014, Konstantin Sivkov, Presidente da Academia de Problemas Geopolíticos da Rússia, afirmou: “Qualquer aliança econômica se converterá, inevitavelmente, em uma aliança militar e política por uma simples razão: quando uma estreita cooperação econômica entre dois Estados tem início, a questão de proteção de seus interesses aparece imediatamente”⁶⁶. A cooperação entre o Brasil e a Rússia pode ser caracterizada como bastante promissora para ambos os países e, por meio dela, cada um deles busca aumentar seu poder. Ao mesmo tempo, a cooperação é fortemente afetada pelas prioridades nacionais e pelas consequências da distância tecnológica entre eles: enquanto o Brasil visa a adquirir *know-how* no campo dos equipamentos militares, insistindo sempre na transferência de tecnologia (facilitando as aspirações do Brasil para



(Figura da autora, dados do banco de dados do Maddison Project e do Banco Mundial; O dólar Geary-Khamis, mais comumente conhecido como dólar internacional, é uma unidade hipotética de moeda com a mesma paridade do poder de compra que o dólar norte-americano tinha em um dado momento.)

Figura 1. Produto Interno Bruto em Milhões de Dólares Internacionais Geary-Khamis (GK) de 1990



(Figura da autora, dados do Banco Mundial)

Figura 2. Gastos Militares do Brasil e da Rússia em Dólares Norte-Americanos Constantes de 2015



obter um lugar entre o seleto clube das grandes potências), a Rússia, por sua vez, o enxerga, principalmente, como um cliente e busca vender-lhe serviços e produtos acabados, utilizando sua *expertise* militar como capital⁶⁷. Afirma-se que “a taxa de transferência de tecnologia entre nações e empresas é baixíssima, historicamente, havendo predomínio do espírito da ‘caixa preta’⁶⁸.”

De uma perspectiva tanto histórica quanto geopolítica, a Rússia e o Brasil não são parceiros tradicionais. Os dois países sempre priorizaram relações com outras nações com base em seus próprios interesses, que são, predominantemente, regionais. Assim, o atual nível de cooperação deve ser visto pelo prisma da época em que ela ocorreu, ou seja, durante o pós-Guerra Fria, frequentemente descrito como um período de hegemonia unipolar dominado pelos EUA, em que tanto a Rússia quanto o Brasil tinham interesse em desafiar essa hegemonia incentivando a multipolaridade global mediante parcerias estratégicas, com cada um deles buscando obter o papel de um dos polos⁶⁹.

O Ten Cel João Ricardo da Cunha Croce Lopes posa com cadetes russos, que foram seus alunos de português em 2017. O Exército Brasileiro tem um acordo para enviar um oficial para lecionar português na Universidade Militar de Moscou em uma iniciativa voltada a cultivar melhores relações e entendimento cultural. O Ten Cel Croce foi o segundo oficial brasileiro na missão. (Foto: Ten Cel João Ricardo da C. Croce Lopes/cedida pelo CComSEX/EB)

Não é possível, ainda, tirar conclusões acerca dos efeitos da instabilidade política no Brasil sobre seu relacionamento com a Rússia após o *impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff e durante o mandato do Presidente Michel Temer. Tampouco podemos avaliar, por um lado, a influência persistente da corrupção brasileira nos mais altos escalões e, por outro, a contínua influência das amplas sanções impostas à Rússia devido às suas ações na Península da Crimeia⁷⁰. Uma consequência desta última questão é o fato de que as sanções à Rússia, aplicadas principalmente pelos EUA e pela Europa, têm gerado grande tensão nas negociações comerciais russas que afetam o Brasil. Assim, “ambos

[os países] estão lidando com uma grave crise política, e a corrupção é endêmica no sistema [...] a inflação está baixando nos dois países, assim com as taxas de juros”⁷¹.

Em 2018, foram realizadas eleições presidenciais tanto na Rússia quanto no Brasil. As prioridades de cada país continuam sendo as mesmas, e eles não estão preocupados um com o outro. Entretanto, a história nos ensina que, no mundo da política, pode haver uma reviravolta no enredo a qualquer momento. Além disso, é preciso levar em consideração que, neste tumultuado período da política internacional, as posições geralmente semelhantes da Rússia e do Brasil nas organizações

internacionais relevantes podem adquirir maior importância para os dois países. Contudo, como este artigo demonstrou que essa cooperação foi fruto de mudanças no sistema internacional pós-Guerra Fria, pode-se esperar que ela prossiga no mesmo padrão desde que não haja maiores mudanças no equilíbrio de poder do atual sistema político internacional. ■

Nota: *Uma versão básica deste artigo (em romeno), intitulada “Cooperarea tehnico-militară dintre Brazilia și Rusia: aspirații post-Război Rece,” foi publicada originalmente na revista Monitor Strategic (3-4/2016), p. 51-62.*

Referências

1. Este é um dos princípios centrais da teoria de realismo político.
2. Conforme caracterizado em “Russian Federation”, Ministry of Foreign Affairs [Ministério das Relações Exteriores], acesso em 6 set. 2018, <http://www.itamaraty.gov.br/en/ficha-pais/6573-russian-federation>.
3. Ibid.
4. Ricardo Węgrzynowski, “União de dois gigantes – Nova parceria com a Federação da Rússia pode levar o Brasil ao topo da tecnologia de defesa”, *Desafios do Desenvolvimento* Ano 5, Edição 43 (17 mai. 2008), acesso em 30 mai. 2018, http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1511:catid=28&Itemid=23. Referindo-se à cooperação aeroespacial, Himilcon Carvalho, Presidente Interino e Diretor de Política Espacial e Investimentos Estratégicos da Agência Espacial Brasileira, ressaltou que o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) vem se “fortalecendo como um bloco de desenvolvimento tecnológico”. Também vale mencionar que, dentro do BRICS, a cooperação tem sido desenvolvida com o tempo nos campos da tecnologia militar, nuclear e aeroespacial.
5. Bruno Mariotto Jubran, “Brasil e Rússia: Política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010”, (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012), p. 80.
6. Ibid., p. 85.
7. Ibid., p. 84.
8. Ibid., p. 85.
9. Andrei Melville e Tatiana Shakleina, *Russian Foreign Policy in Transition: Concepts and Realities*, apud Vinícius Gurtler da Rosa, “Brasil e Rússia: uma parceria verdadeiramente estratégica?” (dissertação de mestrado, Universidade do Rio Grande do Sul, maio de 2014), p. 85.
10. “Rosoboronexport’ na LAAD 2011 – Defence & Security. Entrevista com o chefe da delegação da Rosoboronexport Serguei Ladiguin”, *DefesaNet*, 30 mar. 2011, acesso em 30 mai. 2018, <http://www.defesanet.com.br/laad2011russia/noticia/142/%E2%80%9CRosoboronexport%E2%80%9D-na-LAAD-2011-%E2%80%93-Defence-&Security/>.
11. “At the End of Negotiations, President Vladimir Putin and President Cardoso of Brazil Signed a Joint Statement”, Kremlin, 14 Jan. 2002, acesso em 30 mai. 2018, <http://en.kremlin.ru/events/president/news/42469>.
12. Houve duas tentativas de lançar o foguete VLS em 1997 e 1999, mas os foguetes explodiram alguns minutos após o lançamento.
13. Nelson Jobim, “A Defesa e o Programa Espacial Brasileiro”, in *A Política Espacial Brasileira, Parte I*, ed. Rodrigo Rollemberg, Cadernos de Altos Estudos Série n. 7 (Brasília, DF: Edições Câmara, Centro de Documentação e Informação, 2010), p. 96.
14. Salvador Nogueira, “Russos querem lançar satélites do Brasil”, *Folha de São Paulo (site)*, acesso em 29 set. 2018, <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2605200401.htm>. Devido à sua posição geográfica, o centro de lançamento brasileiro oferece muitas vantagens, incluindo um custo mais baixo, em virtude de um consumo de combustível consideravelmente menor em comparação com os centros de lançamento utilizados pela Rússia na época. Atualmente, a Rússia lança mísseis não apenas de seu território e do Cazaquistão, mas também do centro de lançamento da União Europeia na Guiana Francesa, com vantagens semelhantes às do Brasil. Um projeto de lançamento russo foi iniciado na Ilha Christmas, na Austrália, mas não foi concluído. A Rússia também faz parte da multinacional Sea Launch (junto com a Noruega, EUA e Ucrânia), um centro de lançamento no Oceano Pacífico, localizado na Linha do Equador, que lança foguetes *Zenit*, produzidos em parceria pela Rússia e Ucrânia, mas as tensões entre os dois países em 2014 deixaram essa base em uma situação ainda incerta. Em abril de 2018, o grupo de aviação russo S7 concluiu a compra da Sea Launch; contudo, é improvável que o foguete *Zenit* seja produzido no futuro próximo, e adaptar foguetes *Soyuz-5* para serem lançados dessa plataforma pode levar até 2022. Para obter mais informações, veja Caleb Henri, “S7 Closes Sea Launch Purchase, Future Rocket TBD”, *Spacenews (site)*, 17 Apr. 2018, acesso em 2 out. 2018, <https://spacenews.com/s7-closes-sea-launch-purchase-future-rocket-tbd/>.
15. Nogueira, “Russos querem lançar satélites do Brasil”.
16. “Russia Is Ready to Expand Its Long-term Cooperation with Brazil in High Technology and Science-intensive Fields”, Kremlin, 22 Nov. 2004, acesso em 22 ago. 2018, <http://en.kremlin.ru/events/president/news/32207>.

17. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI) da República Federativa do Brasil e Agência Federal Espacial da Rússia, *Memorando de Entendimento entre o Ministério da Ciência e Tecnologia da República Federativa do Brasil e a Agência Federal Espacial a respeito do Programa de Cooperação sobre Atividades Espaciais*, 22 nov. 2004, artigo 1, item 2.
18. Luiz Inácio Lula da Silva e Vladimir Putin, *Declaração Conjunta sobre os Resultados das Conversações Oficiais entre o Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula Da Silva e o Presidente da Federação da Rússia, Vladimir V. Putin*, 18 out. 2005, item 3.
19. Ibid.
20. Portal DefesaBR, "Programa Cruzeiro do Sul", 21 jan. 2013, http://www.defesabr.com/Tecno/tecno_PCS.htm (site não disponível).
21. "Russia and Brazil Have Good Prospects for Cooperation in the High-tech Field", Kremlin, 18 Oct. 2005, acesso em 22 ago. 2018, <http://en.kremlin.ru/events/president/news/34266>.
22. "Astronauta brasileiro inicia viagem ao espaço", *Folha de São Paulo* (site), 29 mar. 2006, acesso em 21 ago. 2018, <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u14424.shtml>; Karen Zraick, "NASA Names Astronauts for Boeing and SpaceX Flights to International Space Station", *New York Times* (site), 3 ago. 2018, acesso em 2 out. 2018, <https://www.nytimes.com/2018/08/03/science/nasa-astronauts-boeing-spacex.html>. Após as últimas mudanças contratuais, a NASA paga cerca de US\$ 81 milhões por assento para enviar astronautas para a Estação Espacial Internacional (ISS); após novembro de 2019, a Boeing e a SpaceX assumirão essa função e transportarão astronautas até a estação a um custo menor.
23. "Sukhoi fora do FX-2", Poder Aéreo, 1 out. 2008, acesso em 22 ago. 2018, <http://www.aereo.jor.br/2008/10/01/sukhoi-fora-do-fx-2/>.
24. Jubran, "Brasil e Rússia: Política, Comércio, Ciência e Tecnologia entre 1992 e 2010", p. 149.
25. Ricardo Wegrzynowski, "União de dois gigantes".
26. Agência Espacial Brasileira, "Rússia", 2 fev. 2018, última modificação 22 abr. 2018, <http://www.aeb.gov.br/programa-espacial-brasileiro/cooperacao-internacional/russia/>.
27. Rodrigo Rollemberg, "O Programa Espacial Brasileiro", in *A Política Espacial Brasileira, Parte I*, ed. Rodrigo Rollemberg, Cadernos de Altos Estudos Série n. 7 (Brasília, DF: Edições Câmara, Centro de Documentação e Informação, 2010), p. 41.
28. "PM do Rio recebe novo blindado para testes", Forças Terrestres (site), 1 set. 2010, acesso em 19 set. 2018, <https://www.forte.jor.br/2010/09/01/pm-do-rio-recebe-novo-blindado-para-testes/>.
29. Matthew Michaelides, "The New Face of Russia's Relations with Brazil", *Journal of Political Risk* 2, No. 5, 30 May 2014, acesso em 4 fev. 2019, <http://www.jpolarisk.com/the-new-face-of-russias-relations-with-brazil/>.
30. "Russian Technologies and Odebrecht Defesa e Tecnologia agreed on Assembling Mi-171 helicopters in Brazil", Russian Aviation (site), 17 Dec. 2012, acesso em 2 fev. 2019, <https://www.ruaviation.com/news/2012/12/17/1414/print/?h>. A empresa Russian Technology afirmou que as entregas de armamentos russos ao Brasil totalizaram US\$ 306,7 milhões no período 2008–2012; no período 2000–2010, o valor das compras não ultrapassou os US\$ 100 milhões.
31. Ibid.
32. Dmitry Sudakov, "Russia to Sell Its Best Air Defense Complexes to Brazil", *Pravda.Ru*, 5 Feb. 2013, acesso em 22 ago. 2018, http://www.pravdareport.com/russia/economics/05-02-2013/123686-russia_brazil-0/.
33. Ibid.
34. "Rússia – Esperanças e planos na América Latina", DefesaNet (site), 19 Dec. 2012, acesso em 4 fev. 2019 <http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/9066/Russia---Esperancas-e-planos-na-America-Latina>.
35. Dmitry Shugaev, "Brazil to Obtain Helicopter Technologies", Rostec, 15 Apr. 2013, acesso em 22 ago. 2018, <https://rostec.ru/en/news/1626/>.
36. Carl Meacham, "Is Russia Moving In on Latin America?", Center for Strategic and International Studies, 25 Mar. 2014, acesso em 20 ago. 2018, <https://www.csis.org/analysis/russia-moving-latin-america>.
37. "Inauguração de Estação Glonass em Brasília-DF", Poder Aéreo (site), 15 fev. 2013, acesso em 4 fev. 2019, <https://www.aereo.jor.br/2013/02/15/inauguracao-de-estacao-glonass-em-brasilia-df/>.
38. "Estação Russa de Posicionamento Global é Instalada na UNB", Agência Espacial Brasileira (site antigo), 15 jul. 2014, acesso em 4 fev. 2019, <http://portal-antigo.aeb.gov.br/estacao-russa-de-posicionamento-global-e-instalada-na-unb/>.
39. "A Guerra não declarada", *Em Discussão* ano 5, n. 21 (jul. 2014): p. 7–17, acesso em 23 ago. 2018, http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/arquivos_jornal/arquivosPdf/140714-emdiscussao-es-pionagem.pdf.
40. Irina Sukhoparova, "Sanctions effect: Russia to change its economic partners... for the better", 21 Mar. 2014, acesso em 4 fev. 2019, <https://www.rt.com/op-ed/russia-switches-to-brics-sanctions-357/>.
41. Rosatom, "Escritório Regional", acesso em 4 fev. 2019, <https://rosatom-latinamerica.com/pt/regional-office/>. O Brasil tem apenas dois reatores nucleares, Angra 1 e 2, com um terceiro em construção.
42. Michaelides, "The New Face of Russia's Relations".
43. "Defesa envia comitiva à Rússia para avaliar sistema de artilharia antiaérea", Força Aérea Brasileira (site), 27 ago. 2014, acesso em 30 set. 2018, <http://www.fab.mil.br/noticias/mostra/19705/REEQUIPAMENTO---Defesa-envia-comitiva-%C3%A0-R%C3%BAssia-para-avaliar-sistema-de-artilharia-antia%C3%A9rea>.
44. Ibid.
45. "Brasil será protegido pelo Pantsir", Defesa Aérea e Naval (site), 21 jun. 2014, acesso em 4 fev. 2019, <http://www.defesaaereanaval.com.br/brasil-sera-prottegido-pelo-pantsir/>.
46. "Estação russa de posicionamento global é inaugurada na UnB", Governo do Brasil (site), 17 jul. 2014, acesso em 22 ago. 2018, <http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2014/07/estacao-russa-de-posicionamento-global-e-inaugurada-na-unb>.
47. "Russian Helicopters Has Authorized a Service Center in Brazil", Rostec, 13 ago. 2014, acesso em 22 ago. 2018, <https://rostec.ru/en/news/4514251/>.
48. "Militares russos visitam o Brasil para estreitar cooperação em defesa antiaérea", Força Aérea Brasileira, 20 nov. 2014, acesso em 22 ago. 2018, <http://fab.mil.br/noticias/mostra/20811/INTERC%-C3%82Mbio---Militares-russos-visitam-o-Brasil-para-estreitar-cooperacao-%C3%A7%C3%A3o-em-defesa-antia%C3%A9rea>.
49. "Rússia – Rostec quer Ampliar a Cooperação Estratégica com Empresas do Brasil", DefesaNet (site), 9 abr. 2015, acesso em 4 fev. 2019, <http://www.defesanet.com.br/russiaaad2015/noticia/18706/RUSSIA---ROSTEC-quer--Ampliar-a-Cooperacao-Estrategica-com-Empresas-do-Brasil/>. Os sistemas "Cidade Segura" e "E-Governo" são um centro de estrutura modular que monitora a infraestrutura de transporte e serviços em uma cidade e o espaço aéreo, além de contar com sistemas de reconhecimento de voz.

50. Ibid.
51. "Autoridades Brasileñas discuten acuerdos espaciales en Moscú, incluyendo nuevas estaciones de Glonass y de monitoreo en el norte y sudeste del país", *Defensa.com*, 19 jun. 2015, acesso em 30 set. 2018, <https://www.defensa.com/brasil/autoridades-brasilenas-discuten-acuerdos-espaciales-moscu-nuevas>.
52. Agência Espacial Brasileira "Delegação Brasileira Visita Parque Tecnológico Russo", Agência Espacial Brasileira (*site antigo*), 18 jun. 2015, acesso em 4 fev. 2019, <http://portal-antigo.aeb.gov.br/delegacao-brasileira-visita-parque-tecnologico-russo/>.
53. "Os russos estão de olho no Brasil", *Tecnologia e Defesa (site)*, 2 jun. 2015, acesso em 22 ago. 2018, <http://tecnodefesa.com.br/entrevista-os-russos-estao-de-olho-no-brasil/>. A infraestrutura costeira SisGAZ detecta e rastreia "instalações aéreas e marítimas a uma distância de 450 km [...] [emitindo] automaticamente os dados de posição das mesmas, determinando os parâmetros de movimento e o tipo de instalações, transmitindo as informações de forma digital para os postos de comando". Os sistemas são guiados a laser, capazes de alcançar alvos a uma distância de 5,5 km e de penetrar blindagem dinâmica de até 1.200 mm.
54. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, "Brasil e Rússia decidem aprofundar cooperação em ciência e tecnologia", *Vermelho*, 9 jul. 2015, acesso em 22 ago. 2018, <http://www.vermelho.org.br/noticia/267082-1>.
55. Pedro Paulo Rezende, "Brasil oficializa escolha do PANTSIR S1", *DefesaNet*, 18 set. 2015, acesso em 22 ago. 2018, http://www.defesanet.com.br/br_ru/noticia/20340/Brasil-oficializa-escolha-do-PANTSIR-S1/.
56. Luiz Padilha, "Brasil compra inovação russa para proteção de empresas contra ataques cibernéticos", *Defesa Aérea & Naval*, 2 jul. 2015, acesso em 22 ago. 2018, <http://www.defesaareanaval.com.br/brasil-compra-inovacao-russa-para-protacao-de-empresas-contra-ataques-ciberneticos/>.
57. "Brasil e Rússia assinam documento que reforça a cooperação no uso pacífico da energia nuclear", *Nuclebrás Equipamentos Pesados*, acesso em 22 ago. 2018, <http://www.nuclep.gov.br/pt-br/brasilssiassinamdocumentoquereforcooperanousopacificodeenergianuclear>.
58. "Brasil recebe da Rússia sistemas portáteis de defesa antiaérea Igla-S", *DefesaNet*, 4 fev. 2016, acesso em 22 ago. 2018, <http://www.defesanet.com.br/eventos/noticia/21479/Brasil-recebe-da-Russia-sistemas-portateis-de-defesa-antiaerea-Igla-S/>.
59. Flávia Villela, "Empresas brasileiras ampliam parceria nuclear e de radiofármacos com Rússia", Agência Brasil (*site*), 5 jun. 2016, acesso em 22 ago. 2018, <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-06/empresas-brasileiras-ampliam-parceria-nuclear-e-de-radiofarmacos-com-russia>.
60. "Brasil Ganhará Nova Estação Glonass em Abril", *Russia Beyond (site)*, 30 mar. 2016, acesso em 4 fev. 2019, https://br.rbth.com/ciencia/.../glonass-na-america-latina_580395.
61. "Meeting between Dmitry Medvedev and President of Brazil Michel Temer", *Russian Government (site)*, 21 Jun. 2017, acesso em 22 ago. 2018, <http://government.ru/en/news/28184/>.
62. Ibid.
63. Os dados da figura 1 foram extraídos do banco de dados Maddison Project (até 2008 somente); para o período 2009–2017, foram utilizados dados do Banco Mundial, <https://www.rug.nl/ggdc/historicaldevelopment/maddison/releases/maddison-project-database-2018>; os dados da figura 2 são oriundos de "Military Expenditure (% of GDP)", World Bank, acesso em 6 set. 2018, <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS?locations=RU-BR>.
64. John J. Mearsheimer, *The Tragedy of Great Power Politics* (New York: Norton, 2001), p. 52.
65. Guilherme Belli, "A Evolução das Relações entre a Rússia Pós-Soviética e o Brasil" (dissertação de mestrado, Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, 2009), p. 104.
66. Anton Mardasov, "Moscow Eyes Joint Development of Weapons within BRICS", *Russia Beyond*, 18 Aug. 2014, acesso em 22 ago. 2018, https://www.rbth.com/world/2014/08/18/moscow_eyes_joint_development_of_weapons_within_brics_37623.
67. Walter Bartels, "Prioridade da indústria quanto ao Programa Nacional de Atividades Espaciais – PNAE e a cooperação internacional", in *A política Espacial Brasileira*, p. 151. Estudos brasileiros citam situações desse tipo. Por exemplo, durante uma reunião entre as agências espaciais do Brasil e da Rússia sobre um satélite geoespacial, o lado russo levou uma empresa russa que ofereceu um pacote de serviços completo: o satélite e seu lançamento da Rússia.
68. Marcílio Boavista Cunha e José Carlos Albano do Amarante, "O Livro Branco e a Base Científica, Tecnológica, Industrial e Logística de Defesa", *Revista da Escola de Guerra Naval* 17, n. 1 (Jun. 2011): p. 24–25. Neste artigo, define-se "caixa preta" como "o sistema cujas verdadeiras operações não são conhecidas e cujo funcionamento só pode ser estudado entre os valores de entrada (inputs) e os valores de saída (outputs). Os mecanismos internos não estão inteiramente abertos à observação".
69. Angelo Segrillo, "As Relações Brasil-Rússia: Aspectos Históricos e Perspectivas Atuais", in *A Política Externa Brasileira na era Lula: um Balanço*, ed. Adriano de Freixo, Luiz Pedone, Thiago Morreira Rodrigues e Vágner Camilo Alves (Rio de Janeiro: Apicuri, 2011), p. 149.
70. Vale mencionar a postura do Brasil em relação à integridade territorial da Ucrânia durante a 68ª Assembleia Geral da ONU sobre o tema. O Brasil exigiu uma solução para o conflito, destacando sua parceria estratégica com a Ucrânia (um dos principais pontos de cooperação estratégica é no campo espacial, com respeito ao lançamento do foguete ucraniano *Cyclone* a partir do centro de lançamento brasileiro) e o fato de que o Brasil conta com uma das maiores comunidades de descendentes ucranianos fora da Europa, segundo o documento "General Assembly Adopts Resolution Calling States not to Recognize Changes in Status of Crimea Region", 27 Mar. 2014, comunicado à imprensa da ONU, acesso em 22 ago. 2018, <https://www.un.org/press/en/2014/ga11493.doc.htm>.
71. Kenneth Rapoza, "Russia Versus Brazil: A Tale of Two Countries in Crisis", *Forbes (site)* 8 nov. 2017, acesso em 22 ago. 2018, <https://www.forbes.com/sites/kenrapoza/2017/11/08/russia-versus-brazil-a-tale-of-two-countries-in-crisis/#37849722712d>.

Desvendando Padrões de Pensamento Ocultos na Guerra

O Jogo de Go comparado ao Xadrez



Maj Jamie Richard Schwandt, Exército dos EUA

Usamos metáforas e analogias para nos ajudar a ligar os pontos e desvendar padrões de pensamento ocultos. Elas nos proporcionam uma maneira para ir bem além do significado das palavras e são ferramentas que guiam o modo pelo qual pensamos e agimos. O Gen Ex David Perkins descreve como o Comando de Instrução e Doutrina (TRADOC) do Exército dos EUA está preparando o Exército para a guerra do futuro em “Big Picture, Not Details,

Key When Eyeing Future” (“A Visão Maior, Não os Detalhes, é a Chave ao Preparar-se para o Futuro”, em tradução livre). Perkins utiliza metáforas à medida que compara a guerra aos jogos de damas e xadrez:

Damas e xadrez são jogados no mesmo tipo de tabuleiro, mas os jogos são bem diferentes. Por muito tempo, o Exército tem estruturado as forças segundo uma visão do mundo “baseada nas damas.” Hoje, estamos mudando



para uma apreciação do mundo “baseada no xadrez”. Nesse mundo, há muitos caminhos para a vitória; poucos eventos permitem uma extrapolação linear. A vitória já não vem da destruição das peças do oponente, mas pela remoção de todas as opções dele. Ao empregar peças com capacidades variadas de uma forma orquestrada, cria-se múltiplos dilemas que, ao longo do tempo, erodem a determinação do oponente de continuar¹.

Perkins tenta usar um argumento da analogia; porém, essa é uma analogia falsa. Ele tenta comparar a visão contemporânea da guerra do Exército dos EUA ao jogo de damas e compara a visão futura ao xadrez. Eu argumento que as Forças Armadas dos EUA já estruturaram as forças usando uma visão baseada no xadrez, não em damas. O modo americano e ocidental de combater é uma expressão da teoria de Carl von Clausewitz e Antoine-Henri Jomini². O modo de Clausewitz é semelhante ao xadrez, pelo qual concentra a energia das suas forças em um centro de gravidade. A obsessão com o centro de gravidade já levou a um número de desastres custosos para as Forças Armadas dos EUA, isso inclui os conflitos no Vietnã, Iraque e Afeganistão. Ao analisar a aplicação do “Modelo Strange” [estratégia para determinar as vulnerabilidades inimigas — N. do T.] nos conflitos no Iraque (1991 e 2003), Robert Dixon afirma:

A fixação na Guarda Republicana (centro de gravidade operacional) e em Bagdá (centro de gravidade estratégico) levou os líderes militares a desconsiderarem o surgimento de algo que não se encaixou em seu modelo. Eis o verdadeiro perigo do termo: enquanto buscamos pelo ponto focal de Clausewitz (algo central, a fonte de todos os poderes, o núcleo etc.) líderes se esquecem de que não estão observando um sistema estático. Os sistemas dinâmicos não têm centros de gravidade e, se tivessem, eles se moveriam constantemente³.

Na realidade, Perkins está retrocedendo a estratégia para a visão baseada no xadrez, usada pelo Gen Ex William Westmoreland durante a Guerra do Vietnã.

Página anterior: Militares do 3º Regimento de Cavalaria conduzem um *briefing* de operações durante um exercício no Centro Nacional de Adestramento, em Fort Irwin, Califórnia, 15 Fev 18. (Cb Esmeralda Cervantes, Exército dos EUA)

Evidência disso pode ser encontrada no novo Manual de Campanha 3-0, *Operações* (FM 3-0, *Operations*). O FM 3-0 marca uma mudança de estratégia militar e um regresso de foco para as operações de combate terrestre em larga escala contra ameaças quase equiparadas, onde os beligerantes possuem tecnologia e capacidades semelhantes às Forças Armadas dos EUA. O Gen Ex Mark Milley, Comandante do Exército dos EUA, analisou o teor do novo manual de campanha e concluiu:

Os adversários, incluindo a Rússia, China, Irã e Coreia do Norte, passaram as últimas duas décadas estudando os pontos fortes e as vulnerabilidades das Forças Armadas dos EUA, enquanto o país lutava contra grupos terroristas. Essas nações têm investido na modernização das suas forças armadas e se prepararam para explorar as vulnerabilidades criadas na medida em que os Estados Unidos se mantiveram focados na luta contra insurgentes⁴.

As Forças Armadas dos EUA, tal com no xadrez, se concentram na centralidade da força física e na manutenção de uma vantagem de capacidades. Porém, são fracas em relação à estratégia e ao estrategema⁵.

Eu argumento que, para realmente compreender ameaças como Coreia do Norte e China, precisamos mudar de uma abordagem baseada no xadrez para um método baseado no Go; isso é onde encontraremos um verdadeiro entendimento da complexidade. Enquanto o xadrez é um jogo de competição baseado no poder que representa o modo norte-americano de combater, o Go é um jogo baseado em habilidades que representa o modelo chinês⁶. Além disso, um entendimento sobre o Go nos ajudará a preencher a lacuna entre como o Exército dos EUA percebe o conflito e como

O Maj Jamie Schwandt é oficial de logística da Reserva do Exército dos EUA. É bacharel e mestrado pela Fort Hays State University e doutorado em Educação pela Kansas State University. Também, é integrante do “Red Team” do Exército [Designação dada, nos EUA, às equipes de especialistas que têm o papel de reagir como se fossem o adversário, nas simulações, jogos de guerra e nos estudos operacionais — N. do T.]. Schwandt serve como oficial de serviço ativo da Reserva do Exército dos EUA. Anteriormente, serviu no estado-maior do Gabinete do Comandante da Reserva do Exército.

Tabela 1. Cinco Domínios do Modelo Cynefin

Domínio	Definição	Estado de conhecimento e de informações	Teórico militar	Metáfora para o domínio (jogos)
Simple	Sistemas estáveis. Clara relação de causa e efeito.	A resposta certa é fácil de se identificar. A informação necessária está disponível e nós a possuímos.	Antoine-Henri Jomini	Damas
Complicado	Domínio de peritos e processo contínuo de aperfeiçoamento.	Não há uma única resposta certa. Sabemos a informação que precisamos, mas não temos a resposta.	Carl von Clausewitz	Xadrez
Complexo	Difícil distinção entre os domínios complicado e complexo. Domínio onde os sistemas complexos adaptativos proliferam.	A resposta correta é difícil de identificar. A informação que precisamos existe em algum lugar, mas não sabemos o que buscamos.	Sun Tzu	Go
Caótico	Domínio do desconhecido. O entendimento de uma relação de causa e efeito é tipicamente inútil.	Sequer sabemos aquilo que desconhecemos. Não sabemos o que perguntar.	John Boyd	Diplomacia
Desordenado	Domínio que deve ser evitado — as organizações podem facilmente cair nesse domínio a partir de qualquer outro.	Extremamente difícil reconhecer este domínio.	Genghis Khan	Twister

(Tabela pelo autor)

Tabela 2. Três Fases do Xadrez

Fase	Descrição
Abertura	O objetivo estratégico se concentra em quatro componentes: desenvolvimento (mover peças até espaços úteis para influenciar o jogo), controle do centro, proteção do rei, estrutura dos peões.
Meio Jogo	A fase do jogo em que a maioria das combinações ou ataques ocorre.
Final	O objetivo desta fase se concentra em dois componentes principais: importância do peão (tomam-se mais importantes durante o final) e do rei (centro de gravidade).

(Tabela pelo autor)

nossos inimigos potenciais o compreendem. Somente por meio de um entendimento metafórico desse assunto poderemos desvendar nossos padrões de pensamento ocultos durante a guerra.

O Modelo Cynefin

Militarmente, vencemos no Vietnã. Vencemos todos os engajamentos em que estivemos envolvidos no Sudeste Asiático.

—Gen Ex William Westmoreland⁷

H.W. Dettmer descreve o modelo Cynefin como um arcabouço de racionalização que proporciona aos líderes uma maneira para identificar as ferramentas, abordagens e métodos que são prováveis de funcionar em qualquer ambiente (ou domínio). Nesse arcabouço, nenhuma célula é mais importante que qualquer outra⁸. Segundo esse modelo, existem cinco

domínios: simples (ou óbvio), complicado, complexo, caótico e desordenado.

O modelo Cynefin nos ajuda a identificar tanto o estado de conhecimento quanto o nível de informações disponíveis para a solução de um problema. Ou seja, basicamente, a identificação do estado entre o que é “certo” e o que é “incerto”⁹. A Tabela 1 descreve cada domínio dentro do modelo Cynefin¹⁰.

As Forças Armadas dos EUA buscam uma estratégia para os problemas complexos, e o xadrez trata com assuntos complicados. Provas disso podem ser encontradas dentro do próprio jogo. À medida que iniciamos um jogo de xadrez, começamos com todas as peças no tabuleiro; assim, temos a informação, mas não a resposta correta. Compare isso ao jogo Go, onde começamos um jogo sem peças no tabuleiro: a informação existe em algum lugar, mas não sabemos o que buscamos.

Xadrez — Centro de Gravidade

No xadrez, a filosofia subjacente é vencer por meio de uma vitória decisiva com o objetivo claro de capturar o rei inimigo e destruir as forças inimigas¹¹. O xadrez é um jogo linear com um centro de gravidade simples — o rei. Iniciamos o jogo com todas as peças no tabuleiro, buscando avançar linearmente em uma guerra de atrito. Como descrito na Tabela 2, o xadrez é dividido em três fases distintas: a Abertura, o Meio Jogo e o Final¹².

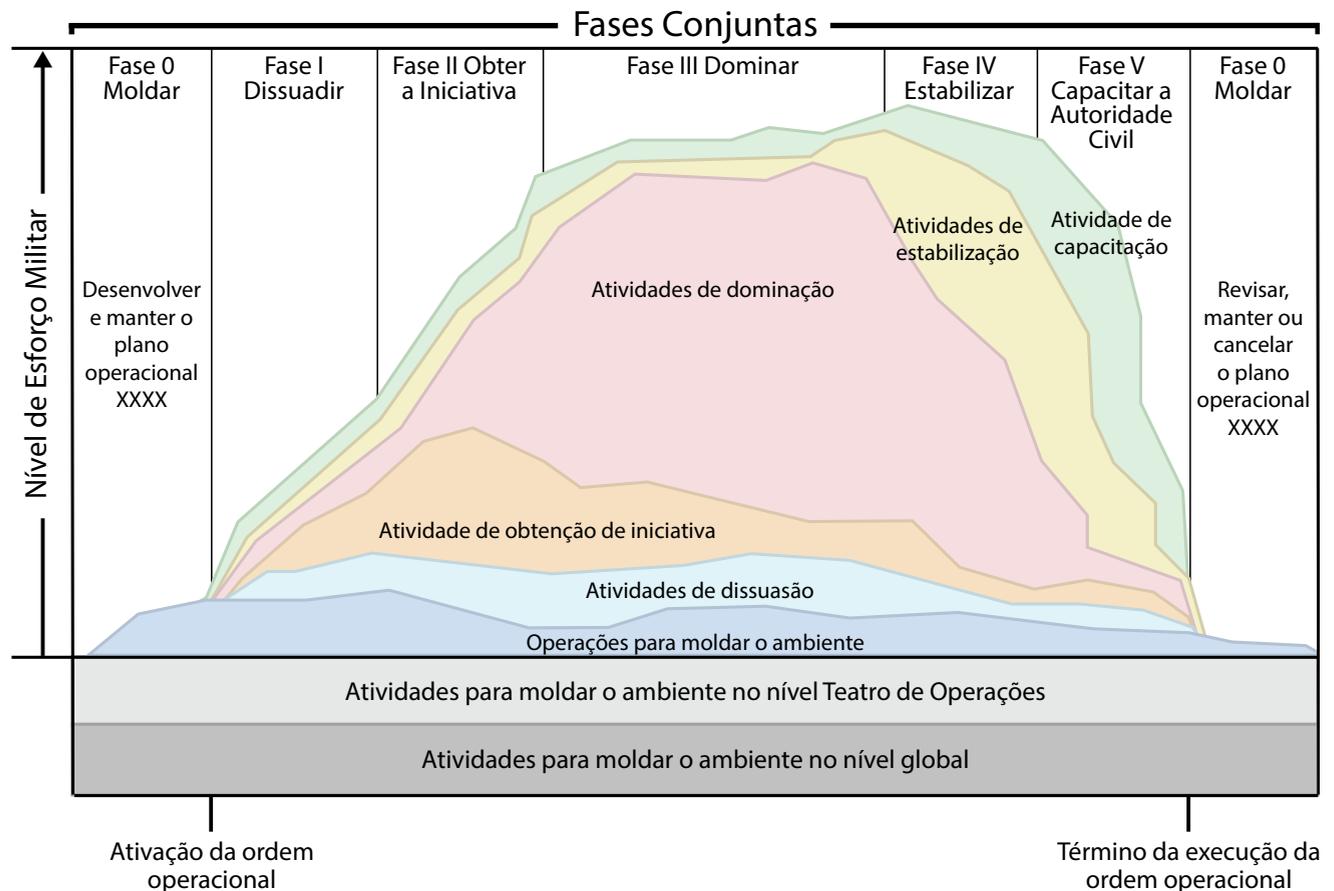
O FM 3-0, Operações, Comparado com a Doutrina da Era da Guerra do Vietnã

Ao que parece, decidimos que os insurgentes já não representam mais uma ameaça e que preferimos lutar contra um inimigo dotado de poder de combate quase equivalente. Se comparado ao xadrez, o FM 3-0 faz algo interessante ao mudar o foco para o combate em larga escala.

Como mostrado na Figura 1, o modelo das fases conjuntas avança por uma abordagem linear semelhante às três fases do xadrez¹³. Para elucidar esse ponto, analisemos os papéis estratégicos do Exército dos EUA (veja a Figura 2)¹⁴.

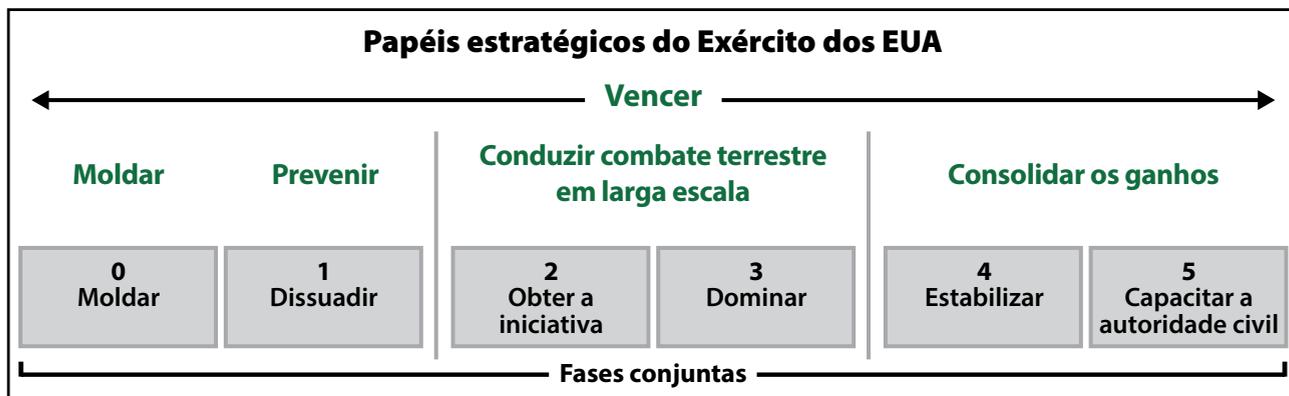
Os métodos estratégicos, operacionais e táticos identificados no FM 3-0 se assemelham à abordagem utilizada por Westmoreland no Vietnã, onde o general empregou uma estratégia de guerra de atrito. Ele buscou alcançar a vitória vencendo uma guerra frontal de atrito, com a qual esperava provocar a queda e a derrota do inimigo por meio do “seu desgaste”¹⁵. Considerava o campo de batalha como um jogo de xadrez e queria destruir tantas peças possíveis. Westmoreland era previsível e colocou todas as suas peças no tabuleiro. Em contraste, os norte-vietnamitas não fizeram isso.

Encontramos semelhanças quando comparamos o recém-publicado FM 3-0, em outubro de 2017, com o Manual de Campanha 100-5, *Operações das Forças do*



(Figura do FM 3-0, *Operations*)

Figura 1. Fases Conjuntas do Combate em Larga Escala



(Figura do FM 3-0, Operations)

Figura 2. Papéis Estratégicos do Exército e sua Relação com as Fases Conjuntas

Exército em Campanha (FM 100-5, *Operations of Army Forces in the Field*), publicado em setembro de 1968, quando o próprio Westmoreland era o Comandante do Exército dos EUA (veja a Tabela 3)¹⁶.

Um rápido olhar sobre a abordagem tática descrita no FM 3-0 ao lado de um tabuleiro de xadrez demonstra as semelhanças entre as estratégias da doutrina atual com as estratégias do xadrez (veja a Figura 3)¹⁷. Na fase de abertura de um jogo de xadrez, o controle do centro é especialmente importante porque permite aumentada mobilidade das peças, bem como facilidade de acesso ao restante do tabuleiro.

A Estratégia de Westmoreland no Vietnã

“Sabe, vocês nunca nos derrotaram no campo de batalha,” disse o coronel americano.

O coronel norte-vietnamita ponderou esse comentário por um momento. “Talvez seja verdade,” ele replicou, “mas também é irrelevante.”

— Conversação em Hanói, Abril de 1975¹⁸

A maior falha estratégica de Westmoreland no Vietnã foi tentar vencer batalhas em uma guerra de atrito, medindo o sucesso por meio do número de baixas inimigas. Ele definiu a vitória como o mero cumprimento dos objetivos, porém os objetivos nunca foram claros no Vietnã. Assim como no xadrez, a vitória é a consecução dos seus objetivos por meio da derrota do inimigo até tal ponto que o oponente já não possa mais resistir; isso é essencialmente um “xeque-mate”. Finalmente, para concluir, analisamos a definição da vitória, como descrita no FM 3-0:



Tabuleiro de Go com um jogo em andamento. (Foto cortesia de Goban1 via Wikipedia)

A vitória é a realização do propósito de uma operação e o cumprimento de seus objetivos. O Exército vence quando desempenha com sucesso seus papéis como parte de uma força conjunta em operações. Vence quando molda efetivamente um ambiente operacional para os comandantes de comandos conjuntos, e quando responde rapidamente com poder de combate suficiente para evitar a guerra por meio da dissuasão durante uma crise. Quando exigido a lutar, a capacidade do Exército de prevalecer no combate terrestre, em qualquer escala, se torna um fator decisivo para destruir a vontade do inimigo de continuar na luta. O Exército vence quando

Tabela 3. Comparação da Terminologia entre o FM 100-5 e o FM 3-0

FM 3-0 (2017)		FM 100-5 (1968)	
Terminologia	Descrição	Terminologia	Descrição
Poder de Combate (Capítulo 2, Seção III, 2-108)	No final, comandantes atingem o êxito ao aplicar o poder de combate superior no lugar e tempo decisivos.	Poder de Combate (Capítulo 5, Seção I, 5-5)	O poder de combate superior precisa ser concentrado no tempo e lugar críticos para um propósito decisivo.
Fase (Capítulo 1, 1-53)	Uma fase é uma etapa ou período definitivo durante uma operação conjunta, em que uma grande parte das forças e capacidades está envolvida em atividades semelhantes ou de apoio mútuo para uma finalidade comum que é, frequentemente, definida por objetivos intermediários.	Fase (Capítulo 5, Seção III, 5-18 [c][2])	Uma fase representa um período distinto de uma determinada operação, na conclusão da qual a natureza e as características da ação mudam.
Operações Ofensivas (Capítulo 7, 7-1)	As tarefas ofensivas impõem a vontade do comandante ao inimigo. Contra um inimigo capaz e adaptativo, a ofensiva é o meio mais direto e garantido de obter, reobter e explorar a iniciativa para ganhar vantagens físicas, temporais e cognitivas e realizar resultados definitivos. A execução de tarefas ofensivas compele o inimigo a reagir, criando e desvendando fraquezas adicionais que a força atacante pode explorar.	Principal da Ofensiva (Capítulo 5, Seção 1, 5-4)	A ação ofensiva é necessária para conseguir resultados decisivos e manter liberdade de ação. Permite que o comandante exerça sua iniciativa e imponha sua vontade sobre o inimigo, estabeleça o ritmo e determine o curso da batalha, explore fraquezas inimigas e situações que rapidamente se modificam e responda a acontecimentos inesperados.
Campo de Batalha Estendido em Múltiplos Domínios (Capítulo 1, 1-23)	A inter-relação dos domínios aéreo, terrestre, marítimo, espacial e informacional (incluindo o ciberespaço) exige um entendimento através de múltiplos domínios do ambiente operacional.	Forças de Emprego Múltiplo (Capítulo 4, Seção III, 4-15)	A organização das forças do Exército precisa fornecer a capacidade de conduzir operações bem-sucedidas em todas as formas de conflito, bem como em uma ampla gama de ambientes, sem grandes mudanças de organização e de equipamentos.
A Sequência Contínua de Conflito e a Gama de Operações Militares (Capítulo 1, 1-1)	Ameaças aos interesses dos EUA por todo o mundo são enfrentadas pela capacidade das forças dos EUA de responder a uma ampla variedade de desafios ao longo de uma sequência contínua de conflito que abrange a paz e a guerra. As forças dos EUA conduzem uma gama de operações militares para responder a esses desafios.	O Espectro da Guerra (Capítulo 1, Seção II, 1-8)	O espectro da guerra abrange a gama completa de conflito — guerra fria, limitada e geral — e reflete a natureza e a magnitude da violência envolvida em cada forma.

(Informação retirada dos respectivos manuais de campanha; tabela pelo autor)

um inimigo é derrotado até tal grau que já não possa resistir efetivamente, e concorde em cessar as hostilidades segundo os termos estabelecido pelos EUA. Para garantir que os resultados militares do combate não sejam efêmeros, o Exército prossegue com a amplitude e a intensidade de suas capacidades singulares necessárias para consolidar seus ganhos e obter resultados duradouros favoráveis aos interesses dos EUA¹⁹.

Go — Entendendo a Coreia do Norte e a China

Go (conhecido como Wei-chi na China e Baduk na Coreia) é um jogo de tabuleiro abstrato e de estratégia. Por ter sua origem na China, aproximadamente há 4.000 anos (fazendo com que seja o jogo de tabuleiro mais antigo do mundo), representa uma forma subjetiva de examinar o modo chinês de combater e de conduzir sua diplomacia²⁰. David Lai escreve em “Learning from the Stones: A Go Approach to Mastering China’s

Strategic Concept, *Shi*” (“Aprendendo com as Pedras: Uma Abordagem do Jogo Go para Dominar o Conceito Estratégico Chinês, *Shi*”, em tradução livre):

O tabuleiro do jogo é concebido para ser a terra. O tabuleiro é quadrado, representando a estabilidade. Os quatro cantos representam as quatro estações, indicando a mudança cíclica do tempo. As peças do jogo, as pedras, são redondas, portanto móveis. A distribuição das pedras no tabuleiro reflete atividades na terra. A forma dos engajamentos de pedras no tabuleiro é como o fluxo da água, um eco à opinião de Sun Tzu, segundo a qual o posicionamento de tropas deve ser comparado com a água²¹.

Em *The Protracted Game: A Wei-Chi Interpretation of Maoist Revolutionary Strategy*, (“O Jogo Prolongado: Uma Interpretação por meio do Wei-Chi da Estratégia Revolucionária Maoista”, em tradução livre) Scott Boorman observa, “A estrutura do jogo [Go] e, em particular, sua forma abstrata, torna possível uma analogia profunda que não encontra paralelo nas comparações relativamente superficiais das formas ocidentais da estratégia militar com o xadrez ou o póquer”²². Boorman compara o Go com os escritos de Mao Tsé-tung em uma composição feita em 1938, “Problemas de Estratégia na Guerra de Guerrilha contra o Japão”:

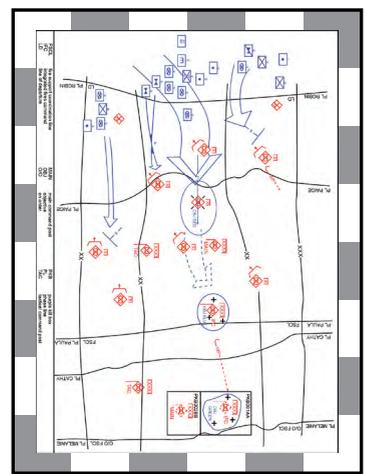
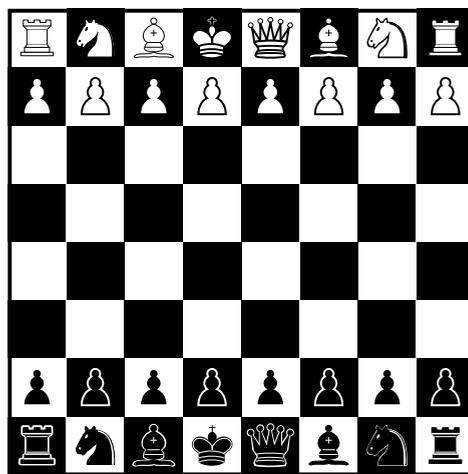
Assim, há duas formas de cerco feitas pelas forças inimigas e duas formas realizadas por nossas próprias — semelhante

com o Go. As campanhas e batalhas travadas pelos dois lados parecem com a captura das peças do oponente, e o estabelecimento de posições fortificadas pelo inimigo e das áreas de base guerrilhas [“santuários”] por nós se assemelham às tentativas de dominar espaços no tabuleiro. É no que tange ao assunto de dominar os espaços que o grande papel estratégico das áreas de bases de guerrilhas na retaguarda do inimigo é desvendado²³.

Tabela 4. Características e Descrições do Go

Característica	Descrição
Tipo de jogo	Go é um jogo de duas pessoas, onde o tabuleiro assume a forma de uma quadrícula que contém 361 interseções (quase seis vezes mais quadrados que um tabuleiro de xadrez).
Peças	O Go é jogado com peças pretas e brancas chamadas “pedras” em um tabuleiro inicialmente vazio.
Interseções	Joga-se as pedras nas interseções, enquanto no xadrez é dentro dos quadrados.
Objetivos	Há dois objetivos no Go: controle de território e a captura de pedras hostis; onde “território” é definido como interseções cercadas impenetravelmente pelas pedras de um lado ou outro.
Chave da vitória	O jogo termina quando nenhum lado se considerar capaz de conquistar mais território ou eliminar ou capturar mais pedras inimigas.
Pontuação	A pontuação de um lado é a soma do número de interseções de território cercado (no xadrez, o território não é importante), e o número de pedras capturadas ou eliminadas antes do final do jogo.
Vitória	O lado com a pontuação mais alta vence.

(Descrições de Scott Boorman, *The Protracted Game*; tabela pelo autor)



(Gráfico do tabuleiro de xadrez cortesia de ILA-boy via Wikimedia Commons; calco de manobra extraído do FM 3-0, *Operations*; combinação gráfica feita pelo autor)

Figura 3. Tabuleiro de Xadrez e as Gráficas de Manobra

Tabela 5. Pontos-chave para uma Estratégia Bem-sucedida no tabuleiro de Go

Ponto	Descrição
#1	Utilize as margens do tabuleiro como um apoio para cercar a quantidade máxima de território.
#2	As margens formam muros naturais, pelos quais nenhum grupo hostil pode penetrar.
#3	Inicie o jogo nos cantos, onde duas margens do tabuleiro fazem a metade do trabalho do jogador, depois ao longo das margens.
#4	Diferença principal do xadrez. Por último, jogue nas regiões centrais onde o cerco de território é o mais difícil.
#5	Minimize a concentração de pedras. Faça uso da dispersão calculada de forças para maximizar a disseminação de influência.

(Descrições de Scott Boorman, *The Protracted Game*; tabela pelo autor)

A Tabela 4 descreve algumas das características do Go²⁴. Uma definição chave que Boorman nos proporciona é a tática de *cercar*, que ele descreve como: “Primeiro, o cerco deve ser delineado de tal maneira próximo que o grupo inimigo não seja capaz de conduzir uma ruptura efetiva e escapar-se. Depois, o cerco deve ser apertado e tentativas feitas para evitar a criação de uma posição invencível pelo oponente”²⁵. Além disso, Boorman oferece uma descrição das estratégias bem-sucedidas do Go (veja a Tabela 5)²⁶.

Finalmente, analisamos como Boorman vincula o Wei-Chi com a estratégia militar chinesa. A Tabela 6 representa a natureza complexa do Go e as semelhanças à teoria dos sistemas e ao pensamento sistêmico, onde “um sistema é um grupo de componentes interativos, inter-relacionados e interdependentes ou subsistemas que formam um todo complexo e unificado”, e onde “o pensamento sistêmico é um processo de entender como partes de um sistema funcionam e influenciam uma à outra como parte de um todo maior”²⁷.

A Estratégia e as Táticas do Vietcongue

Desde que Ho Chi Minh conheceu Mao Tsé-tung, ele o tratou como seu tutor e copiou suas notas sobre o pensamento militar.

—Pen-t’ao Chung²⁸

Tabela 6. A Natureza Complexa do Go Comparada com as Características do Sistema de Conflitos

Conceito expresso no Go	Sistema de conflitos
Ator	Lado (preto ou branco)
Espaço de conflito	Tabuleiro
Limites do espaço de conflito	Margens do tabuleiro
Unidade de espaço de conflito	Interseção
Distância da margem do espaço de conflito	Distância da margem do tabuleiro
Unidade de força	Pedra
Zona de controle	Território e influência
Eliminação de unidades de força	Captura de pedras

(Descrições de Scott Boorman, *The Protracted Game*; tabela pelo autor)

Em *Vietcong Strategy and Tactics* (“A Estratégia e as Táticas do Vietcongue”, em tradução livre), Pen-t’ao Chung descreve a origem do pensamento militar vietcongue. Ele fornece, também, uma lista de táticas mais utilizadas pelo Vietcongue durante a Guerra do Vietnã (veja a Tabela 7)²⁹.

O Vietcongue cavou dezenas de milhares de milhas de túneis, que incluíam uma rede ampla, bem abaixo da Cidade de Ho Chi Minh (antiga Saigon)³⁰. Eles buscaram

Tabela 7. Táticas Comuns Empregadas pelo Vietcongue

Tática	Significado	Característica saliente
Cercar ponto e atacar reforços (“tática da pescaria”)	Cercar um ponto para induzir reforços e eliminar os reforços a caminho.	Atacar inesperadamente e forçar os reforços inimigos a entrarem em combate sob condições adversas.
Tática de bloquear os reforços e atacar o ponto fraco	Concentrar um poder de combate superior a fim de subjugar o inimigo em inferioridade numérica.	As tropas que bloqueiam os reforços criam uma defesa contínua, trocando, assim, espaço por tempo.
Tática de surpreender - atacar à distância (incluindo ataques de surpresa)	Realizar ataques surpresa para destruir o inimigo, partindo de uma posição dissimulada.	Desferir golpes contra tropas expostas, a partir de um esconderijo.
Ataque móvel	A tática aplica o princípio de guerra de movimento dos comunistas chineses: lutar apenas quando tem a certeza da vitória; caso contrário, retirar-se.	Mudar o ponto principal de ataque. Buscar os pontos fracos do oponente, iniciar um ataque inesperado e rapidamente retirar-se quando a ofensiva sofre um revés.
Penetração de brechas com um contra-ataque	Penetrar no território inimigo, tirando proveito dos espaços existentes no dispositivo inimigo.	Significa: “venha na minha casa, que eu vou na sua”.
Penetração de brechas por meio de um ataque inesperado (tática do “calcanhar de Aquiles”)	Tropas de choque são escolhidas para penetrar na retaguarda do inimigo, aproveitando uma posição inadequadamente guarnecida devido à negligência inimiga.	Coordenada com um ataque frontal simultâneo.
Ponto de assalto	Uma robusta força de assalto é concentrada na posição de ruptura, formando uma ponta de lança.	A ponta de lança é composta por diversos escalões em profundidade, a fim de penetrar o centro, como uma perfuração por uma espada aguda.
Táticas de infiltração e dispersão	Infiltração	Tropas de assalto avançadas entram na posição inimiga por meio de infiltração.
	Método de dispersão: desdobrar tropas ao longo de uma grande área, obrigando o inimigo a fazer o mesmo, dissipando suas forças.	Ampla área frontal sem flanco exposto.
Tática de duas linhas	Inquietar e conter as forças inimigas com uma incursão guerrilheira de larga escala na retaguarda.	Conduzida em coordenação com um ataque frontal.

(Pen-t'ao Chung, “Vietcong Strategy Tactics”; Tabela pelo autor)

cobertura nos subterrâneos para se protegerem das forças dos EUA, mais bem equipadas e supridas. Os túneis serviram a uma enorme variedade de propósitos, incluindo locais para armadilhas e emboscadas contra as forças empenhadas em perseguir soldados e guerrilheiros comunistas. Alguns túneis foram equipados com hospitais de campanha e áreas de repouso. Outros foram construídos abaixo de bases norte-americanas. O Vietcongue usava esses túneis para lutar e depois desaparecer.

Além disso, ambos os líderes comunistas vietnamitas, Ho Chi Minh e o Gen Vo Nguyen Giap, eram estudantes e leitores ávidos de *A Arte da Guerra* de

Sun Tzu³¹. Enquanto Westmoreland tentou matar tantos inimigos quanto lhe foi possível, Giap usou táticas de Sun Tzu como:

- usar forças insurgentes para conduzir ataques relâmpago, enquanto evitava confrontações de maior envergadura;
- forçar o inimigo a revelar-se, expondo seus pontos fracos para depois atacá-los;
- permanecer tão próximo do seu inimigo quanto possível, o que essencialmente limitava o apoio aéreo aproximado para as tropas dos EUA desdobradas no terreno; e

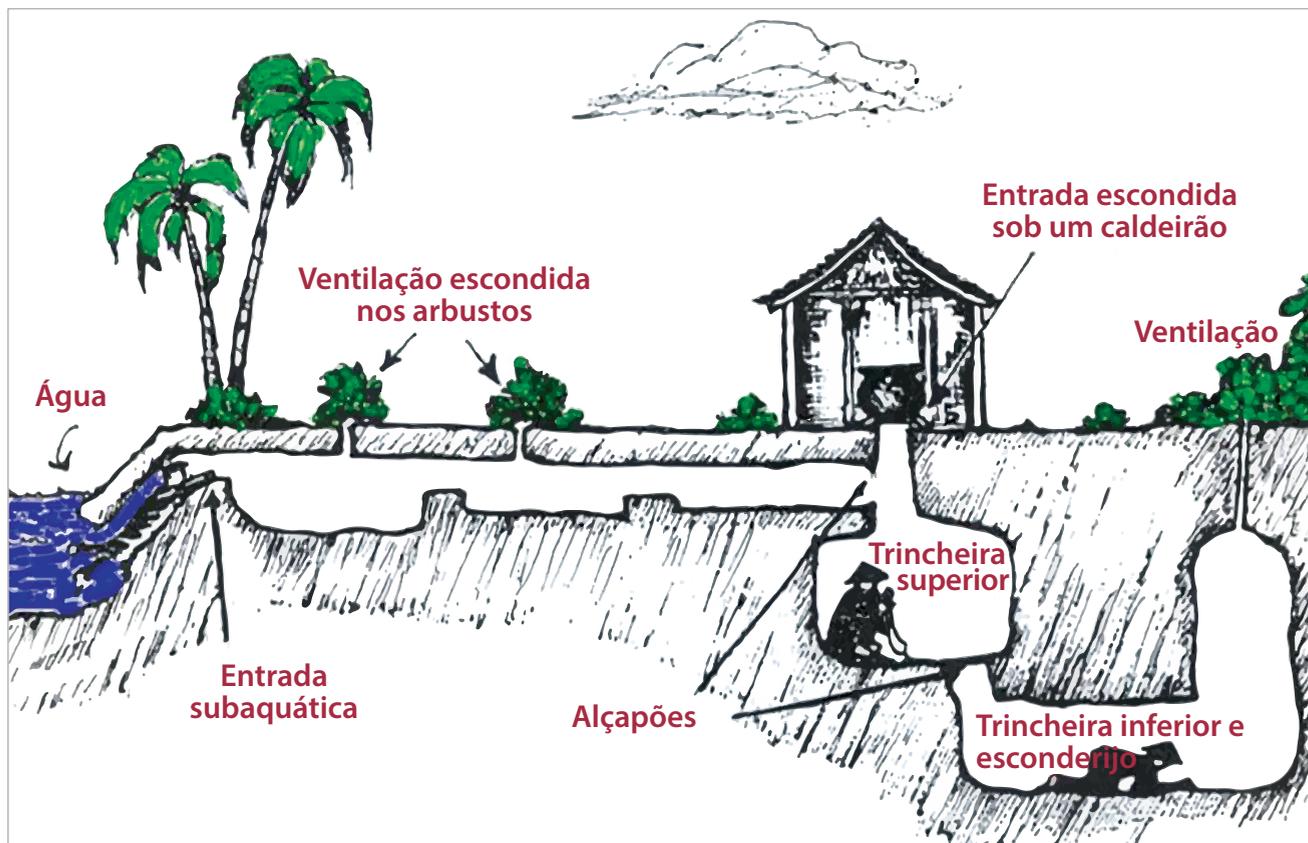


Diagrama mostrando uma rede de túneis vietcongue (Gráfica cortesia do Quadro de Engenheiros do Exército dos EUA)

- por meio de uma tática que Sun Tzu valorizava muito, usar a dissimulação por meio de uma grande rede de espões.

Com ênfase na estratégia e no estratagema, o modo chinês de combater é o oposto do modo norte-americano.

Um ditado popular nas comunidades diplomática e de defesa chinesas refere-se ao seu próprio modo de combater e de fazer diplomacia e as diferenças entre as práticas do Oriente e do Ocidente: Os chineses atribuem grande ênfase à estratégia e aos estratagemas, enquanto o Ocidente depende mais da força esmagadora e das capacidades avançadas³².

Além disso, a China Security Review Commission, em 2002, alertou para cálculos errôneos e interpretações distorcidas em nosso pensamento e planejamento em relação aos chineses³³.

O pensamento estratégico e o planejamento militar chineses se diferenciam significativamente dos nossos próprios, ressaltando a necessidade de estudar essas diferenças

com mais cuidado. ... As possibilidades de cálculos errados, falhas de comunicação e mal-entendidos são altas, considerando as grandes diferenças no pensamento e no planejamento em cada país, algo que exige muito mais atenção por parte dos formuladores de políticas e do Congresso dos EUA³⁴.

Por último, existe um antigo ditado chinês que diz: “quando se mata 10.000 soldados inimigos, é provável que se perca 3.000 vidas também”³⁵. Ou seja, se entrarmos em conflito com a Coreia do Norte e/ou a China, descobriremos (da mesma forma que na Guerra da Coreia e na Guerra do Vietnã) que não conseguiremos sustentar uma guerra de atrito com um inimigo disposto a lançar um número infindável de soldados contra nós. Não podemos planejar a guerra no tabuleiro de xadrez enquanto nosso inimigo joga o Go. Se identificarmos a Coreia do Norte e a China como nossas próximas ameaças, precisaremos estudar e começar a aprender o pensamento estratégico oriental³⁶. Como Sun Tzu escreveu, “Conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo; se tiveres cem combates a travar, cem vezes serás vitorioso”³⁷. ■

Referências

1. David G. Perkins, "Big Picture, Not Details, Key When Eyeing Future", Association of the United States Army (website), 4 May 2016, acesso em: 14 ago. 2018, <https://www.ausa.org/articles/big-picture-not-details-key>.
2. David Lai, "Learning from the Stones: A Go Approach to Mastering China's Strategic Concept, *Shi*" (monograph, Army War College, May 2004), p. 5, acesso em: 14 ago. 2018, <http://ssi.armywarcollege.edu/pdffiles/PUB378.pdf>.
3. Robert Dixon, "Clausewitz, Center of Gravity, and the Confusion of a Generation of Planners", *Small Wars Journal*, 20 Oct. 2015, acesso em: 14 ago. 2018, <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/clausewitz-center-of-gravity-and-the-confusion-of-a-generation-of-planners>.
4. Corey Dickstein, "Army Rolls Out New Field Manual Focused on Fighting Near-Peer Adversaries", *Stars and Stripes* (website), 10 Oct. 2017, <https://www.stripes.com/news/army-rolls-out-new-field-manual-focused-on-fighting-near-peer-adversaries-1.491916>.
5. Lai, "Learning from the Stones".
6. Ibid.
7. "Westmoreland", *The Washington Post*, 9 Feb. 1986, acesso em: 14 ago. 2018, <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/magazine/1986/02/09/westmoreland/878f7d1c-7619-4a2e-8806-298e5fb7fc6d>.
8. H. William Dettmer, "Systems Thinking and the Cynefin Framework: A Strategic Approach to Managing Complex Systems", Goal Systems International, 2011, acesso em: 14 ago. 2018, <http://www.goalsys.com/books/documents/Systems-Thinking-and-the-Cynefin-Framework-Final.3.pdf>.
9. Ibid.
10. Ibid.
11. Lai, "Learning from the Stones".
12. Wikipedia, s.v. "Chess strategy", última atualização 1 May 2018, acesso em: 14 ago. 2018, https://en.wikipedia.org/wiki/Chess_strategy; "Chess Strategy for Chess Openings and Chess Principles", Chess Central, Feb. 2018, acesso em: 14 ago. 2018, <https://www.chesscentral.com/pages/learn-chess-play-better/chess-strategy-for-chess-openings-and-chess-principles.html>.
13. Field Manual (FM) 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office [GPO], October 2017), fig. 1-3.
14. Ibid., fig. 1-4.
15. Wikipedia, s.v. "Attrition warfare", última atualização 4 Aug. 2018, acesso em: 15 ago. 2018, https://en.wikipedia.org/wiki/Attrition_warfare.
16. FM 100-5, *Operations of Army Forces in the Field* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, September 1968), acesso em: 15 ago. 2018, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/ref/collection/p4013coll9/id/38>.
17. FM 3-0, *Operations*, fig. 7-4.
18. Conversa entre o Cel Harry G. Summers Jr., Chefe da Divisão de Negociações, da delegação dos EUA, e o Cel Tu, Chefe da delegação norte-vietnamita, 25 abr. 1975, citada in Harry Summers Jr., introdução para *On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War* (New York: Random House, 1982), p. 1.
19. FM 3-0, *Operations*, para. 1-67.
20. Lai, "Learning from the Stones".
21. Ibid.
22. Scott Boorman, *The Protracted Game: A Wei-Chi Interpretation of Maoist Revolutionary Strategy* (Oxford, UK: Oxford University Press, 1969), p. 6.
23. Mao Tse-tung, "Problems of Strategy in Guerrilla War against Japan", *Peking Review* 35 (May 1938), acesso em: 15 ago. 2018, <http://www.massline.org/PekingReview/PR1965/PR1965-35-Mao-ProblemsOfStrategy.pdf>.
24. Boorman, *The Protracted Game*.
25. Ibid., p. 28.
26. Ibid.
27. Army Techniques Publication 5-0.1, *Army Design Methodology* (Washington, DC: U.S. GPO, 2015), para. 1-36–1-37; componentes da Tabela 6 provenientes de Boorman, *The Protracted Game*.
28. Pen-t'ao Chung, *Vietcong Strategy and Tactics* (Wright-Patterson Air Force Base, OH: Foreign Technology Division, 22 July 1968).
29. Chung, *Vietcong Strategy and Tactics*.
30. History.com Staff, "Cu Chi Tunnels", History.com, 2011, acesso em: 15 ago. 2018, <https://www.history.com/topics/vietnam-war/cu-chi-tunnels>.
31. Sun Tzu, *The Art of War*, trans. Lionel Giles (London: Luzac, 1910).
32. Lai, "Learning from the Stones".
33. Ibid.
34. U.S.-China Security Review Commission, *Report to Congress of the U.S.-China Security Review Commission: The National Security Implications of the Economic Relationship between the United States and China*, July 2002, p. 15, acesso em: 15 ago. 2018, https://www.uscc.gov/Annual_Reports/2002-annual-report-congress.
35. Lai, "Learning from the Stones", p. 3.
36. Lai, "Learning from the Stones".
37. Sun Tzu, *The Art of War*, p. 24–25.

O Emprego das Forças Armadas Mexicanas no Combate ao Crime Organizado

Ten Cel Marcelo Neival Hillesheim de Assumpção,
Exército Brasileiro

O mundo globalizado do século XXI tem testemunhado um progresso sem precedentes em diversas áreas do conhecimento, o qual tem ensejado a popularização dos novos recursos tecnológicos disponíveis e dos grandes avanços científicos alcançados. Simultaneamente, antigos atores que ameaçam sociedades e o poder público dos Estados Nacionais renovam seu perfil e potencializam suas capacidades de atuação¹.

Dentro desse contexto, o crime organizado, em particular o narcotráfico, tem sido um elemento fundamental no comprometimento da qualidade da democracia em muitos países do mundo, sobretudo na América Latina, região que lidera, em nível global, a produção de drogas destinadas aos cinco continentes².

Assim sendo, o combate ao crime organizado transnacional tem ganhado destaque na agenda política em parte significativa das nações do mundo, as quais têm assistido à superação das capacidades operativas de organizações criminosas com relação às forças de segurança pública nos níveis regionais, o que tem ensejado o emprego das Forças Armadas como recurso para fazer frente às chamadas *novas ameaças*³.

Na América Latina, em particular, a maioria das nações utiliza tais instituições em labores de segurança pública, desviando-as de suas missões precípuas de defesa externa e, em geral, sem atingir resultados expressivos e nem baixar os indicadores de violência doméstica⁴.

Dessa forma, este trabalho analisará o emprego das Forças Armadas no combate ao crime organizado, tendo como referência o caso do México, buscando destacar ensinamentos sobre o tema que sirvam de parâmetro para países onde tal empresa ainda não está sistematizada.

Antecedentes

O cultivo de drogas para fins recreativos no México, em particular ópio e maconha, remonta à segunda metade do século XIX, em uma época em que a produção, o comércio e o consumo ainda não figuravam como ilegais. O principal destino de tais produtos eram os Estados Unidos da América (EUA)⁵.

As exportações mexicanas de narcóticos passaram à ilegalidade como resultado das proibições advindas em várias nações e, em particular, nos EUA, após as conferências mundiais sobre o tema ocorridas em Xangai (1909) e em Haia (1912). Entretanto, tal comércio não sofreu descontinuidade devido à cadeia produtiva e de comércio que havia se consolidado após anos de operações lícitas e que já envolvia parcela considerável da população de Estados mexicanos como Sinaloa, Baixa Califórnia e Sonora⁶.

Comerciantes e produtores que insistiram em permanecer inseridos no negócio dos narcóticos passaram então ao “*status*” de traficantes de drogas. Com as restrições legais, o preço dos entorpecentes subiu, o que

atraiu a atenção de quadrilhas de criminosos dedicados a ilícitos diversos, os quais perceberam o potencial dessa nova e lucrativa atividade⁷.

Dessa forma, consolidou-se uma efetiva cadeia produtiva de narcóticos no país. A proibição da produção e do comércio das drogas passou a vigorar no México na década de 1920; contudo, não surtiu o efeito desejado, pois valeu-se, em grande medida, do fato de a nação estar atravessando uma fase de turbulências no campo político e de possuir uma presença estatal e federalismo ainda incipientes.

A fragilidade da nação mexicana naquele período, agravada por uma revolução iniciada em 1910, a qual consumiu grande energia do governo central durante anos, fez com que o tema do narcotráfico se tornasse periférico no debate político de então, não recebendo os recursos públicos necessários e a atenção devida⁸.

Cabe destacar que o tráfico de drogas no México sempre esteve ligado às dinâmicas dos EUA, tanto devido às demandas desse país, maior consumidor de drogas do mundo, quanto pelas políticas de combate e repressão aos narcóticos empreendidas pelos seus governos. Dessa forma, os EUA, há décadas, conduzem uma política externa vigorosa com relação aos países produtores e de trânsito de drogas, exigindo destas medidas e ações amplas no combate ao crime organizado⁹.

Assim sendo, a partir do final da década de 1940, diante das pressões estadunidenses por uma política mais efetiva no combate ao crescimento e fortalecimento do narcotráfico, o governo mexicano passou, em um primeiro momento, a implementar medidas repressivas mais contundentes contra os grupos criminosos, o que lhe permitiu constatar o nível de infiltração do poder público pelo crime organizado, sobretudo nas esferas estaduais e municipais¹⁰.

Dentro desse contexto, em um segundo momento, o governo mexicano passou a pactuar com alguns líderes criminosos, em busca de alcançar a estabilidade do país no âmbito da segurança pública e manter o narcotráfico sob controle. As atividades ilícitas seriam combatidas de forma seletiva contra os grupos delitivos não enquadrados pelo “acordo” ou que violassem os seus termos¹¹.

Essa dinâmica vigorou durante algumas décadas e permitiu ao crime organizado penetrar ainda mais no Estado e corromper estruturas do poder público, comprometendo em parte a efetividade institucional e os fundamentos do Estado Democrático de Direito.

Os cartéis ganharam um grande poder e ampliaram sua esfera de influência, mantendo, entretanto, um perfil discreto em suas operações. O Estado, por seu turno, teve seu poder de atuação nesse âmbito diminuído e se debilitou¹².

A partir da década de 1980, a dinâmica do narcotráfico no México passou por grandes mudanças devido: à entrada da cocaína no rol de entorpecentes traficados para os EUA pelos cartéis mexicanos, à fragmentação e atomização dos grupos delitivos no país, à quebra dos acordos velados entre o governo e os traficantes e ao aumento da violência generalizada¹³.

O perfil discreto de outrora deu lugar a ações criminosas que passaram a desafiar frontalmente o Estado, o que, aliado às disputas armadas crescentes entre cartéis rivais, elevou a sensação de insegurança e evidenciou a dimensão da problemática das drogas no país e o poder alcançado pelas organizações delitivas. O governo mexicano, pressionado de forma crescente pelos EUA, viu-se, então, obrigado a empreender medidas mais contundentes para tentar resolver a questão.

Nesse ínterim, o México aumentou o emprego de suas Forças Armadas, o qual já ocorria desde 1938, de forma episódica e coadjuvando com outras agências estatais. As primeiras missões cumpridas visavam a destruições de locais de cultivo de maconha e papoula (matéria-prima do ópio), captura de líderes de cartéis, ocupação de postos na Procuradoria General de la República (instituição responsável pelo combate às drogas no nível federal), entre outras¹⁴.

No final do governo de Vicente Fox (2000/2006), a persistência de altos níveis de criminalidade, não obstante as ações estatais, fez com que o Presidente, a partir do penúltimo

O Ten Cel Inf QEMA Marcelo Neival Hillesheim de Assumpção é atualmente instrutor do curso de Maestría en Dirección Estratégica, Escuela Superior de Guerra, no México, onde também obteve o grau de mestrado. Trabalhou em diversas funções de corpo de tropa no Exército Brasileiro, na Missão de Paz da ONU no Haiti e na Operação de Pacificação Arcanjo, no Rio de Janeiro. Possui os cursos: Básico Paraquedista, Mestre de Salto, Operações na Selva e Avançado de Inteligência, entre outros cursos e estágios da carreira. É especialista em Política e Estratégia pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra do Rio de Janeiro.

ano de seu mandato, aumentasse o emprego das Forças Armadas no combate ao narcotráfico. Para isso, baseou-se também no argumento de que não seria possível obter bons resultados nessa empreitada utilizando instituições policiais ineficazes e com alto grau de penetração pelo crime organizado¹⁵.

As Forças Armadas mexicanas, que já possuíam largo histórico de emprego episódico em operações de defesa interna e segurança pública, passaram, então, a envolver-se cada dia mais no confronto direto com os poderosos cartéis de drogas. Tal emprego foi definitivamente sistematizado a partir do mandato do Presidente seguinte, Felipe Calderón (2006/2012)¹⁶.

O Emprego Sistemático das Forças Armadas Mexicanas no Combate ao Crime Organizado

A partir de 2006, as Forças Armadas mexicanas passaram a desempenhar seu novo papel no país, quando a corrupção pelo narcotráfico já estava fortemente disseminada entre elementos do governo (em todos os níveis), do setor privado e da sociedade civil. A captura parcial do Estado mexicano pelo crime, aliada à baixa governabilidade em algumas partes do território nacional, conformou um cenário de extrema complexidade, no qual os militares teriam de combater diariamente um “adversário sem cara” entremeadado na população civil e imiscuído com o poder público¹⁷.

Nesse contexto, o Presidente Felipe Calderón propagou que o país estava declarando guerra contra o narcotráfico. Assim, as Forças Armadas mexicanas passaram a executar operações chamadas de *alto impacto* contra o crime organizado, o qual já dominava algumas áreas do país, em particular, as de cultivo de drogas e a porção norte do território nacional, de onde saem as rotas em direção aos EUA¹⁸.

Diante dessa sensível tarefa, as Forças Armadas tiveram de adaptar parcialmente seus equipamentos e seus adestramentos para cumprirem missões que não correspondiam aos seus empregos doutrinários. Logo, materiais como veículos blindados mais vocacionados



A força militar do Estado de Michoacán, no México, participante da guerra contra o narcotráfico. (Foto: Diego Fernández/Agencia de Fotografía AP México)

para emprego policial foram adquiridos, em detrimento de veículos de emprego bélico, dando início a um processo que o General Cienfuegos, então Secretário de Defesa Nacional do México (cargo equivalente ao de Ministro da Defesa no Brasil), chamou de “desnaturalização” e “desprofissionalização” de tais instituições¹⁹.

As ações do poder público buscaram, nesses seis anos, atingir de forma repressiva os cartéis de drogas sem a adoção de uma estratégia integral, empregando outros componentes estatais, em busca de realizar ações socioeconômicas para fomentar o progresso da sociedade, diminuindo a atratividade do ingresso no crime.

O emprego das Forças Armadas focou principalmente em ações como: bloqueio de vias urbanas e rurais para inspeção de veículos e pessoas; busca e destruição de plantações e laboratórios de produção de drogas; patrulhamento em áreas urbanas; captura de criminosos, etc.

O mandato presidencial seguinte, do Presidente Enrique Peña Nieto (2012/2018), com base nas lições aprendidas na gestão anterior, em particular em relação aos desgastes com a mídia e com os defensores dos direitos humanos (DH), deu um nome mais amigável à atuação das tropas, que passariam a realizar operações para reduzir a violência e alcançar um “México em Paz”²⁰.

Desde o início dessa estratégia, organismos de direitos humanos nacionais e internacionais, como, por exemplo, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), a Anistia Internacional e a Human Rights Watch, têm monitorado, de forma cerrada, as

operações das Forças Armadas e feito denúncias contra militares por violação de tais direitos, o que fez com que o governo determinasse extremo rigor em relação à apuração desses casos, diminuindo um pouco o ímpeto das tropas no cumprimento de suas missões.

Somente a organização The Washington Office on Latin America (WOLA) denunciou que, entre 2012 e 2016, ocorreram 505 aberturas de processos investigativos sobre violações dos DH, entre os quais casos de tortura, desapareções forçadas e outros crimes (veja a figura 1)²¹.

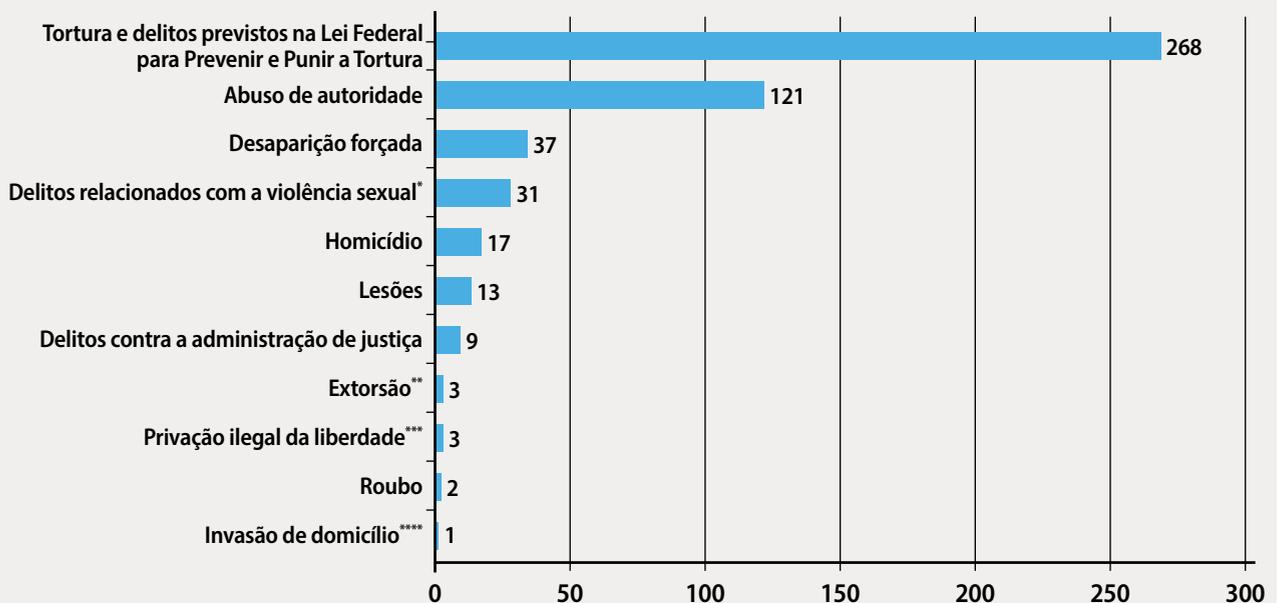
Ainda no âmbito do Direito, o México adotou um novo sistema de justiça penal acusatório, que entrou em vigor em 2016, alterando alguns procedimentos dos militares no âmbito da segurança pública. Ademais, no ano de 2017, uma lei de segurança interior foi votada e aprovada no país, buscando atender ao propósito de dar segurança jurídica aos militares das Forças Armadas no

combate ao crime. O fato é que, em ambos os casos, as leis não contemplaram as principais necessidades dos militares, que seguem em suas tarefas sem o devido amparo legal, o que afeta negativamente o desempenho nas operações, bem como a confiança e o moral das tropas²².

No México, ocorreu o processo inverso ao do Brasil. Neste último, os militares envolvidos em ocorrências durante operações deixaram de ser submetidos à justiça civil e passaram à justiça militar (Lei 13.491/2017). Na nação mexicana, ocorreu o contrário, pois, desde 2011, os militares deixaram de ser submetidos à justiça militar e passaram à justiça civil. Tal alteração foi consequência da pressão de órgãos de direitos humanos por conta de acusações de que inúmeras violações pretéritas deixaram de ser devidamente apuradas.

A distribuição geográfica dos cartéis de drogas mexicanos também constitui um aspecto que vem trazendo dificuldades para as ações do poder público, visto

INVESTIGAÇÕES CIVIS DE DELITOS E VIOLAÇÕES AOS DIREITOS HUMANOS COMETIDOS POR SOLDADOS, CIFRAS OFICIAIS, 2012-2016



*Inclui violação sexual, violação sexual e abuso de autoridade, abuso de autoridade, tortura, homicídio e abuso de autoridade, lesões e violação, abuso sexual e assédio sexual

**Cometidos por soldados da SEDENA

***Cometidos por soldados da SEMAR

****Cometidos por soldados da SEMAR

(Fonte: The Washington Office on Latin America (WOLA), Informe de Investigación: Justicia Olvidada, noviembre de 2017, <https://www.wola.org/es/analisis/informe-de-wola-justicia-olvidada-la-impunidad-de-las-violaciones-derechos-humanos-cometidas-por-soldados-en-mexico/>. Imagem adaptada e traduzida por Military Review)

Figura 1. Violações aos DH Cometidos por Militares, de 2012 a 2016

que seus limites de atuação são cambiantes e favorecem o confronto entre criminosos, aumentando a sensação de insegurança na população, elevando os indicadores de violência e dificultando a atuação das Forças Armadas (veja a figura 2)²³.

A flutuação desses limites ocorre devido à dinâmica instável do controle territorial pelos cartéis, os quais, ao longo dos últimos anos, têm passado por associações e dissociações, o que, além de ocasionar o surgimento de outros grupos delitivos, torna difícil identificar quais os arranjos vigentes na atualidade. Tantos os grupos criminosos mais recentes quanto os mais antigos disputam territórios entre si, além do domínio de locais de produção, venda e de passagem de entorpecentes para os EUA.

O emprego das Forças Armadas mexicanas foi concebido como de coadjuvância ao trabalho dos órgãos de segurança pública. Entretanto, a integração desejada para

ações nesse âmbito é dificultada devido à existência de centenas de instituições policiais no país, dentre elas uma Polícia Federal, uma polícia para cada unidade da federação, uma polícia para cada município, além de polícias auxiliares, que fazem a segurança de empresas, comércios e outras entidades privadas. Tais instituições constituem um efetivo aproximado de 330 mil servidores²⁴.

O número elevado de instituições policiais é um aspecto que torna mais complexa a coordenação nas operações interagências. Além disso, as polícias possuem alto grau de corrupção e envolvimento com os cartéis de drogas, servindo de alerta antecipado quando da deflagração de operações militares, protegendo criminosos, facilitando fugas, etc.

Outro fator que dificulta o combate ao crime organizado no México é o contato estreito e temporalmente já muito prolongado da população de certas regiões com os cartéis de drogas, o que gerou uma



(Fonte: US Department of Justice/Drug Enforcement Administration (DEA), National Drug Threat Assessment October 2015. Imagem adaptada e traduzida por Military Review.)

Figura 2. Área de Atuação dos Principais Cartéis de Drogas Mexicanos, em 2015



Militares mexicanos destruindo plantação de drogas. (Foto: Secretaría de la Defensa Nacional, México, 5º Informe de Labores 2016/2017)

cultura de aceitação e promoção dos narcotraficantes e de suas atividades ilícitas, a chamada *cultura narco*, semelhante ao que já ocorre em algumas comunidades da cidade do Rio de Janeiro.

Uma parte significativa dessa população é atraída por essa cultura, passando a cultivá-la e perpetuá-la, mesmo possuindo condições de desenvolvimento socioeconômico e possibilidade de ascensão social. Outra parcela da população não tem grande margem de escolha, pois é subjugada e obrigada a trabalhar para o crime em atividades diversas, dentre as quais se destaca o cultivo das lavouras de drogas, em particular nos Estados de Guerrero, Durango, Sinaloa e Chihuahua.

Com relação à composição dos cartéis, cabe registrar o número elevado de militares da reserva, ex-militares e militares da ativa das Forças Armadas que têm, ao longo das últimas décadas, se incorporado às fileiras do crime, reforçando os quadros de tais grupos e trazido ainda mais dificuldades para o seu combate.

O Cartel de los Zetas é um exemplo de grupo delitivo com grande quantidade de militares, inclusive, de tropas especiais mexicanas, como as pertencentes aos Grupos Aeromóveis, das Forças Especiais e da Brigada de Fuzileiros Paraquedistas. É importante destacar que muitos desses antigos membros das tropas de elite do país foram treinados em operações antidrogas e antiterroristas pelos EUA²⁵.

Diante de um cenário tão complexo, os governos dos Presidentes Felipe Calderón e Peña Neto não lograram empreender uma ação integral de combate ao crime organizado, agregando medidas efetivas em outras áreas com vistas a diminuir os indicadores de violência no país; o número de homicídios, por exemplo, segue elevado, como se pode verificar na figura 3. Esse insucesso tem extrapolado as fronteiras nacionais, trazendo inclusive desgastes no âmbito das relações internacionais com os EUA²⁶.

Consequências para as Forças Armadas Mexicanas de seu Emprego Sistemático no Combate ao Crime Organizado

Desde o início do emprego sistemático das Forças Armadas no combate ao crime organizado já se passaram mais de 12 anos, tempo considerável, que permite avaliar a efetividade de tal medida, bem como perceber as consequências para o instituto armado do país.

O longo período de emprego sistemático das Forças Armadas mexicanas na segurança pública vem impactando de forma negativa tais instituições, comprometendo em parte sua aptidão para cumprir com sua destinação constitucional, além de afetar os militares e suas famílias.

A rotina e a frequência com que os militares se deslocam para outras guarnições para participar de operações de combate ao narcotráfico têm trazido, em alguns casos, desajustes em suas vidas privadas e problemas de ordem familiar. Além disso, é um dos fatores responsáveis pelo número significativo de deserções nas Forças Armadas do país.

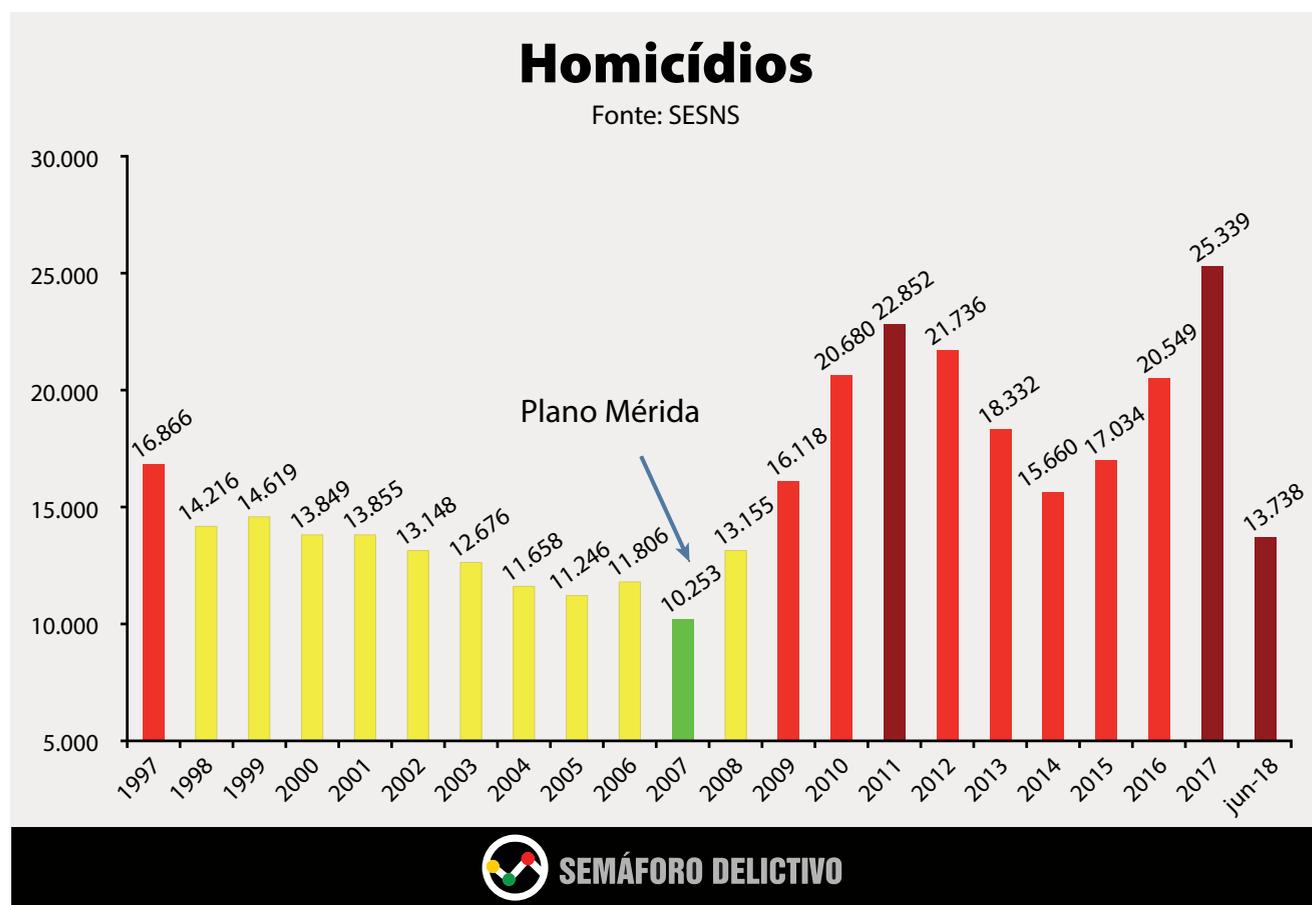
Tais instituições também registram inúmeros casos de corrupção e envolvimento de militares com o crime, ao longo dos últimos anos. Ademais, têm sido comuns os casos de violações dos direitos humanos e práticas ilegais durante operações, como apropriação de material, armas e dinheiro apreendidos; execuções de presos; e desapareções forçadas, entre outras²⁷.

Por consequência, o número de militares que respondem a processos judiciais é elevado, não somente devido a desvios de conduta como os mencionados, mas também devido a situações em que as ações dos militares em operações são mal interpretadas ou transitam nos limites do ordenamento jurídico que lhes “ampara.”

Algumas supostas violações dos direitos humanos carecem de sustentação firme e demonstram que os criminosos se valem do ardid de realizar acusações infundadas, por intermédio da população, para provocar ações dos organismos de direitos humanos contra os militares, buscando desgastar a imagem da instituição e o moral da tropa²⁸.

Casos de envolvimento de militares com o crime já ocasionaram a extinção de unidades, como foi o caso do 65º Batalhão de Infantaria (Guamúchil, Sinaloa), no qual se verificou que parte significativa do efetivo estava corrompida e vinculada com traficantes. Os demais integrantes do efetivo, contra os quais não foram constatados desvios de conduta, foram dispersos por várias outras organizações militares do país²⁹.

Outro aspecto relevante é o fato de que as gerações de militares mais jovens, saídos das escolas de formação, estão chegando às suas unidades e sendo empregados de imediato em operações contra o crime organizado, o que tem gerado a perda parcial de seu perfil



(Fonte: Semáforo Delictivo, <http://www.semaforo.mx/content/semaforo-de-ejecuciones>. Imagem adaptada e traduzida por Military Review.)

Figura 3. Número de Homicídios no México de 1997 até Junho de 2018

de militar das Forças Armadas, preparado para ações bélicas e, por consequência, o surgimento de uma vocação voltada para a atividade policial, configurando o que foi denominado pelo Gen Cienfuegos de *desnaturalização e desprofissionalização* dessas instituições, conforme já mencionado.

As exigências das complexas tarefas relacionadas com a segurança pública no México têm provocado uma reestruturação parcial de suas Forças Armadas, o que pode ser observado com a criação de inúmeras unidades de Polícia Militar nos últimos anos, com a

requalificação de militares do exército para ocuparem cargos nessas unidades e com a priorização de adestramentos com vistas a combater narcotraficantes.

A compra de material de emprego militar voltado para o uso policial, em detrimento do voltado para fins bélicos, por conta de seu emprego prioritário em operações de segurança pública, é outra consequência já observada e que pode, ao longo do tempo, comprometer as capacidades inerentes às Forças Armadas e desnaturalizar as instituições cujo propósito principal é a defesa da pátria.

Essa situação é uma das que caracteriza o paradoxo com o qual se enfrentam as Forças Armadas quando são empregadas em ações de segurança pública. Se elas preservam seu adestramento, doutrina e material exclusivamente para fins bélicos, correm o risco de serem ineficientes ou cometerem excessos contra cidadãos de seu país, sejam eles envolvidos ou não com o crime.

Por outro lado, à medida que as Formas Armadas *flexibilizam sua natureza*, em busca de adaptarem seu adestramento, doutrina e material às demandas das operações de perfil policial, próprias da segurança pública, correm o risco de se desvirtuarem com relação ao desempenho de suas missões precípua de defesa nacional.



Militares mexicanos atuando com policiais federais no patrulhamento de estradas. (Foto: Secretaría de la Defensa Nacional, México, 6º Informe de Labores 2017/2018)

Refletindo sobre o Problema do Crime Organizado na Atualidade

O emprego das Forças Armadas mexicanas no combate ao narcotráfico é mais um caso comum na atualidade em que o poder público de um país, diante do fenômeno das já mencionadas *novas ameaças*, apresenta sérias dificuldades em estruturar corretamente o problema apresentado, formulando, por consequência, soluções inadequadas para o mesmo.

O modelo de enfrentamento do crime organizado transnacional, como é o caso do México e de muitos outros países, ainda tem por base a perspectiva de que as ameaças à segurança nacional são da alçada das Forças Armadas e as ameaças à segurança pública são da alçada das forças policiais. Como o desafio apresentado se enquadra em uma zona intermediária entre tais campos, o poder público não consegue compreender o fenômeno em sua plenitude, tampouco formular políticas públicas efetivas³⁰.

O enfrentamento de estruturas delitivas de tamanho grau de complexidade sugere que se deva encontrar uma categoria intermediária, em que uma nova taxonomia se faz necessária para enquadrar o problema de forma adequada, visto que os cartéis mexicanos, no caso



Helicóptero militar mexicano lançando herbicida para destruir plantações de drogas em lugares de difícil acesso. (Foto: Secretaría de la Defensa Nacional, México, 5º Informe de Labores 2016/2017)

já descrito, demonstram a incapacidade das forças de segurança pública do país em combatê-los. Estima-se que organizações como a de Sinaloa, por exemplo, já possuam operações em mais de 40 países. O Primeiro Comando da Capital (PCC) do Brasil, da mesma forma, também já estende suas ações a outras nações sul-americanas.

As Forças Armadas tradicionais, por sua vez, se veem limitadas em sua liberdade de ação no combate a tais grupos, condicionadas por um sem-número de regras, princípios e ordenamentos jurídicos, os quais, em seu conjunto, ilustram a verdadeira assimetria existente entre as capacidades das forças legais e das estruturas criminosas.

A problemática do crime organizado transnacional é tão grave que teóricos já mencionam a possibilidade de “guerras criminais”, nas quais Estados aplicariam seu poder nacional contra grupos criminosos em regiões onde o poder público perdeu completamente sua capacidade de ação, gerando enclaves em grandes centros urbanos (denominados *black spots*) dentro dos quais o poder criminoso regularia as dinâmicas sociais, criando um Estado paralelo³¹.

Ainda que os grupos criminosos não sejam considerados atores políticos, o efeito de suas atividades gera consequências políticas nacionais e

internacionais que, por sua vez, têm o potencial de gerar conflitos de maior intensidade e desequilíbrios na ordem internacional³².

Cabe destacar que a aplicação do poder coercitivo do Estado, seja por intermédio das forças de segurança pública ou das Forças Armadas, constitui o empenho em apenas um dos vetores que devem orientar o combate ao crime organizado. Esforço de igual intensidade deve ser aplicado para debilitar o patrimônio e a economia dos grupos delitivos, visto que esses são os instrumentos que viabilizam a corrupção dos agentes do Estado e a ampliação da influência dos criminosos no campo político.

Logo, as políticas públicas de enfrentamento ao crime organizado devem buscar uma abordagem integral e multidisciplinar do problema, seguindo a lógica do modelo aplicado pelas Nações Unidas quando de sua atuação em Estados falidos ou com graves comprometimentos na área de segurança, onde os componentes militar e policial buscam criar um ambiente seguro e estável para que o componente civil possa reestruturar as funções públicas inexistentes ou debilitadas e promover o progresso, diminuindo assim o poder de atração do crime³³.

Conclusões

As Forças Armadas mexicanas têm desempenhado um papel de alta relevância no combate ao crime organizado no país ao longo dos últimos 12 anos, fruto de seu espírito de cumprimento de missão, abnegação, combatividade, profissionalismo e busca pela atuação em conformidade com os direitos humanos. Entretanto, todo seu empenho não tem sido suficiente para abaixar os indicadores de violência para níveis aceitáveis.

A sociedade civil do país tem feito críticas ao Estado por não lograr estabelecer uma coordenação interinstitucional eficiente que seja capaz de unir Órgãos de Inteligência, Secretaria de Fazenda, Sistemas de Justiça, Ministério Público, Forças Armadas, etc., em busca de obter os resultados desejados em prol da melhora da segurança pública o que, de certa forma, leva ao descrédito não somente o poder público de maneira geral, mas em particular, o instituto armado nacional.

A ação governamental mexicana não tem contemplado de forma efetiva uma ação integral e multidimensional no combate ao crime organizado, deixando para as Forças Armadas ações focadas prioritariamente na dimensão física do problema, o qual não é atingido em suas dimensões humana e informacional, dificultando a obtenção de resultados mais expressivos.

A despeito do empenho do governo mexicano no combate ao crime organizado, os índices de violência no país seguem altos. O ano de 2017 foi considerado um dos mais violentos das últimas décadas. O número de homicídios dolosos nesse ano, por exemplo, foi de 25.339 de habitantes, quase o dobro de dez anos antes (2007), que foi de 10.253³⁴.

Os problemas de segurança pública presentes na América Latina e a não percepção de um inimigo externo por grande parte das nações da região induzem os poderes públicos estatais a empregarem ainda mais suas Forças Armadas em missões de ordem interna. Entretanto, a atuação sistemática delas em atividades policiais caracteriza o emprego inadequado das

instituições que deveriam ser preservadas pelo fato de serem o último recurso do Estado diante de situações extremas, de calamidades ou de enfrentamento de inimigos externos e internos muito bem definidos.

Essa medida expõe os militares ao assédio e à corrupção perpetrada pelas organizações criminosas, as quais invariavelmente logram cooptar alguns servidores, fragilizando as instituições e comprometendo a credibilidade do instituto armado diante da sociedade. Tal corrupção é facilitada pelo fato de os militares atuarem em um cenário de incerteza e desamparo jurídico, sem perceber, na maioria das vezes, um envolvimento multidimensional do poder público na solução do problema.

As políticas de combate à problemática das drogas que não envolvam de forma integral todos os setores do poder público (abordagem integrada) dificilmente lograrão resultados expressivos, pois a degeneração do tecido social, fruto da *cultura narco*, aliada a baixos indicadores socioeconômicos, oferece as condições ideais de florescimento de todo o tipo de problemas sociais, onde a delinquência organizada será apenas mais um dos efeitos percebidos.

A experiência mexicana demonstrou que mesmo ações repressivas exitosas contra alguns cartéis, com grandes apreensões de armas e entorpecentes e prisões de líderes, não foram capazes de descontinuar o fluxo de drogas para os EUA e não permitiram o registro de variação expressiva do seu preço no varejo e nem na pureza desses produtos. Logo, a prática recorrente de eleger os líderes de organizações criminosas como centro de gravidade em exercícios e operações militares deve ser repensada para cada caso específico.

Finalmente, o empenho do governo mexicano ao longo das últimas décadas — com a orientação e apoio dos EUA — em atacar frontalmente o crime organizado, sem a obtenção de resultados expressivos, é um indicador de que o foco principal das políticas públicas na atualidade deve ser principalmente na demanda (consumo) de entorpecentes e não na sua oferta. ■

Referências

1. Alberto Calero, "El Ciberespacio y el Control de las Redes", in *La Geopolítica Líquida del Siglo XXI*, (Madrid: Escuela Superior de las Fuerzas Armadas, 2015), p. 191-254.

2. Mauricio Manuel Nava Hernández, "Las Fuerzas Armadas y el Crimen Organizado en la Democracia Mexicana", *Revista de El Colegio de San Luis* II, núm. 3 (enero-junio 2012): p. 324-341.

3. André Luís Woloszyn, *Ameaças e Desafios à Segurança Humana no Século XXI: De Gangues, Narcotráfico, Bioterrorismo, Ataques Cibernéticos às Armas de Destruição em Massa* (Rio de Janeiro: Editorial Biblioteca do Exército, 2013).
4. Junta Interamericana de Defensa (JID), *Pesquisa Sobre el Involucramiento de las Fuerzas Armadas del Continente Americano en Actividades de Seguridad Pública* (Washington, D.C.: Secretaria de la JID, 2012).
5. Luis Astorga, *Drogas sin Fronteras* (México: Debolsillo, 2015).
6. Guillermo Valdés Castellanos, *Historia del Narcotráfico en México* (México: Aguilar, 2015).
7. Ibid.
8. Ibid.
9. Astorga, *Drogas sin Fronteras*.
10. Miguel Ángel Martínez Rodríguez, *Política Criminal del Estado Mexicano sobre Drogas y Narcotráfico* (México: Porrúa, 2012).
11. Castellanos, *Historia del Narcotráfico*.
12. Ibid.
13. Luis Astorga, *Seguridad, Traficantes y Militares, el Poder y la Sombra* (México: Tiempo De Memoria, Tusquets Editores, 2007).
14. Ibid.
15. Rodríguez, *Política Criminal*.
16. José Cobos Sierra, *Prospectiva de las Operaciones que Realiza el Ejército y Fuerza Aérea para Reducir la Violencia en el País a Corto, Mediano y Largo Plazo* (México: Escuela Superior de Guerra, 2014).
17. Edgardo Buscaglia, "México Pierde la Guerra", *Esquire* 227 (Mar. 2010): p. 95-101.
18. Mónica Serrano, "México: Narcotráfico e Governabilidad", *Revista Pensamiento Ibero-Americano*, núm. 1, 2ª época (sept. de 2007): p. 265.
19. Sonia Alda Mejías, "Las Misiones Policiales de las Fuerzas Armadas en México: Una Situación de Hecho sin Regulación Legal", *Documento Opinión* 43 (20 abr. de 2017).
20. *Plan Nacional de Desarrollo 2013-2018* (México: Gobierno de la República), p. 27.
21. Ximena Suárez-Enríquez, com contribuição de Maureen Meyer, *Justicia Olvidada: La Impunidad de las Violaciones a Derechos Humanos Cometidas por Soldados en México* (relatório de investigação, Washington, D.C.: The Washington Office on Latin America [WOLA], 2017), <https://www.wola.org/es/analisis/informe-de-wola-justicia-olvidada-la-impunidad-de-las-violaciones-derechos-humanos-cometidas-por-soldados-en-mexico/>.
22. Cristian Castaño Contreras, *Seguridad Nacional y Fuerzas Armadas: Fundamentos Para un Modelo de Seguridad Nacional en México* (Guadalajara: Imagia Comunicación, 2015).
23. U.S. Department of Justice, Drug Enforcement Administration (DEA), *National Drug Threat Assessment* (Washington, D.C.: DEA, Oct. 2015).
24. Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI), *Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo de 2017* (Aguascalientes, México: INEGI, 2017).
25. Daniel Sansó-Rubert Pascual, "La Seguridad Ciudadana y las Fuerzas Armadas: Despropósito o Último Recurso Frente a la Delincuencia Organizada?", *Revista Criminalidade* 55, 2 (2013): p. 119-133.
26. Lucia Dammert e David Álvarez Veloso, "Fuerzas Armadas en Seguridad Pública. ¿Solución o Problema?" *Nueva Sociedad* 218 (Noviembre/Diciembre 2008).
27. Suárez-Enríquez, *Justicia Olvidada*.
28. Héctor Zamudio Vizuet, "Secuelas en la SEDENA Derivadas de Coadyuvar con la Función de Seguridad Pública" (tese de mestrado, Escuela Superior de Guerra, México, 2018).
29. "Desarticulan Batallón por Vínculo con Narco", *El Universal* (site), 15 oct. de 2002, acesso em 5 out. 2018, <http://archivo.eluniversal.com.mx/primer/13274.html>.
30. Alessandro Visacro, *As Áreas não Governadas no Interior do Estado e suas Implicações sobre o Campo da Defesa* (no prelo).
31. Robert Muggah e John P. Sullivan, "The Coming Crime Wars", *Foreign Policy*, 21 Sept. 2018, acesso em 15 nov. 2018, <https://foreignpolicy.com/2018/09/21/the-coming-crime-wars/>.
32. Visacro, *As Áreas Não Governadas*.
33. Ibid.
34. "Reporte Sobre Delitos de Alto Impacto: Diciembre 2017", *Observatorio Nacional Ciudadano Seguridad, Justicia y Legalidad* Año 4, no. 11 (Diciembre 2017), última modificação em 6 fev. 2018, acesso em 8 mar. 2018, http://onc.org.mx/wp-content/uploads/2018/02/PDF_dic17_final.pdf.

A Promoção da Resiliência em Militares Envolvidos em Missões de Paz

Cap Léo Peracche de Oliveira Junior, Exército Brasileiro

Angela Nogueira Neves, Escola de Educação Física do Exército

A origem das operações de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) remonta ao ano de 1948, quando o Conselho de Segurança autorizou o envio de observadores militares para o Oriente Médio. Desde então, foram mais de 70 missões realizadas, com envolvimento de pessoal de mais de 120 países¹. Atualmente, as missões de paz da ONU se baseiam em três princípios básicos: imparcialidade; consentimento das partes envolvidas no conflito e não uso da força, exceto no nível tático, com autorização do Conselho de Segurança para garantir a autodefesa e a defesa da operação².

A ONU define as missões de paz como operações que têm por objetivo ajudar os países a percorrerem o difícil caminho do conflito para a paz. Nesse processo, em um contexto ampliado, as missões de paz da ONU têm três funções centrais, a saber: 1) criar um ambiente seguro e estável, enquanto fortalece a capacidade do Estado de promover segurança, com total respeito às leis e aos direitos humanos; 2) facilitar o processo político local e 3) proporcionar uma estrutura capaz de assegurar a todos os atores internacionais das Nações Unidas e outros órgãos o exercício de suas atividades no nível nacional de maneira coerente e coordenada³.

O Brasil está presente nesse cenário desde 1948, tendo participado de 47 operações de paz — com um período de ausência entre 1964 e 1985. Até o ano de 2017, o país já havia empregado “cerca de 50 mil militares, policiais e civis”⁴. Apesar de ter enviado tropas em outras missões

de paz — como em Angola (1991), Moçambique (1993) e Timor leste (1999) — nenhuma participação anterior se compara ao engajamento brasileiro no Haiti (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti — MINUSTAH), no período compreendido entre 2004 e

O Cap Inf Léo Peracche de Oliveira Junior, Oficial do Exército Brasileiro, formou-se pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), no ano de 2008. Esteve no Haiti no 14º Contingente, de janeiro de 2011 a agosto de 2011. Concluiu o bacharelado em Ciências Militares e serviu como Oficial Subalterno no 71º Batalhão de Infantaria Motorizado, Organização Militar pela qual integrou as tropas da MINUSTAH. Atualmente, é Instrutor do Curso de Infantaria da AMAN e pós-graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

2017. Além de desdobrar até dois batalhões de infantaria e uma companhia de engenharia simultaneamente, o cargo de *Force Commander*, isto é, o comandante do componente

A Prof.ª Dra. Angela Nogueira Neves concluiu o bacharelado, mestrado e doutorado em Educação Física pela UNICAMP e o pós-doutorado pela UFRJ. É docente do Magistério Superior Federal na Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, realizando pesquisas acerca de psicologia, resiliência, trauma e o impacto da experiência corporal na identidade.



Militares brasileiros guarnecem um perímetro de segurança, enquanto policiais da ONU removem o corpo de um cidadão haitiano. O contato rotineiro com o sofrimento humano, durante as missões de paz funciona como um fator estressor que pode levar ao “trauma de desenvolvimento”. (Foto: Léo Peracche)

militar da missão, era ocupado por um oficial-general brasileiro, cujo estado-maior também contava com a presença de outros militares brasileiros⁵.

A experiência Brasileira na MINUSTAH pode ser dividida em quatro momentos: “(i) 2004/2005: ambientação, engajamento inicial e reordenamento da estrutura operacional e treinamento; (ii) 2005/2007: pacificação; (iii) 2007/2009: consolidação da pacificação; 2009/2010: terremoto; e (iv) 2010/2017: recuperação pós-terremoto e retorno do país à normalidade”⁶. As atividades militares executadas pelas tropas Brasileiras na MINUSTAH foram autorizadas de acordo com o Capítulo VII, utilizando força letal quando necessário. O imprevisível revés sofrido com o terremoto de 2010 representou um grande desafio, pois literalmente colocou por terra grande parcela do trabalho realizado até então, expondo a fragilidade do Estado e da população haitiana frente à catástrofe. Essa situação proporcionou aos militares uma larga experiência pessoal e profissional frente às dificuldades impostas pela missão e pelo ambiente operacional. A MINUSTAH seguiu até 2017 com reconhecido sucesso pela comunidade internacional⁷.

O “*Brazilian way of peacekeeping*” estabelecido ao longo dos 13 anos de atuação no Haiti se incorpora ao momento de inflexão que as missões de paz da ONU vivem. Frente à conjuntura econômica e política global, os debates visando a aumentar a eficiência, coerência e relevância da arquitetura de paz e segurança da ONU não diminuíram em importância. À comunidade acadêmica cabe acompanhar as discussões, gerando as evidências que subsidiem os debates⁸.

Nesse sentido, é ainda uma lacuna no cenário brasileiro a discussão sobre os efeitos das operações de paz, no período de engajamento e desengajamento da tropa, em termos de saúde física e mental dos militares envolvidos. Missões de paz em áreas caóticas podem ser extremamente desafiadoras e duras. Os soldados, quase sempre, se defrontam com violência atual ou com as consequências nocivas de violência passada. Ademais, existem os perigos à integridade física

daqueles envolvidos na missão, incluindo o risco de morte. Os relatórios atuais indicam que, até 31 de agosto de 2018, houve 3.767 fatalidades de *peacekeepers*, uma evidência de que, apesar de o estabelecimento e a manutenção da paz serem o objetivo principal, o risco imediato aos envolvidos no processo é parte do cenário⁹.

A impossibilidade de responder a eventos agressivos e provocações, a experiência de vivenciar a devastação causada pelo terremoto em janeiro de 2010 e o testemunho em primeira pessoa da miséria da população local enquadraram-se como agentes estressores e potencialmente traumáticos para os militares brasileiros.

Em face disso e considerando o crescente envolvimento do Brasil em missões dessa natureza, urge melhor compreender os fatores protetores, chamados fatores resilientes, frente às potenciais situações traumáticas para as tropas brasileiras. Escrevemos este artigo com o propósito de fomentar essa reflexão e discussão sobre o tema, apresentando os fundamentos teóricos sobre o tema tratado e dados da experiência da 1ª Cia Fuz do 14º Contingente/BRABATT1. Embora o presente artigo tenha como pano

de fundo as operações de paz, os conceitos ora descritos podem ser aplicáveis outros tipos de operações militares.

O Evento Traumático, o Trauma e as Implicações na Saúde do Indivíduo

Evento traumático é todo aquele que interrompe o desenvolvimento do sujeito, por ser algo que exceda a capacidade de compreensão e reação do indivíduo, fazendo-o ter dificuldades em superar a adversidade. A American Psychological Association o define como “um evento no qual uma pessoa testemunha ou vivencia uma ameaça à sua própria vida ou segurança física ou a de outros, experimentando medo, terror ou impotência”¹⁰. É muito mais que uma mera dificuldade, frustração ou situação que exige alteração de planos. Eventos traumáticos desafiam a visão que o indivíduo tem do mundo como um lugar seguro, estável e com sentido.

O trauma ocorre quando se é atordoado, oprimido ou incapaz de enfrentar o evento atordoante, ficando a sensação de desamparo, desesperança, de estar desligado do corpo. O que define o trauma não é o evento em si, mas antes os recursos (ou a falta deles) de que o indivíduo dispõe para responder ao evento. O trauma pode ser de dois tipos. O primeiro é aquele caracterizado por ações pequenas e ordinárias, que ocorrem de forma contínua e, com o passar do tempo, causam um desvio de percurso que impede a pessoa de viver plenamente, sendo chamado de “trauma de desenvolvimento”. Por sua vez, o trauma causado por um evento único ou extraordinário é chamado de “trauma de choque”¹¹.

No contexto específico das missões de paz, descreveu-se a *UN Soldier Stress Syndrome* (Síndrome do Estresse em Soldados da ONU). Caracteriza-se pela tensão angustiante gerada pela vivência de situações de agressão nas missões de paz, nas quais o indivíduo se vê impossibilitado de reagir de forma agressiva, oferecendo uma contrarresposta adequada. Esse não é um evento agudo, mas repetitivo, que pode ser potencialmente traumático, por gerar um estado permanente de tensão, angústia e raiva que altera a realidade do indivíduo.

Pessoas traumatizadas são incapazes de superar a ansiedade de sua experiência e permanecem sobrecarregadas pelos acontecimentos, derrotadas e aterrorizadas. As defesas protetoras usadas no trauma levam à alteração da consciência e à desconexão das sensações do corpo, impactando a memória, a coesão e a consciência de si próprio¹². Essas pessoas tornam-se mais propensas a desintegrações,

passando a usar seus sistemas sensoriais de forma aguda para criar uma representação mais explícita de si, por meio da dor autoinfligida, excesso de exercícios, fome e experiências sexuais fragmentadas. O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) é caracterizado, entre outros fatores, pela permanência da reação ao evento traumático. Atualmente, o diagnóstico do TEPT é dado por oito critérios, de acordo com o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, quinta edição (DSM-5)¹³.

Em termos gerais, os critérios incluem: (1) ter vivenciado pessoalmente ou testemunhado outra pessoa — da família ou não — ter sido exposta a um evento traumático agudo (ameaça ou exposição à morte, ou lesão grave, ou violência sexual) ou ter sofrido traumas de exposição repetida e duradoura, como por exemplo, recolher restos mortais; (2) após a exposição ao trauma apresentar um ou mais dos seguintes sintomas: ter memórias recorrentes, ou sonhos estressantes, ou reações dissociativas como um *déjà vu*, ou estresse psicológico intenso ou prolongado, ou reações marcantes que simbolizem o evento traumático; (3) após a exposição ao trauma há de haver um esforço para evitar ou a negação deliberada das memórias estressantes, pensamentos, ou sentimentos, pessoas ou lugares intimamente associados ao trauma vivido; (4) após a exposição ao trauma, ocorrerá alterações negativas no raciocínio ou humor se evidenciando em duas ou mais formas a seguir descritas: na inability de lembrar, crenças negativas persistentes, estado emocional negativo duradouro, incapacidade de ter e manter sentimentos positivos, sentimento de desapego ao outro, interesse social diminuído; (5) após a exposição ao trauma ocorrerá alterações de ativação ou reação, que podem ser expressas de duas ou mais das seguintes formas: irritação ou explosão de raiva, ou comportamento autodestrutivo ou imprudente, ou hipervigilância, ou sobressalto, ou alteração no sono e dificuldade de concentração; (6) duração das alterações após a exposição ao trauma com tempo superior a 30 dias; (7) prejuízos à convivência familiar, social, ocupacional ou em outras áreas importantes do funcionamento; (8) os sintomas não tem remissão frente à terapia medicamentosa¹⁴.

O que se pode ver é que o TEPT é uma condição clínica debilitante àquele que o desenvolve. A pessoa com TEPT tem recordações recorrentes, involuntárias e intrusivas do evento estressor. Os sintomas podem variar de acordo com as características individuais — ex.: traços de personalidade, estado de humor, sistema de apoio social — e com o grau do trauma. Os sintomas mais recorrentes

são: reatividade emocional e comportamental baseada no medo; estados anímicos ou disfóricos; cognições negativas; sintomas de excitação e de externalização reativa; compulsão e fixação em atividades ou ações específicas e sintomas dissociativos¹⁵. Mudanças bruscas de humor e engajamento em comportamento agressivo verbal e/ou físico, reativo a pouca ou nenhuma provocação, são frequentemente observados em pessoas com TEPT. Elas também podem se envolver em comportamentos imprudentes ou autodestrutivos, como condução perigosa, uso excessivo de álcool ou drogas, ou comportamento autoinjuriioso ou suicida¹⁶.

Dados epidemiológicos sugerem que cerca de 9% das pessoas que passam por um evento traumático desenvolverão TEPT. Em militares envolvidos em missões de paz da ONU, a prevalência de TEPT variou entre 1,9% a 25,8%. Entre brasileiros, há evidência de que seja algo em torno de 1,4%¹⁷.

Mesmo que não haja TEPT (identificado clinicamente), algumas pessoas ainda podem ficar imobilizadas pela experiência traumática e outras retomarão o seu desenvolvimento. Para que seja retomado o desenvolvimento, para que o tratamento clínico do TEPT possa, inclusive, ser efetivo, é necessário haver um potencial de reação suficiente para sair do efeito imobilizante do trauma¹⁸. Esse potencial é chamado de resiliência.

A Resiliência

Nem o TEPT nem o trauma são uma sentença para toda a vida, ambos podem ser renegociados. Cyrulnik ressalta que o trauma não pode ser revertido depois de ocorrido, mas reelaborado e ressignificado, mediante o uso dos recursos resilientes do indivíduo, reduzindo o impacto provocado por estresses ou infortúnios¹⁹.

Inicialmente derivado da Física, como a capacidade de resistir às forças externas sem deformação, o termo resiliência é atualmente entendido em uma perspectiva ampla. Resiliência pode ser definida como um processo no qual a pessoa é atingida por uma adversidade, reequilibra-se, reage e continua a vida, mas em um percurso diferente do original²⁰. Ou seja, ser resiliente é reconhecer que houve um grande rompimento em sua vida, que os planos originalmente feitos deverão ser mudados, mas que, ainda assim, há razão para viver. É o processo que permite retornar a algum tipo de desenvolvimento, apesar do trauma e de condições adversas. Então a resiliência é muito mais que a habilidade de lidar com pequenas frustrações e aborrecimentos no dia a dia: ela necessariamente

emerge de uma situação traumática. O indivíduo resiliente não é conformado, nem adaptado e nem invulnerável. É aquele que se abate e encontra um novo caminho para retomar seu desenvolvimento humano, de forma saudável²¹.

Nesse conceito ampliado, pode-se entender resiliência sob duas perspectivas distintas: a resiliência como um traço e como um processo. Sob a perspectiva do traço, a resiliência é comumente definida como “as qualidades pessoais que permitem que se desenvolva diante da adversidade”²², sendo aceito que os traços resilientes influenciarão como a pessoa avalia o arriscar e responder a isso. Como traço, a resiliência engloba características pessoais como temperamento fácil, extroversão, introspecção, independência, habilidades sociais, criatividade, senso de moralidade, afeto positivo, alta autoestima, espiritualidade, habilidades de planejamento e senso de humor²³. Por outro lado, a perspectiva do processo considera a resiliência como um “processo dinâmico que engloba a adaptação positiva no contexto de adversidades significativas”²⁴. A perspectiva do processo assume que a influência das características pessoais irá variar de acordo com a situação e o tempo e a resposta para um estressor/risco é, essencialmente, um processo desenvolvido no contexto pessoa-ambiente. Em resumo, a perspectiva de traços trata de características que favorecerão uma resposta de resiliência, em qualquer contexto. A perspectiva do processo considera a situação e as possíveis respostas que a pessoa poderia fornecer nesse cenário específico, e, portanto, uma resposta de resiliência pode ou não ocorrer.

Apesar das diferenças entre essas perspectivas, elas têm, pelo menos, quatro pontos em comum. Em primeiro lugar, a presença de algumas características pessoais (ou fatores promotores) que permitem que a pessoa seja resiliente. Em segundo lugar, a necessidade de uma presença de apoio social ou de um outro significativo²⁵. Nesse sentido, o atributo “espírito de corpo”, valorizado e estimulado desde as escolas de formação de oficiais e praças, é extremamente positivo, pois vem ao encontro da necessidade de estabelecimento de relações sociais estáveis e significativas. Em terceiro, o reconhecimento de quatro pilares de resiliência: “eu tenho”, “eu sou”, “eu estou” e “eu posso”. Na categoria “eu tenho”, estão os fatores relacionados ao apoio; “eu posso” agrupa os fatores relacionados às habilidades interpessoais e de resolver conflitos; nas categorias “eu sou” e “eu estou” concentram-se os fatores relacionados ao desenvolvimento da força intrapsíquica²⁶. Por fim, a presença de

um risco ou estressor para mudar o curso original do desenvolvimento e iniciar o processo de resiliência²⁷.

Ainda destacamos que o senso de si (a percepção acurada de si mesmo, das sensações, das capacidades e limites) é um elemento essencial para a resiliência. Pode ser alcançado por meio de atividades conscientes e direcionadas que promovam a percepção consciente do corpo; experiências outras que permitam ao sujeito ser aceito e se aceitar; que permitam elaborar as perdas e o reconhecimento das vulnerabilidades. O exercício físico, os esportes e os desafios intelectuais conduzidos nessa perspectiva são atividades que criam um contexto propício para o desenvolvimento do senso de si.

Especificamente em missões de paz, há evidências de que a coesão, o moral elevado da tropa, o orgulho militar, a percepção positiva da missão, o reconhecimento dos líderes e ter alguém para dividir as experiências vivenciadas são fatores protetores ao trauma²⁸. É para esse ponto que nos dirigimos: haveria outros fatores protetores a serem trabalhados para a promoção da resiliência no cenário das missões de paz? Acreditando que sim, nos perguntamos quais foram as atividades que, de forma não sistematizada, contribuíram para o desenvolvimento da resiliência e qual a importância dada pelos integrantes daquela fração a cada uma dessas atividades?

Dados da 1ª Cia Fuz, do 14º Contingente/BRABATT1

Para responder às indagações que motivaram essa pesquisa, foram levantados dados por *survey*²⁹ com um total de 50 participantes, dos quais 48% eram soldados, 30% cabos, 14% sargentos, 4% tenentes e 4% Capitães da 1ª Cia Fuz, do 14º Contingente/BRABATT1³⁰.

Os resultados apontam que a possibilidade de conhecer outros países no *leave*, as atividades de confraternização e o contato com a família pelo telefone foram as atividades julgadas como mais efetivas no controle do efeito das adversidades e manejo do estresse durante a missão. Destacamos, ainda, que nenhum dos participantes julgou que as atividades religiosas, as atividades de confraternização, o contato com a família ao telefone e internet e conhecer outros países no *leave* e o próprio Haiti (em especial, suas praias) foram, em algum momento, ineficazes no controle do efeito das adversidades e manejo do estresse durante a missão (tabela 1).

A análise de *cluster* é uma análise estatística inferencial que indica a similaridade entre as atividades



Integrantes da MINUSTAH à busca de sobreviventes em Porto Príncipe no dia seguinte ao terremoto que abalou o Haiti em 12 Jan 10. (Foto: United Nations Development Programme/CC BY 2.0)

investigadas. Cada *cluster* indica quais atividades são mais afins, e portanto, poderiam ser incentivadas concomitantemente. O dendograma apresentado na figura 1 indica quatro *clusters* distintos³¹.

O contato com a família por internet e telefone, as atividades de confraternização e de cunho religioso e a oportunidade de conhecer outros países no *leave* e as praias do Haiti formam o primeiro *cluster*. Há aqui um cunho social e cultural muito forte. Já o segundo *cluster* engloba apenas duas atividades, que podem ser caracterizadas como essencialmente de lazer. O terceiro *cluster* engloba também atividades de lazer, mas, em especial, o sentimento de pertencimento à Companhia, ao Batalhão, ao Pelotão. Parece, então, que a corrida, os jogos coletivos e a descontração no comércio com os habitantes locais na “feirinha” fomentam, em especial, esse sentimento. Por fim, o apoio dado à família no Brasil é um *cluster* à parte — compreensível por ser algo que não ocorre na base e nem com o próprio indivíduo.

Por fim, investigamos se o posto do participante tinha alguma influência quanto à efetividade das atividades promotoras de resiliência investigadas³². Apenas o sentimento de pertencimento demonstrou-se relacionado

com o posto do participante, $\chi^2(4,50)=31,41, p<0,001$, sendo os soldados e cabos os que mais julgaram como efetivo ter esse sentimento para lidar com as adversidades e fatores estressores da missão. Para todas as demais atividades, não houve significância estatística ($p> 0,05$).

Reflexões a Partir dos Dados

A pessoa resiliente é aquela que é atordoada pelo trauma, mas que, por ter recursos emocionais, sociais e fisiológicos, consegue retomar seu desenvolvimento, nem que seja por um caminho diferente do original. Ou seja, a pessoa resiliente que passa por uma situação traumática se transforma. Ser resiliente não garante felicidade, nem sucesso profissional ou social. Garante apenas que o indivíduo não ficará paralisado na reação traumática. Considerando que o desenvolvimento dessa reação contínua ao trauma — ou TEPT — é uma situação que deteriora sobremaneira a saúde e a operacionalidade do militar, é imprescindível que sejam reconhecidas as estratégias de resiliência possíveis de serem fomentadas. É impossível prever o caos e o trauma agudo que podem atordoar nossas tropas em ação. É difícil controlar a frustração, a angústia e a raiva que o militar pode sentir em uma missão de paz por não poder reagir às agressividades — elementos esses do trauma de desenvolvimento. Esse conhecimento permite aos comandantes, em todos os níveis hierárquicos, planejar ações para promover o

desenvolvimento da resiliência em seus subordinados, de forma coerente, intencional e planejada.

As atividades investigadas apontam para oportunidades simples, mas que podem ser efetivas. Não necessitam de grandes investimentos, tampouco de estrutura física por parte do Exército Brasileiro — com exceção talvez do oferecimento de treinamento neuromuscular, que exige equipamento específico. Foi interessante observar a grande importância dada às atividades religiosas, à possibilidade de conhecer outros países e à manutenção do contato com a família. O ritual religioso tem um aspecto de conexão com algo superior, com uma força outra. É algo que preenche uma necessidade imediata de apoio e oferece um sentimento de pertencimento. Podemos reconhecê-la como uma atividade das categorias “eu sou” e “eu estou” da resiliência, já que pode ser relacionada ao desenvolvimento da força intrapsíquica. Conhecer outros países oferece a visão de um mundo maior, mais amplo, no qual pode-se ponderar as adversidades que se vive em uma perspectiva mais ampliada. É um estímulo cultural, um dos pilares da resiliência. Por fim, o contato com a família é um recurso que pertence à categoria “eu tenho” — relacionada ao apoio — sendo também outro pilar da resiliência, o de ter pessoa(s) significativa(s) a quem se pode confiar.

Podemos também perceber que faz mais sentido desenvolver algumas atividades juntas – essas são

	Muito efetivo	Moderadamente efetivo	Nada efetivo
Treinamento aeróbico (corrida)	42%	54%	4%
Treinamento neuromuscular (musculação)	54%	44%	2%
Jogos coletivos (futebol, vôlei, basquete)	66%	32%	2%
Atividades religiosas	78%	22%	—
Atividades de confraternização (churrasco, aniversários)	84%	16%	—
Atividades à paisana ocorridas na base Charlie	52%	38%	10%
Sentimento de pertencer a um grupo	58%	40%	2%
“Feirinha” (interior da base Charlie) da população local	48%	46%	6%
Conhecer outros países vizinhos durante o leave	98%	2%	—
Conhecer o Haiti (suas praias) nos momentos de folga	74%	26%	—
Contato com familiares (telefone)	86%	14%	—
Contato com familiares (internet)	72%	28%	—

(Tabela elaborada pelos autores)

Tabela 1. Efetividade das Atividades Promotoras de Resiliência Investigadas

aquelas localizadas no mesmo *cluster* — como se uma fortalecesse a outra. Ter essa informação pode ajudar no planejamento das atividades, para que seja oferecido a tempo para cada conjunto de atividade, em rodízio ou semanalmente, de acordo com as possibilidades da missão.

Há todavia, sempre a necessidade de equilíbrio nesse planejamento. É necessário que seja claro para nós que toda atividade compulsiva é, na verdade, um movimento de “congelamento psíquico”³³, ou seja: o excesso de exercícios, a compulsão por compra, a dependência da internet, o pensamento fixo e constante nos familiares são os comportamentos extremos que não indicam um movimento resiliente, mas antes, a imobilidade do trauma. Fazer compulsivamente algo é se manter paralisado em uma atividade que não permite a continuidade do desenvolvimento. É um recuso de defesa psíquica, mas não é um traço resiliente. Então, é necessário que fique claro que a intenção de execução e seu significado são tão importantes quanto a ação em si — porque o que fica registrado é a experiência advinda dessa ação, o quanto o indivíduo pode desenvolver a percepção de si, que se sentiu conectado a um outro. É a experiência positiva e significativa vivida que fomenta a resiliência.

Uma descoberta relevante desse estudo não pode passar despercebida. Cabe destacar que, para os soldados e cabos, o sentimento de pertencimento é algo que foi especialmente importante. Para eles, ter a certeza de que integram uma equipe, que nela são pessoas importantes e que com ela podem contar os fortaleceu de forma mais significativa que os militares de outros postos. Essa informação é especialmente importante para a elaboração das estratégias de comunicação e liderança, as quais se dirigem a manter a coesão do grupo, tanto social quanto para a missão.

Por fim, devemos considerar que os dados originais aqui trazidos são de uma pequena amostra, que não

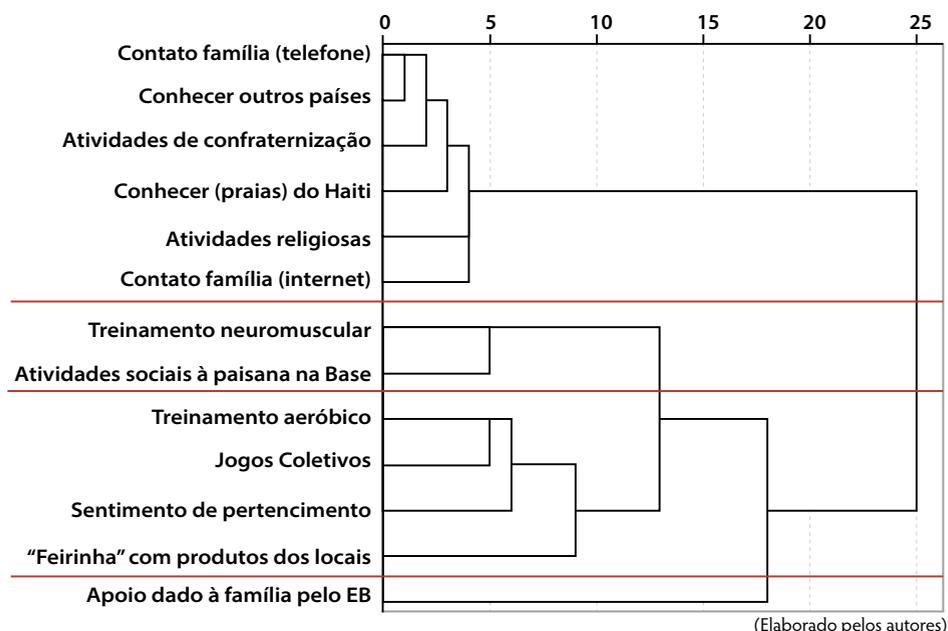


Figura 1. Clusters das Atividades Promotoras de Resiliência Investigadas

podem ser generalizados. Sendo assim, seria de grande valia que outros estudos acerca deste mesmo assunto fossem realizados com outras amostras de diferentes batalhões, a fim de contribuir de forma mais abrangente para com a Força Terrestre.

Apesar dessa limitação, a reflexão acerca do tema e os dados trazidos apresentam um avanço no entendimento de uma lacuna existente em nossa literatura acadêmica, que pode ser relevante no planejamento de futuras missões. Ações promotoras de resiliência antes e durante as missões podem colaborar muito com a manutenção da saúde mental do combatente, prevenindo o trauma e a ocorrência de transtorno de estresse pós-traumático³⁴. Pensa-se que, por terem tal relevância na manutenção da saúde e operacionalidade dessas ações, os líderes de unidade, subunidade e fração devem buscar criar oportunidades, de forma consciente e planejada, para que possam ser vivenciadas experiências que fomentem os pilares de resiliência. Conhecer a teoria que cerca esse constructo e ser conscientes de suas próprias capacidades e recursos é um passo inicial concreto para a realização dessa ação. ■

Agradecimentos. Os autores agradecem aos participantes do estudo, que, por meio do questionário, compartilharam sua experiência. Em especial, agradecem ao Cel Alessandro Visacro e ao Prof. Dr. Tássio Franchi por suas pertinentes e valiosas contribuições ao manuscrito.

Referências

1. "Background Note: United Nations Peacekeeping", United Nations (UN) [ONU] Peacekeeping, April 2014, acesso em 8 out. 2018, <https://peacekeeping.un.org/sites/default/files/background-note.pdf>.
2. UN, "United Nations Peacekeeping Operations: Principles and Guidelines" (New York: UN, 2008).
3. Ibid.
4. Adriana Erthal Abdenur, Giovanna Kuele, Maiara Folly e Gustavo Macedo, "O Brasil e a MINUSTAH: Lições a partir da literatura acadêmica", in Eduarda Passarelli Hamann e Carlos Augusto Ramires Teixeira, eds., *A Participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): Percepções, Lições e Práticas Relevantes para Futuras Missões* (Rio de Janeiro: Instituto Igarapé/CCOPAB, 2017), p.101-111.
5. Ibid.
6. Floriano Peixoto Vieira Neto, "Epopéia militar brasileira no Haiti", in Eduarda Passarelli Hamann e Carlos Augusto Ramires Teixeira, eds., *A Participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): Percepções, Lições e Práticas Relevantes para Futuras Missões* (Rio de Janeiro: Instituto Igarapé/CCOPAB, 2017), p.16-23.
7. Ibid.
8. Abdenur et al., "O Brasil e a MINUSTAH".
9. "Fatalities", UN Peacekeeping, 31 dec. 2018, acesso em 8 out. 2018, <https://peacekeeping.un.org/en/fatalities>.
10. Gary R. VandenBos, ed., *Dicionário de Psicologia da APA*, trad. Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese e Maria Cristina Monteiro (Porto Alegre: Artmed, 2010).
11. Peter A. Levine e Ann Frederick, *O Despertar do Tigre* (São Paulo: Summus, 1999); Peter A. Levine e Maggie Kline, *Trauma-Proofing Your Kids: A Parents' Guide for Instilling Confidence, Joy and Resilience* (Berkeley, CA: North Atlantic Books, 2008).
12. David W. Krueger, "Developmental and Psychodynamic Perspectives on Body-Image Change", in Thomas F. Cash e Thomas Pruzinsky, eds., *Body Images: Development, Deviance and Change* (New York: The Guilford Press, 1990), p. 255-271; David W. Krueger, "Body Self: Development, Psychopathologies and Psychoanalytic Significance", *The Psychoanalytic Study of the Child* 56, no. 1 (2001): p. 238-262; David W. Krueger, *Integrating Body Self and Psychological Self: Creating a New History in Psychoanalysis and Psychotherapy* (Nova York: Brunner-Routledge, 2002).
13. American Psychiatric Association (APA), *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5)*, 5th ed. (Arlington, VA: APA, 2013).
14. Ibid.
15. Ibid.
16. Krueger, "Developmental and Psychodynamic Perspectives".
17. Wanderson Fernandes de Souza, *Sintomas de Estresse Pós-Traumático Em Militares Brasileiros Em Missão De Paz No Haiti* (dissertação de mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007).
18. Boris Cyrulnik, *Autobiografia de Um Espantalho. Histórias de Resiliência: O Retorno à Vida* (São Paulo: Martins Fonte, 2009); Ronald C. Kessler, Amanda Sonnega, Evelyn Bromet, Michael Hughes e Christopher B. Nelson, "Posttraumatic Stress Disorder in the National Comorbidity Survey", *Archives of General Psychiatry* 52, no. 12 (Dec. 1995): p. 1048-1060.
19. Boris Cyrulnik, *Os Patinhos Feios* (São Paulo: Martins Fontes, 2004).
20. Janyce G. Dyer e Teena Minton McGuinness, "Resilience: Analysis of the Concept", *Archives of Psychiatric Nursing* 10, no. 5 (Oct. 1996): p. 276-282.
21. Cyrulnik, *Os Patinhos Feios*.
22. Kathryn M. Connor e Jonathan R.T. Davidson, "Development of a New Resilience Scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC)", *Depression and Anxiety* 18, no. 2 (Sept. 2003): p. 76-82.
23. David Fletcher e Mustafa Sarkar, "Psychological Resilience: A Review and Critique of Definitions, Concepts, and Theory", *European Psychologist* 18, no. 1 (2013): p. 12-23.
24. Suniya S. Luthar, Dante Cicchetti e Bronwyn Becker, "The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work", *Child Development* 71, no. 3 (2000): p. 543-562.
25. Aldo Melillo e Elbio Nestor Suarez Ojeda, eds., *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (Porto Alegre: Artmed, 2005).
26. Edith Henderson Grotberg, "Introdução: Novas Tendências em Resiliência", in Aldo Melillo e Elbio Nestor Suarez Ojeda, eds., *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (Porto Alegre: Artmed, 2005): p. 15-22.
27. Cyrulnik, *Os Patinhos Feios*.
28. Luthar et al., *The Construct of Resilience*.
29. O questionário criado para o levantamento dos dados foi desenvolvido especificamente para esta pesquisa, após revisão de literatura que identificou ações promotoras de resiliência usadas em missões militares no Brasil e ao redor do mundo. Foi construída uma lista de ações/situações, as quais compuseram o questionário. Os respondentes deveriam julgar as situações/ações em relação à sua efetividade no controle da angústia, estresse e manejo das situações adversas.
30. O Efetivo da 1ª Cia Fuz, do 14º Contingente/BRABATT1 era composto por dois pelotões oriundos do 71º BI Mtz, com sede em Garanhuns-PE; um pelotão oriundo do 72º BI Mtz, com sede em Petrolina-PE; um pelotão das FFAA Paraguias e a Seção de Comando mobiliada por militares do 71º BI Mtz. O escalão SU foi escolhido pelo fato de seus oficiais e praças estarem diretamente envolvidos tanto com as atividades desenvolvidas internamente na Base Charlie, que possuem caráter administrativo, quanto com as operações nas ruas, as quais possuem o componente tático/operacional mais evidenciado.
31. O cluster hierárquico que aqui se apresenta foi gerado pelo método de extração Ward, calculado com distância euclidiana ao quadrado, sem normalização dos escores. Foi usado software SPSS 20 e adotado intervalo de confiança de 95%.
32. Foi feito o teste Qui-Quadrado, adotando intervalo de confiança de 95%. Foi usado o software SPSS 20.
33. Peter A. Levine, *In an Unspoken Voice: How the Body Releases Trauma and Restores Goodness* (California: North Atlantic Books, 2010).
34. Paul T. Bartone, "Resilience Under Military Operational Stress: Can Leaders Influence Hardiness?", *Military Psychology* 18, Suppl. (Jan. 2006): p. S131-S148; Susan M. Orsillo, Lizabeth Roemer, Brett T. Litz, Pete Ehlich e Matthew J. Friedman, "Psychiatric Symptomatology Associated with Contemporary Peacekeeping: An Examination of Post-Mission Functioning among Peacekeepers in Somalia", *Journal of Traumatic Stress* 11, no. 4 (Oct. 1998): p. 611-625.

Combat Studies Institute



The Past is Prologue

Military Review

The Professional Journal of the U.S. Army

NCO JOURNAL

Tenente-Coronel

Carlos Eduardo Osses Seguel



A equipe da *Military Review* aproveita esta ocasião para expressar seu profundo agradecimento ao Tenente-Coronel Carlos Eduardo Osses Seguel, do Exército do Chile, por seu abnegado e incansável trabalho como redator-assessor da edição hispano-americana.

Além de realizar com distinção e supremo profissionalismo suas importantes atribuições editoriais, logrou fortalecer os estreitos laços de amizade entre os Estados Unidos da América e seu Exército, aprofundando o intercâmbio profissional e a compreensão mútua entre as respectivas instituições armadas.

Na qualidade de redator-assessor, o Tenente-Coronel Osses participou de todo o processo de publicação da edição hispano-americana da *Military Review*, assegurando sua qualidade. Como Oficial de Ligação do Exército do Chile junto ao Centro de

Armas Combinadas do Exército dos EUA, desempenhou exemplarmente todas as atribuições do cargo em todas as atividades de representação, deixando evidentes seus sólidos conhecimentos profissionais, o que lhe permitiu manter uma fluida ligação e intercâmbio profissional com seus colegas do Exército dos EUA e de outras nações.

O Tenente-Coronel Osses foi um digno embaixador de seu país e de seu respeitado Exército.

A equipe da *Military Review* e, em especial, aqueles de nós que tivemos o privilégio de trabalhar estreitamente com o Tenente-Coronel Osses em todas as fases de produção da edição hispano-americana nos despedimos de um colega e amigo por quem guardamos o mais alto grau de respeito e afeto. Desejamos-lhe pleno êxito em seu novo destino profissional e expressamos nossos mais sinceros votos de felicidade à sua distinta família.